



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

A RECEPÇÃO DO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL* NOS MANUAIS DE  
LINGUÍSTICA BRASILEIROS: UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

SÃO CARLOS  
2015



Universidade Federal de São Carlos

Marco Antonio Almeida Ruiz

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A RECEPÇÃO DO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL* NOS MANUAIS DE LINGUÍSTICA  
BRASILEIROS: UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ  
Bolsista: CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

R934rc Ruiz, Marco Antonio Almeida.  
A recepção do *Curso de Linguística Geral* nos manuais de  
linguística brasileiros : um acontecimento discursivo / Marco  
Antonio Almeida Ruiz. -- São Carlos : UFSCar, 2015.  
124 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2015.

1. Linguística - história. 2. Epistemologia. 3. Saussure,  
Ferdinand de, 1857-1913. 4. Linguística - manuais, guias,  
etc. I. Título.

CDD: 410.9 (20<sup>a</sup>)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

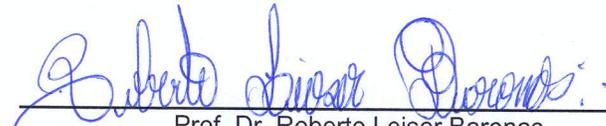
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

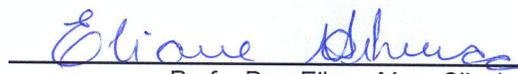
---

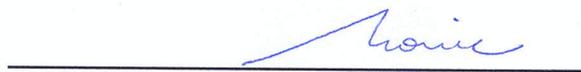
**Folha de Aprovação**

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Marco Antonio Almeida Ruiz, realizada em 19/02/2015:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas  
UFSCar

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Eliane Mara Silveira  
UFU

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori  
UFSCar

## **Dedicatória**

A Milton, Regina e Luís Henrique, sem vocês esta conquista não seria possível. Amo vocês.

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me conduziu até aqui e me cercou de grandes oportunidades e privilégios.

Ao meu primeiro e tão primoroso lar, Regina e Milton, exemplos de amor, carinho e bondade que me ensinaram valores espirituais e humanos, que me conceberam nesta vida e fizeram de mim um ser melhor.

Ao meu irmão, Luís Henrique, pelo companheirismo de sempre, pelo carinho e pela torcida constante diante da realização de meus projetos de vida. Obrigado pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, Roberto Leiser Baronas, pessoa incrível e especial. Obrigado por acreditar e confiar em mim, pela amigável acolhida na graduação e, agora, nesta etapa tão importante para mim, o mestrado. Agradeço pelo seu empenho, pela sua dedicação, pelo seu carinho, pelas atentas orientações durante todo o percurso desta pesquisa, pelos ensinamentos tão importantes para o meu crescimento profissional e pessoal. Tenho em ti um exemplo eterno.

À professora Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori, pela amizade, pelas atentas orientações ao longo de todo o meu percurso acadêmico, desde a graduação até o presente momento. Obrigado por despertar em mim a paixão pela linguística e por Saussure. Agradeço as importantes contribuições feitas na banca de qualificação, tão valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa, pela leitura tão cuidadosa e singular.

À professora Dra. Eliane Mara Silveira pela dedicação atenta à leitura, pelas sugestões de pesquisa tão valiosas para o aprimoramento de meu texto, pela forma generosa com que conduziu suas intervenções na banca de qualificação.

Aos professores Dirceu Cleber Conde e Maria Luceli Batistote que, gentilmente, aceitaram o convite de professores suplentes na minha banca de defesa.

À Lígia Menossi, amiga muito especial. Obrigado pela amizade, pela dedicação, pelo carinho, por acreditar e confiar em mim em todas as minhas decisões, dúvidas, inseguranças ou incertezas. Você é família.

Ao André e Felipe Araújo, amigos muito especiais e pessoas incríveis. Vocês são muito importantes para mim. Vocês são família. Obrigado por fazerem parte da minha vida.

À Milena Telles, amiga querida, nossas conversas fizeram minhas ideias brotarem e nossa amizade crescer.

À Camila Pigão, amiga de todas as horas que desde o início me apoiou e esteve comigo em todos os momentos importantes. Obrigado pelo carinho, pela amizade e pela companhia.

À Clarissa Conti, amiga querida. Agradeço imensamente seu olhar atento e suas contribuições para com o meu texto.

Aos muitos amigos que fiz em São Carlos, em especial, Paula Mesti, Cláudio, Rilmara, Lívia, Mariana Menossi, a presença de vocês torna a vida melhor.

Aos amigos e companheiros de caminhada linguística Jackson Souza e Luciana Rugoni. Agradeço a companhia de vocês e as ótimas risadas ao longo de nosso percurso acadêmico.

Aos colegas de grupo LEEDIM, Samuel Ponsoni, Tamires, Jorcemara, Renata, Gleice, D. Eliane e S. Estevam. Minhas quartas-feiras como mestrando são sempre melhores na companhia de vocês.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A  
verdade mora no silêncio que existe em volta das  
palavras. Prestar atenção ao que não foi dito, ler as  
entrelinhas. A atenção flutua: toca as palavras sem ser  
por elas enfeitiçada. Cuidado com a sedução da clareza!  
Cuidado com o engano do óbvio!

Rubem Alves

A importância de uma coisa não se mede  
com fita métrica, nem com balanças ou  
barômetros. A importância de uma coisa  
deve ser medida pelo encantamento que ela  
produz em nós.

Manoel de Barros

## Lista de ilustrações

<b>Figura 1</b> Capa da edição brasileira do CLG.....	84
<b>Figura 2</b> Capa da 6ª edição dos <i>Princípios de Linguística Geral</i> , de Mattoso Câmara .....	93
<b>Figura 3</b> Esquema proposto por Mattoso Câmara Jr. na descrição dos conceitos língua e fala.....	97
<b>Figura 4</b> Capa da 1ª edição do livro <i>Fundamentos da Linguística Contemporânea</i> , de Edward Lopes .....	99
<b>Figura 5</b> Capa da 1ª edição do livro <i>Para compreender Saussure</i> , de Castelar de Carvalho .....	104
<b>Figura 6</b> Esquema proposto por Castelar de Carvalho na página 141 do livro <i>Para Compreender Saussure</i> .....	106
<b>Quadro 1</b> Comparação entre a organização estrutural das obras CLG e PCS.....	109
<b>Quadro 2</b> Oposição (criada) entre os conceitos de <i>língua</i> e <i>fala</i> no manual de Castelar de Carvalho .....	113

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>13</b>
<b>Résumé.....</b>	<b>14</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Os diferentes modelos de investigação científica: do paradigma à noção de acontecimento .....</b>	<b>24</b>
<b>1.1 A epistemologia de Thomas S. Kuhn: o paradigma científico .....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 A epistemologia de Imre Lakatos: a metodologia dos programas de pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>1.3 O contexto epistemológico da Teoria das Ideologias: a Análise do Discurso enquanto campo do saber e a investigação dos acontecimentos discursivos .....</b>	<b>30</b>
<b>1.4 O acontecimento como modelo de investigação científica: o que a Análise do Discurso tem a nos dizer? .....</b>	<b>35</b>
1.4.1 O Acontecimento discursivo: discurso e enunciado .....	40
1.4.2 A imagem contemporânea de Saussure enquanto operadora de memória .....	46
1.4.3 Do acontecimento discursivo à narrativa do acontecimento.....	49
<b>CAPÍTULO 2 – Do acontecimento filológico-dialetológico ao <i>acontecimento CLG</i>: a Linguística Brasileira.....</b>	<b>56</b>
<b>2.1 O cenário inicial: a influência dos filólogos e dialetológicos no contexto brasileiro .....</b>	<b>59</b>
<b>2.2 Mattoso Câmara na linguística brasileira: um ponto de partida para a recepção do CLG.....</b>	<b>64</b>
<b>2.3 A recepção do pensamento saussuriano no Brasil: as narrativas dos manuais de linguística brasileiros .....</b>	<b>69</b>
2.3.1 A <i>vulgarização</i> nos manuais de linguística brasileiros: um discurso didático?.....	71
<b>CAPÍTULO 3 – O acontecimento na Linguística Brasileira: as diferentes construções editoriais das narrativas sobre o <i>acontecimento CLG</i>.....</b>	<b>76</b>
<b>3.1 O acontecimento CLG nos manuais de Linguística brasileiros .....</b>	<b>84</b>
3.1.1 Descrição do acontecimento histórico e a elaboração de um livro póstumo: O Curso de Linguística Geral .....	84
3.1.2 Do <i>Curso de Linguística Geral</i> às diferentes narrativas dos manuais de linguística brasileiros .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>119</b>
--	------------

## Resumo

A década de 1940 é marcada por um expressivo interesse pela história da língua portuguesa, o que proporcionou um momento de irrupção da linguística brasileira. Embora já houvesse antes desse período de estudos inúmeras pesquisas que buscavam compreender e investigar a linguagem no Brasil, especialmente, a partir dos mirantes gramatical, histórico-dialetológico e da crítica textual, é com a publicação de *Princípios de Linguística Geral*, em 1941, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., que uma mudança de paradigma se viu na história da linguística brasileira. Essa obra representaria, a rigor, a transição entre uma linguística tradicional e a moderna (estrutural). Ao longo desses últimos anos, tais estudos no Brasil cresceram expressivamente; podemos dizer que saíram do completo anonimato com os trabalhos pioneiros de Mattoso Câmara, chegando em 2015 como uma das ciências brasileiras mais fecundas, haja vista o grande número de apresentações e publicações de trabalhos relevantes em eventos e revistas da área, tanto no Brasil quanto no exterior. A linguística brasileira, entretanto, ainda conta com poucas pesquisas, sobretudo no âmbito dos estudos discursivos, que procuram explicitar a sua história. Desta forma, nesta dissertação de mestrado, objetivamos investigar a recepção do acontecimento Curso de Linguística Geral (CLG) em três manuais de linguística brasileiros: *Princípios de Linguística Geral*, de Mattoso Câmara Jr.; *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes e; por fim, *Para Compreender Saussure*, de Castelar de Carvalho, considerando como objeto de reflexão os conceitos de *língua e fala*. Para tanto, ancoramos nosso trabalho nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa. Mobilizamos, mais especificamente, as contribuições de Jacques Guilhaumou (2009) no tocante aos conceitos de acontecimento discursivo e de narrativa do acontecimento. Frequentamos um *corpus* constituído por manuais de linguística publicados no Brasil a partir dos anos quarenta do século XX que buscam explicar e/ou *didatizar* o CLG. Buscamos investigar o papel que tais manuais assumem a partir da interpretação da leitura do Curso de Saussure, com vistas a contribuir, dessa maneira, para uma elucidação discursiva dos percursos históricos pelos quais passou(a) a linguística praticada no Brasil, assim como analisar os diferentes efeitos de sentidos criados a partir das diferentes narrativas produzidas.

**Palavras-chave:** Epistemologia; pensamento saussuriano; *Curso de Linguística Geral*; manuais de linguística.

## Résumé

Les années 1940 sont marquées par un expressif intérêt pour l'histoire de la langue portugaise, ce qui y a procuré le moment d'irruption de la linguistique brésilienne. Bien qu'il y ait déjà eu avant cette période d'études de nombreuses recherches visant à comprendre et à étudier le langage au Brésil, en particulier à partir du point de vue grammatical, historico-dialectologique et de la critique textuelle, c'est avec la publication de *Principes de Linguistique Générale* en 1941, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., que l'on a vu un changement de paradigme dans l'histoire de la linguistique brésilienne. Cette œuvre représenterait, à rigueur, la transition entre une linguistique traditionnelle et celle moderne (structurelle). Au cours de ces dernières années, ces études au Brésil se sont beaucoup développées et nous pouvons dire qu'elles sont sorties de l'anonymat complet avec les travaux pionniers de Mattoso Câmara Jr. et que sont arrivées, en 2015, comme l'une des sciences brésiennes le plus fécondes, étant donné le grand nombre de présentations et de publications de travaux importants dans des événements et des revues du domaine au Brésil et à l'étranger. La linguistique brésilienne compte encore peu de recherches, en particulier dans le cadre des études discursives cherchant à expliciter son histoire. Ainsi, dans ce mémoire, nous visons à enquêter sur la réception de l'événement *Cours de Linguistique Générale* (CLG) dans trois manuels de linguistique brésiliens: *Princípios de Linguística Geral*, de Mattoso Câmara Jr.; *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes et; enfin, *Para Compreender Saussure*, de Castelar de Carvalho, en considérant comme un objet de réflexion les concepts de la langue et de la parole. Pour ce faire, nous ancrons notre travail sur les présuppositions théorico-méthodologiques de l'Analyse de Discours d'orientation française. Nous mobilisons, plus spécifiquement, les contributions de Jacques Guilhaumou (2009) en ce qui concerne les concepts d'événement discursif et de récit d'événement. Nous servons d'un *corpus* constitué de manuels de linguistique publiés au Brésil à partir des années quarante du siècle dernier, cherchant à expliquer et/ou à didactiser le CLG. Nous cherchons à étudier le rôle que ces manuels assument à partir de l'interprétation de la lecture du Cours de Saussure, en contribuant ainsi à une élucidation discursive des parcours historiques par lesquels la linguistique pratiquée au Brésil passe et est passée, et nous avons cherché également à analyser les différents effets de sens créés à partir des différents récits produits.

**Mots-clés:** épistémologie; pensée saussurienne; *Cours de Linguistique Générale*; manuels de linguistique brésiliens.

## Abstract

The 1940s is marked by a significant interest in the history of the Portuguese language providing for themselves the moment of eruption of the Brazilian linguistic. Although there were already before this period of study, many studies seeking to understand and investigate the language in Brazil especially from the viewpoints grammatical, historical and dialectological and textual criticism, is the publication of *Principles of General Linguistics* in 1916, of Joaquim Mattoso Câmara Jr., a paradigm shift was seen in the Brazilian language of history and its moment of eruption in this scenario. This work would, strictly speaking, the transition between a traditional linguistic and modern (structural). Over the past few years, such studies in Brazil have grown a lot, we can say that came out of complete anonymity with Mattoso of pioneering work and they arrived, in 2015, as one of the most prolific Brazilian science, given the large number of presentations and publications work relevant events and magazines in the area in Brazil and abroad. The Brazilian linguistic also has little research, especially in the context of discourse studies, seeking to explain the history. Thus, this final work, we aim to investigate the event of reception *Course of General Linguistics* (CLG) in three Brazilian linguistics manuals: *Princípios de Linguística Geral*, of Mattoso Câmara Jr.; *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, of Edward Lopes and; finally, *Para Compreender Saussure*, of Castelar de Carvalho, considering as an object of reflection the concepts of language and speech. Therefore, we anchor our work in theoretical and methodological assumptions of the French orientation of Discourse Analysis. We mobilized, more specifically, the contributions of Jacques Guilhaumou (2009) with respect to event concepts and discursive event of the narrative. We attend a corpus consisting of linguistic manuals published in Brazil from the forties of the last century, seeking to explain and / or didactic of the CLG. We seek to investigate the role that such textbooks assume from the interpretation of the reading of Saussure's *Course*, contributing in this way to a discursive elucidation of historical paths, beside, how they pass or passed the linguistic practiced in Brazil, as well as analyze the different effects directions created from different narratives produced.

**Keywords:** Epistemology; saussurean thought; *Course of General Linguistics*; linguistic of manuals.

## INTRODUÇÃO

Um livro deve valer por tudo o que nele não  
deveu caber  
Guimarães Rosa

Atualmente, falar de linguística<sup>1</sup> significa tratar de questões que envolvem o nome de Ferdinand de Saussure e as contribuições teóricas oriundas de seu livro póstumo, o *Curso de Linguística Geral*,<sup>2</sup> publicado em 1916. Suas ideias, no contexto do início do século XX, suscitaram uma verdadeira revolução no desenvolvimento da ciência linguística e contribuíram para que se extrapolassem as margens da disciplina linguística para serem inspiradoras das ciências humanas, tornando-a uma “ciência piloto”. De tal forma, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (BENVENISTE, 2005, p. 34).

São, pois, as contribuições de F. de Saussure no CLG, enquanto acontecimento histórico, o norte e o fio condutor de nossa reflexão. Deste modo, neste trabalho, procuramos fazer um exame da recepção dessa obra em solo brasileiro, tomando como material de análise três manuais de linguística brasileiros produzidos do início da década de 1940 até a década de 1980. São eles: *Princípios de Linguística Geral*, de Mattoso Câmara Jr.; *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes e, por fim, *Para Compreender Saussure*, de Castelar de Carvalho. Ademais, considerando a influência do Curso na construção de um modelo científico do início do século XX, observaremos como tal influência se reverbera e é retomada nos manuais de linguística, proporcionando (re)significações em certas conceituações teóricas, tais como os conceitos de *língua* e *fala*.

É certo que hoje há muitas discussões em torno da obra póstuma de Saussure. Para alguns leitores, trata-se de um pensamento inacabado, incompleto, organizado com base em anotações de seus alunos durante os cursos na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 a 1911. Falar do autor genebrino hoje requer, muitas vezes,

---

<sup>1</sup> Este termo circunscreve-se em torno do paradigma oriundo da teoria saussuriana.

<sup>2</sup> Daqui em diante, CLG ou Curso.

retomar esse grande acontecimento na história da linguística. O Curso não se formulou a princípio como um pensamento concreto, caracterizando-se por sua origem num momento de transmissão oral, que nunca sequer foi pensado para ser escrito como livro, no sentido de uma publicação unitária, decorrente de uma produção intelectual que alguém, assumindo o lugar de “autor”, quer dividir com uma determinada comunidade científica, por exemplo.

Saussure é sem dúvida o teórico mais representativo da ciência linguística, a partir do momento em que propõe uma “revisão” do paradigma de estudos empreendidos até então, conhecidos como Linguística Histórica. Com base nessa nova forma de olhar a língua, ele é responsável por dar início a um novo modelo de investigação científica em torno da língua/linguagem, elaborando, desta forma, alguns dos conceitos considerados pilares de sustentação de sua teoria. As famosas dicotomias<sup>3</sup>, muito difundidas, marcaram profundamente o ramo dos estudos linguísticos, influenciando de tal modo a maneira de pensar e reproduzir o seu novo objeto de estudo, a *língua*.

Empreender uma volta às conceituações e pressupostos teóricos saussurianos pode não somente fornecer novos fundamentos à ciência da linguagem, mas também contribuir para que um arcabouço seja fortificado com base nas (re)leituras de sua obra primeira, datada de 1916, bem como trazer à tona algumas nuances do plano teórico que ele propunha em sua época, na sua reconstituição. Desta forma, aliado a essa investigação, estaríamos também tentando descrever essas nuances, bem como os contornos e os desenvolvimentos de uma disciplina linguística no cenário brasileiro.

Diante disso, para nossa empreitada, tomamos essa recepção do Curso enquanto *acontecimento*, considerando as condições de produção da linguística no contexto brasileiro a partir do surgimento de manuais de linguística que, a sua maneira, constroem leituras particulares da obra póstuma de Saussure, produzindo novos efeitos de sentido

Nesse sentido, poderíamos pensar num *acontecimento CLG* – enquanto acontecimento histórico – sendo (re)produzido, (re)contado, (re)visitado por estes materiais que configuram uma recepção um tanto quanto peculiar, pois, associados ao gênero “manual”, têm como principal característica a simplificação de certas conceituações teóricas e, com isso, assumem uma configuração de ordem didática.

---

<sup>3</sup> São elas: língua/fala; significante/significado; sincronia/diacronia e sintagma/paradigma.

Em outras palavras, os manuais tem como objetivo primeiro instruir, de forma clara, sobre determinados conceitos teóricos, passando-os didaticamente. Nesse processo de didatização, muitas vezes, cria-se uma nova significação dos conceitos, pois ocorre um processo de simplificação e generalização, produzindo, deste modo, novos sentidos. Se pensarmos tais considerações nas leituras do CLG elaboradas pelos manuais, teríamos, assim, a delimitação de um pensamento um tanto complexo e bastante discutido devido a natureza da produção editorial da obra.

Ao contrário do que conhecemos em relação aos modelos de investigação científica, representados metonimicamente pelas figuras de Thomas Kuhn e Imre Lakatos no interior das ciências físicas e naturais, neste trabalho, propomos analisar a recepção, no Brasil, do modelo de investigação promovido pelo CLG no início do século XX, a partir das considerações teóricas desenvolvidas nas ciências humanas, especialmente a Teoria das Ideologias da disciplina Análise do Discurso<sup>4</sup> de orientação francesa. Diante do exposto, se retornarmos aos princípios de Lakatos (1971, 1979, 1983), ele reconhece que pode haver vários programas de pesquisa que concorrem entre si buscando dar conta de explicar o mesmo objeto, ou ainda se retomarmos Kuhn (1962), segundo sua perspectiva um paradigma se sobressairia ao outro. Contudo, tais perspectivas não dão conta, por exemplo, de descrever e interpretar como são construídas numa relação de litígio as diferentes narrativas históricas que constituíram tais ciências.

Assim, para nosso trabalho, mobilizaremos as noções de acontecimento discursivo e, mais especificamente, o conceito de narrativa do acontecimento proposto por Jacques Guilhaumou (2009), inserida na perspectiva da Teoria das Ideologias, que pode nos explicar essa lacuna deixada inicialmente.

Após uma breve exposição entre os diferentes modelos científicos, buscando delimitar as diferenças entre eles, investigaremos, com base na noção de acontecimento, a constituição dos discursos que são produzidos pelos três manuais de linguística selecionados que (re)contam algumas das conceituações saussurianas desenvolvidas na obra de 1916, mais especificamente, os conceitos de *língua* e *fala*. Tratamos tais conceituações como acontecimentos discursivos que (re)dizem um determinado acontecimento histórico: o CLG. Para nosso empreendimento analítico, em vez de chamarmos de *paradigma saussuriano* (de acordo com Kuhn) ou

---

<sup>4</sup> Doravante, vez ou outra, AD.

*programa de pesquisa saussuriano* (Lakatos), chamaremos, no interior da AD francesa, de *acontecimento CLG*.

A fim de que possamos descrever as condições de produção que engendraram a construção das obras num cenário de desenvolvimento da linguística no Brasil e observar quais os efeitos de sentidos produzidos por elas a partir destas condições, optamos pela seleção de algumas das primeiras edições brasileiras de cada manual. Nossa escolha não é aleatória, todavia, pertence a um conjunto de um grande arquivo<sup>5</sup>, no qual as contribuições do CLG fazem parte.

Esses acontecimentos discursivos – as publicações das obras de Mattoso Câmara Jr., Edward Lopes e Castelar de Carvalho – podem estar associados a um conjunto de novos enunciados, que narram diferentemente a leitura feita do CLG por pesquisadores brasileiros. Trata-se de compreender o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica e sua repetição, ou seja, é singular por que a cada nova enunciação, a cada narrativa sobre o acontecimento, novos sentidos são criados, e estes por sua vez estão numa relação direta com outros enunciados já ditos, já (re)visitados e que circulam na sociedade. Não nos propomos a esclarecer o pensamento do linguista suíço em seu Curso, pelas principais reflexões desenvolvidas nos manuais selecionados, nem tampouco pretendemos esgotar o assunto, uma vez que realizamos um recorte de uma época do desenvolvimento da disciplina linguística no Brasil, a saber, o início da década de 1940.

Com base na Análise do Discurso de matriz francesa, mais especificamente a partir das categorias analíticas de acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento propostas por Guilhaumou (2009), a problemática de nossa investigação se pauta em uma questão básica: verificar em que medida os manuais de linguística brasileiros, publicados a partir dos anos quarenta do século XX, e que buscam explicar e/ou *didatizar* o pensamento saussuriano presente no CLG,

---

<sup>5</sup> O termo circunscreve-se ao conceito de “arquivo” empregado por Michel Foucault em sua *Arqueologia do Saber* (1969). Segundo o teórico, o “arquivo” se apresenta como elemento que designa o sistema de enunciabilidade do enunciado, isto é, é responsável pelo seu aparecimento ou não, permitindo um regime de possibilidades e impossibilidades de dizer. Aliado a isso, Foucault define que é pelo *a priori* histórico que se articula o domínio dos enunciados em práticas discursivas que funcionam como sistema de enunciados que fazem com que eles apareçam como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e como coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados – acontecimentos de um lado, coisas de outro, que Foucault chama de arquivo (FOUCAULT, 1969). Em geral, pode-se dizer, em suma, que o “arquivo”, segundo o teórico francês, trata-se do conjunto de discursos efetivamente pronunciados.

contribuíram para a recepção desse pensamento em solo brasileiro. Em virtude disso, buscamos analisar como a obra CLG é trazida para a linguística por meio dos manuais de linguística pré-selecionados, além de compreender como cada publicação (re)constrói os discursos ditos anteriormente pelo CLG, por meio de acontecimentos discursivos, que ensejem sua retomada ou repetição e constroem novos efeitos de sentidos a partir de novas narrativas. Assim, trazemos a recepção do CLG sob a luz da noção de acontecimento discursivo, representado pelas edições dos manuais de linguística selecionados e, ao mesmo tempo, vemos, ao longo de uma história não linear, alguns dos principais eventos que marcaram o fazer científico da linguística no contexto brasileiro.

Escrever uma dissertação sobre a recepção da teoria saussuriana no Brasil, considerando o pouco tempo que nos é colocado, é um empreendimento que se defronta com as peculiaridades da obra. Nesse sentido, se pensarmos num conjunto de materiais e textos que envolvem e comentam tal teoria, é importante ressaltar que tal conjunto só existe porque em algum momento, na história da linguística, houve um grande acontecimento, a obra fundadora CLG. É possível afirmarmos que sem esse acontecimento as contribuições de F. de Saussure provavelmente teriam caído no anonimato e não teriam alcançado grandes fronteiras de discussão em torno de suas reflexões.

Seguindo essa forma de pensar sobre o Curso, é possível chegarmos a três pontos centrais de discussão: o primeiro refere-se ao trabalho dos editores na composição e organização da obra, que diante de grandes dificuldades dos materiais organizados a partir dos cursos de Saussure na Universidade de Genebra, realizaram, a nosso ver, um papel essencial para a divulgação da linguística; segundo, trata-se das dificuldades advindas da interpretação do livro, dado o fato de que o próprio pensamento do mestre genebrino não era conclusivo, mas sim, repleto de indagações teóricas; por fim, o terceiro ponto, que envolve alguns problemas quanto à forma como os conteúdos se apresentam na obra e as decisões dos editores sobre o que considerar de maior valor e relevância para a discussão linguística.

Gadet (1987) afirma que o CLG teve um forte impacto, a ponto de dividir os linguistas em partidários e adversários. Segundo ela, entre os partidários, destacam-se os estruturalistas, que analisam a língua como um sistema a partir dos pressupostos do Curso, os linguistas que buscam no livro uma fonte de reflexão sobre o estatuto da língua e da linguagem e aqueles que apenas o consideram como um discurso fundador

pelo qual o admiram. Já entre os adversários, a autora afirma que alguns autores consideram que o CLG inibiu o desenvolvimento de um pensamento tão rico e fecundo, bloqueando outras possibilidades de ver a linguística. Em sua obra *Saussure: une Science de la langue* (1987), Gadet adota o CLG como uma leitura fundamental, por ser ele o texto fundador, tendo suas fontes manuscritas adotadas como auxílio para a compressão da gênese de um texto de fontes heterogêneas.

É assim que o CLG suscita muita reflexão, porque seus axiomas são pensados de forma a dar conta dos aspectos gerais da língua, do objeto *língua*, considerando o que pode ser tomado como universal no funcionamento da linguagem humana. Nesse sentido, há nele afirmações válidas e abertas o suficiente para permitir novas abordagens e novos aportes teóricos que procuram abordá-lo por meio de outros vieses. Abordaremos sua recepção nos manuais de linguística enquanto acontecimentos que a sua maneira são contados por meio de diferentes narrativas, produzindo gestos de leituras e interpretações que (re)contam a presença da obra póstuma de F. de Saussure nos manuais de linguística em um momento de desenvolvimento da disciplina linguística no cenário brasileiro.

Com esta dissertação, buscamos também contribuir – se possível – para a instauração de novas leituras, novos gestos de interpretação da obra CLG, a partir dos pressupostos teóricos da AD. Acreditamos que muitas das leituras da obra de Saussure feitas pelos manuais, cujo objetivo é “vulgarizar” as contribuições da obra de 1916, justificam-se por esse hábito de apenas “repetir” o que já foi dito. Todavia, mesmo ao se “repetir”, novos sentidos são criados a partir do contexto de sua produção e organização, (re)significando-os.

Assim, apresentamos a seguir, o resultado de uma investigação sobre a recepção do *acontecimento CLG* no Brasil, observando como cada descrição narrativa, ou segmento da narrativa sobre este acontecimento, contribui para a construção de efeitos de sentidos distintos. Como exemplo, podemos citar o efeito de fundação, de divulgação, de simplificação ou, até mesmo, o efeito de idealização, em que se cria um “outro” Curso, diferente daquele publicado em 1916, preocupado apenas em mostrar as principais dicotomias saussurianas e que desconsidera conceitos outros também responsáveis pela escrita histórica da linguística moderna, como as contribuições sobre fonologia presentes no apêndice do CLG ou até mesmo da linguística geográfica, na quinta parte do livro. Como já expomos, nesta pesquisa empreendemos a tarefa de compreender essa recepção por meio da Análise do

Discurso, porque acreditamos haver novas possibilidades de interpretação, principalmente se considerarmos a presença de outros textos que na medida do possível auxiliam na compreensão do Curso, por meio de novas narrativas que (re)contam, sob seu ponto de vista, acontecimentos outros da história e trazem novas possibilidades de leitura.

Nossa análise discursiva será guiada à luz do batimento descrição/interpretação. Pretendemos fazer, mesmo que de maneira breve, uma descrição de outros aspectos, como composição e organização do material selecionado, que delineiam traços inerentes ao discurso didático e que, conseqüentemente, abrirão a possibilidade de identificar regularidades (e irregularidades) que constroem todo um imaginário social a partir da obra de 1916 de F. de Saussure.

Nossa dissertação de mestrado foi estruturada em três capítulos acrescidos de considerações iniciais, considerações finais e das referências bibliográficas. O primeiro e o segundo capítulos têm basicamente a mesma estrutura teórica; o terceiro configura nosso olhar para a materialidade linguística, com a análise discursiva propriamente dita.

Nesse sentido, o primeiro capítulo – *Os diferentes modelos de investigação científica: do paradigma à noção de acontecimento* – é composto pela discussão de dois momentos distintos dos modelos de análise científica, que são, entretanto, conexos. Abrimos o capítulo com um exame minucioso dos pressupostos teóricos que se ligam aos modelos de investigação de Thomas Kuhn e Imre Lakatos. Nosso objetivo neste primeiro momento é mostrar como se deu teoricamente os modelos propostos por Kuhn e Lakatos, também empregados no campo da linguística, contrapondo-os com a nossa perspectiva teórica, a AD. Num segundo momento do capítulo, fazemos um breve histórico da irrupção e do desenvolvimento da AD – guiados pelas contribuições de Denise Maldidier – no qual elucidamos alguns dos caminhos que percorreu seu principal ideólogo, Michel Pêcheux, no contexto francês dos anos 1960 para, após isso, fazermos a descrição e a interpretação dos dados. Deste modo, propomos tratar o modelo de investigação científica instaurado por Saussure no início do século XX por meio da noção de *acontecimento CLG*.

No segundo capítulo – *Do acontecimento filológico-dialetológico ao acontecimento CLG: a linguística brasileira* – abordamos algumas considerações sobre a Linguística Brasileira, fase em que se destacam a Filologia e a Dialetologia

como acontecimentos que precederam o chamado *Estruturalismo* em linguística. Além disso, destacamos nesse momento a figura de Joaquim Mattoso Câmara Junior, precursor dos estudos estruturalistas no Brasil e responsável por “abrir” as considerações de uma ciência linguística no contexto brasileiro, influenciado pelas ideias saussurianas.

No terceiro e último capítulo – *O acontecimento na linguística brasileira: as diferentes construções editoriais das narrativas sobre o acontecimento CLG* – explanamos como se constrói a noção de acontecimento embasados nas reflexões de Jacques Guilhaumou (1994, 2009), Michel Foucault (1970, 1969) e outros estudiosos que se dedicaram ao mesmo tema. Buscamos investigar como o *acontecimento CLG* nos manuais de linguística selecionados, (re)produzidos por acontecimentos discursivos, (re)tomam as principais conceituações teóricas de 1916 – a dicotomia *língua e fala* – e (re)diz de outro modo, a partir de narrativas do acontecimento. Ademais, destina-se a um debate analítico em torno dos efeitos de sentidos produzidos pelas diferentes construções narrativas em torno deste acontecimento no Brasil, trazendo à teoria saussuriana percursos e irrupções teóricas distintos.

É na esteira destas reflexões que esta pesquisa se constitui, buscando promover o surgimento de indagações em torno da fluidez das ideias que circulam no espaço social acerca da obra precursora da linguística moderna. Dar conta das questões arroladas é o objetivo último da presente dissertação.

### **Os diferentes modelos de investigação científica: do paradigma à noção de acontecimento**

É de fato difícil, quando se relê hoje a linguística do passado, fugir da luz que os conhecimentos atuais projetam ao reverso sobre as formulações de outrora.

MOUNIN, 1959 apud KOERNER, 1971a, p. 159

O presente capítulo objetiva mostrar que os modelos de investigação científica propostos por Thomas Kuhn e Imre Lakatos, embora muito pertinentes para descrever/interpretar as diferentes ciências que se ocupam de um mesmo objeto, não dão conta da relação de litígio pela qual são construídas as diferentes narrativas históricas que constituíram tais ciências. A articulação desses princípios nos possibilita uma análise hierárquica dos diferentes paradigmas, isto é, a supressão de um modelo metodológico por outro, ou o sucesso ou não de um programa de pesquisa, o que acarretaria o desenvolvimento de um novo programa concorrente ao anterior.

Após explanar ambas as perspectivas mencionadas, buscaremos mostrar uma metodologia de investigação científica baseada numa Teoria das Ideologias, com base na noção de acontecimento. Desse modo, não ficaríamos apenas na análise das hierarquias ou de sucesso dos diferentes paradigmas ou programas de pesquisa, mas trabalharíamos com a noção de tempo que ganha outra dimensão, pois nos permite descrever e interpretar os dados numa conjuntura histórica.

A seguir, expomos brevemente os dois modelos de investigação científica – de Kuhn e Lakatos – bastante conhecidos no meio acadêmico, tanto nas áreas de ciências físicas e naturais, quanto no interior da ciência linguística. Ademais, a fim de irmos além desses dois modelos, adotamos a perspectiva da Análise do Discurso, disciplina

oriunda do campo da linguística, que por meio de sua teoria das ideologias também explica as características no interior do seu próprio campo.

Desse modo, pretendemos com essa nossa exposição adotar alguns dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo a noção de acontecimento, para explicar, como podemos tratar certos momentos da história não como *paradigmas*, conforme Kuhn, ou como *programas de pesquisa*, seguindo Lakatos, mas sim, como *acontecimentos*.

Para nosso trabalho, focalizamos um movimento em específico no interior da linguística, que representou um grande marco na história por alavancar uma ruptura epistemológica na maneira como se pensava o objeto, a saber a irrupção da linguística estrutural promovida pela publicação do CLG de Ferdinand de Saussure.

Nesse sentido, tomamos a publicação do Curso e, conseqüentemente, todo o desenvolvimento teórico que ele implica, como um grande acontecimento marcado na história. A partir da publicação dessa obra, no início do século XX, tomando-a como acontecimento histórico, pôde-se pensar a linguística enquanto disciplina científica. Houve uma ruptura com a chamada Linguística Histórico-Comparativa, em que se redefiniu o objeto, o método e o campo da ciência da linguagem. Propôs-se passar da observação diacrônica dos fatos linguísticos que são materialmente observáveis à descrição sincrônica, sistêmica, das formas e funções linguísticas. É por meio desse acontecimento na história que podemos, posteriormente, encontrar acontecimentos discursivos, isto é, novos dizeres, novos olhares e novas interpretações sobre esse grande período. Esses acontecimentos discursivos são a irrupção de novos dizeres diante dos dizeres antes produzidos pelo Curso de 1916.

### **1.1 A epistemologia de Thomas S. Kuhn: o *paradigma* científico**

Thomas Kuhn, filósofo da ciência, afirmava que era possível distinguir, na evolução de qualquer ciência, períodos longos de estabilidade separados por períodos breves de instabilidade, crise e mudança. Ao primeiro período o pesquisador dá o nome de ciência normal, aos demais, de ciência extraordinária. De acordo com sua teoria as atividades científicas e toda a prática de resolução de problemas (tidos como quebra-cabeças) no interior de uma unidade metodológica são regidas pelo que o autor denomina *paradigma*, que definiu como “realizações científicas universalmente

reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modulares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1962, p. 13). Com base nesse modelo de investigação científica proposto por Kuhn é possível observar os movimentos de (des)construção de uma disciplina.

Diante disso, pode-se considerar o paradigma como o conjunto de regras implícitas que regem e regulam as práticas da atividade científica, tais como a definição do que vem a ser um problema, os métodos de observação dos fatos e as soluções possíveis seguindo suas regras de composição e organização. Essas regras que se impõem, segundo Kuhn, são tacitamente aceitas pelo grupo de cientistas que pratica a atividade científica durante o chamado período de “ciência normal”. Segundo o autor, o período de *ciência normal* é definido por uma atividade de resolução de *quebra-cabeças*, ou seja, não teve como objetivo principal preocupar-se em propor novidades no terreno dos fatos ou da teoria. Durante esse período, comportam-se inicialmente atividades como a determinação, com mais precisão, de fatos (no nível observacional) e conceitos (no nível teórico) que o novo paradigma mostrou ser importantes enquanto reveladores da estrutura íntima dos fenômenos estudados pela ciência normal

Há, porém, momentos em que os resultados experimentais obtidos no curso das atividades descritas podem ser contrários aos preditos com base no paradigma e na teoria dominante. Esses problemas, que muitas vezes não se tratam simplesmente como quebra-cabeças, são chamados por Kuhn de “anomalias”. Segundo o autor, a anomalia é um fenômeno para o qual o paradigma não prepara o cientista. A descoberta de fatos novos, não condizentes com a teoria em questão, contribui com o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal. Para tais fatos novos, propõe-se uma exploração e investigação mais ampla dos especialistas sobre a área, de modo a observar as “falhas” que resultaram na anomalia, até que se obtenha novamente uma harmonização entre teoria e dados, de tal forma que o anômalo se tenha convertido no esperado.

A resolução dessa anomalia pode ser obtida por meio de pequenos reajustes da teoria paradigmática, tornando-a assim mais um quebra-cabeças satisfatoriamente resolvido. Entretanto, quando se encontra uma anomalia que persiste no interior do paradigma dominante– e os cientistas tomam consciência disso – ou quando um certo número de anomalias permanece sem uma solução adequada, pode-se corroborar a

“crise” do paradigma vigente, que conduz a uma revolução científica, dando início ao período de ‘ciência extraordinária’.

A possibilidade de emergência de embriões de novas teorias e, com isso, um novo paradigma, é a característica fundamental de um período de ciência extraordinária, o que podemos observar devido ao relaxamento dos estereótipos e normas que regem o paradigma vigente que ocorre em determinados períodos. A crise, ao provocar novos questionamentos e versões sobre o paradigma, enfraquece as regras de resolução dos quebra-cabeças da ciência normal, de tal modo que permite a emergência de um novo paradigma a partir de uma nova concepção de ciência.

A partir da crise, embora muitos dos cientistas possam proporcionar o máximo de informação possível a respeito de seu modelo de investigação, começa-se a considerar novas alternativas de estudo, sem renunciar totalmente ao paradigma que os conduziu à crise. Ao longo de seus trabalhos, podem sugerir ajustes da teoria paradigmática a fim de “explicar” os fatos ocorridos, por meio de explicações mais ou menos especulativas ou experimentações que podem culminar na descoberta de novos fatos (e talvez novas anomalias). Desse modo, Thomas Kuhn afirma que,

decidir rejeitar um paradigma é sempre decidir simultaneamente aceitar outro e o juízo que conduz a essa decisão envolve a comparação de ambos os paradigmas com a natureza, bem como sua comparação mútua (KUHN, 1962, p. 108).

Assim o autor defende que rejeitar um paradigma sem simultaneamente substituí-lo por outro é rejeitar a própria ciência. Para Kuhn, um novo paradigma surge em decorrência do desaparecimento do paradigma precedente. Para isso, as crises, nesse período de ciência extraordinária, proporcionam um obscurecimento de um paradigma e o conseqüente relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal.

Por conseguinte, pode-se considerar a transição para um novo paradigma como uma revolução científica. Essas revoluções são causadas muitas vezes pela incompatibilidade de alguns fatos teóricos diante do paradigma vigente. Elas instigam um sentimento crescente de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja observação e desenvolvimento teórico foram desenvolvidos anteriormente pelo paradigma.

Diríamos, portanto, que terminada a revolução, inicia-se uma nova fase de ciência normal, em que o novo paradigma começa a ser articulado e o conjunto de conceituações teóricas se reformula, contribuindo para que uma outra história seja (re)escrita. Nessa nova etapa, passa-se a uma estabilidade do paradigma, que novamente é reproduzido em manuais, coleções de exercícios etc., o que reforça a teoria e seus métodos de empregabilidade.

## 1.2 A epistemologia de Imre Lakatos: a metodologia dos *programas de pesquisa*

Partindo das ideias propostas por Karl Popper<sup>6</sup>, seu antigo professor, Imre Lakatos é responsável por desenvolver uma *Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica* (MPPC), também chamada de modelo do *falseacionismo metodológico sofisticado*, com base numa explicação lógica do fazer científico. A tarefa a que se propõe é a construção de uma teoria da objetividade científica que não incorpore uma teoria representacional da verdade.

Diante dos fatos, e redefinindo a metodologia empregada por Popper, Lakatos buscou explicar o desenvolvimento da ciência empírica, contrapondo-se ao pensamento de Thomas Kuhn sobre o modelo de investigação científica baseado em paradigmas que se sucedem.

A história das ciências tem sido, e deve ser, uma história de programas de investigação competitivos (ou, se quiserem, de “paradigmas”), mas não tem sido, nem deve vir a ser, uma sucessão de períodos de ciência normal: quanto antes se iniciar a competição, tanto melhor para o progresso (LAKATOS, 1979, p. 69).

Com base num modelo racional e objetivo o estudioso discorda da proposta de Kuhn de que o conhecimento muda por “conversões” irracionais de um paradigma a outro. Lakatos defende a ideia de que sempre deve haver uma racionalidade metodológica no processo de desenvolvimento do conhecimento científico. Em seu

---

<sup>6</sup> Cf.: LAKATOS, Imre. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.) **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.

trabalho, define uma reconstrução da história das ciências que emerge num quadro muito diferente do cunhado por Kuhn. Em vez de paradigmas em sucessão, com base em revoluções científicas, tem-se programas de pesquisa em “competição”, que se destacam em momentos ocasionais de hegemonia de um ou outro programa, por razões que tendem a ser racionais a médio prazo.

Ao contrário de Thomas Kuhn, Lakatos (1979) propõe um conjunto de teorias que compartilham o mesmo núcleo firme que compõe os chamados *Programa de Pesquisa Científica* (PPC) ou *Programa de Investigação Científica* (PIC), cujos limites são dados pelo cinturão protetor. O núcleo firme não é passível de contestação e é definido como um conjunto de proposições e hipóteses que, com base na metodologia dominante, são dadas como não testáveis e compõem a “essência” do programa vigente.

O cinturão protetor é constituído por hipóteses e teorias auxiliares e, por meio de ajustes convenientes, pode explicar qualquer anomalia. Ele protege o núcleo firme, sendo constantemente expandido e modificado por novos questionamentos e hipóteses.

Essa metodologia compõe-se por uma heurística que trata de um conjunto de regras metodológicas do programa e pode ser vista de duas formas: a primeira, uma *heurística negativa*, cujas regras proíbem a refutação do núcleo e, a segunda, uma *heurística positiva*, que ao deparar alguma anomalia ou refutação no programa, permite que os cientistas possam orientar as modificações a ser feitas no cinturão protetor para superá-las.

Lakatos (1979), em seu trabalho, reconhece que pode haver vários programas de pesquisa concorrentes, diferentemente dos períodos de ciência normal vistos por Kuhn, nos quais apenas um paradigma dominante seria responsável pela orientação das pesquisas consideradas científicas em um determinado período da história. A questão, no entanto, é: como se faz uma opção entre programas de pesquisa concorrentes? Nas palavras de Lakatos, parte-se da avaliação do programa de pesquisa, por meio de regras que o caracterizam como modelos progressivos ou regressivos. Nesse sentido, um programa é progressivo quando cada modificação no cinturão protetor leva a fatos novos, o que o caracteriza como teoricamente progressivo e, na medida em que esses fatos novos são corroborados empiricamente, afirma-se que o PPC é também empiricamente progressivo. Já quando um programa

está regredindo ou degenerando, ele é incapaz de produzir novas teorias com maior poder.

Como vimos, um programa de pesquisa será progressivo enquanto estiver prevendo fatos novos. Pode-se considerar que um fato será dado como novo a partir do momento em que ele não fizer parte do conjunto de fatos para os quais a teoria foi especificamente proposta, isto é, ele será novo ou não conforme a heurística que levou à construção da teoria avaliada. Dessa forma, os fatos darão suporte a um programa (um conjunto de teoria que compartilham o mesmo núcleo e heurística), e, portanto, são considerados as unidades de análise da metodologia de Lakatos.

Quando o cientista se defronta com refutações em seu programa, sua atitude é salvaguardar o núcleo firme, fazendo alterações, se necessárias, nas hipóteses auxiliares que constituem o cinturão protetor do núcleo. Assim, a metodologia empregada pelo estudioso consiste em um programa de investigação historiográfica.

Nesse sentido, o desenvolvimento do conhecimento, depende essencialmente da existência de programas concorrentes. De acordo com o autor francês, o abandono de um programa de pesquisa científica somente poderá acontecer quando existir uma alternativa melhor (ou um outro programa melhor). O embate sempre se dará, no mínimo entre dois programas, e a superação de um por outro não acontece de maneira tão rápida. O processo constitui-se temporalmente extenso e necessário para que a nova metodologia de investigação adquira um núcleo firme e assim possa gozar de todas as explicações científicas diante do novo programa de pesquisa vigente.

### **1.3 O contexto epistemológico da Teoria das Ideologias: a Análise do Discurso enquanto campo do saber e a investigação dos acontecimentos discursivos**

Neste trabalho, utilizaremos a noção de *acontecimento* segundo a Análise do Discurso de orientação francesa toda vez que estivermos nos referindo às dimensões teóricas e/ou metodológicas da disciplina linguística. É importante ressaltar que iniciar uma pesquisa é buscar consolidar o alicerce que deve sustentar tudo o que está por vir e tornar seguro o trajeto que se pretende percorrer. Com isso, quando mobilizamos alguns dos conceitos na sua irrupção, tentamos descrever um pouco da

escrita da história<sup>7</sup> da Análise do Discurso (AD) por meio dos fatos do passado necessários para a reconstrução teórica do futuro. Ademais, explicitar o território por onde caminharemos, por meio dos pressupostos teóricos-chave, torna-se substancial para nosso trabalho.

Delinearemos um percurso histórico da AD, procurando assinalar alguns fatos importantes e alguns caminhos pelos quais esta disciplina se estabeleceu, no interior dos estudos linguísticos, e possibilitou a inserção deste trabalho, que tem os discursos acerca dos conceitos de *língua* e *fala* desenvolvidos no CLG, enunciados pelos três manuais de linguística selecionados como material de análise.

Com base em uma leitura althusseriana de O Capital de Karl Marx, a Análise do Discurso de orientação francesa surgiu com Michel Pêcheux, na França, na década de 1960. Naquele período, Pêcheux procurou construir uma Teoria Geral das Ideologias voltada para a linguagem. Seu objeto de estudo era o discurso político, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Pêcheux progressivamente, amadureceu, explicitou e retificou seu projeto.

A França foi um dos principais territórios de desenvolvimento da análise do discurso, ou, ao menos, o espaço em que pela primeira vez a análise do discurso foi definida sob esse nome como um empreendimento intelectual ao mesmo tempo teórico e metodológico. Ela se apoia sobre o estruturalismo numa relação polêmica<sup>8</sup>.

Se 1966 é o grande ano do estruturalismo<sup>9</sup>, o da análise do discurso é 1969. Nesse ano, a revista de linguística *Langages* dedica um número especial (o número 13) a um domínio novo chamado “análise do discurso”. No mesmo ano, Pêcheux publica seu livro intitulado *Análise Automática do Discurso* e Michel Foucault A

---

<sup>7</sup> Para este trabalho, filiamo-nos numa perspectiva historicista da análise do discurso de matriz francesa, a partir dos desdobramentos teórico-metodológicos de Jacques Guilhaumou (2009). Ao lado de figuras importantes como Régine Robin e Denise Maldidier, o autor procurou investigar a problemática relação entre a língua e a história e “os efeitos de sentido da materialidade da língua na discursividade de arquivo” (GUILHAUMOU, 2009, p. 7). Nesse sentido, Guilhaumou é responsável por expor “o desenvolvimento de uma trajetória que se inicia, nos anos 1970, pela tomada do discurso como objeto da História e caminha, até as pesquisas mais recentes, para dois percursos: de um lado, à *história linguageira dos conceitos*, de outro lado, em direção a uma *história dos acontecimentos discursivos* inscritos no interior da história das ciências da linguagem” (GUILHAUMOU, 2009, p. 8-9). Diante disso, seguiremos fielmente tais considerações teóricas para a descrição metodológica de nossa pesquisa.

<sup>8</sup> Podemos dizer, com base na literatura pertinente, que não há ainda uma história detalhada da emergência da análise de discurso na França. Encontramos, todavia, uma apresentação sugestiva em Angermüller (2013 b, p. 11-56) que coloca acento sobre as tendências pós-estruturalistas dessas correntes.

<sup>9</sup> Nesse ano, em particular, foram publicadas as obras *As palavras e as coisas* de Michel Foucault; *Os Escritos* de J. Lacan; *Crítica e verdade* de Roland Barthes; a *Semântica Estrutural* de A.-J. Greimas; *Os Problemas de linguística geral* de E. Benveniste.

*Arqueologia do Saber*, obras que, cada uma a seu turno, colocam o discurso no centro da reflexão.

O número 13 da *Langages* apresenta o termo “análise do discurso” ao mesmo tempo como título do conjunto do volume e como título da tradução em francês do artigo de Z. S. Harris, 1952<sup>10</sup>. Todavia, os artigos que compõem esse número da *Langages* propõem visões muito diferentes sobre esse novo campo de estudos.

Pêcheux, em sua *Análise Automática do Discurso* (AAD), conduziu pela primeira vez um objeto radicalmente novo: o discurso. Esta primeira “máquina discursiva” desempenhava para o autor o papel do momento quase mítico da fundação e também o do protótipo, remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente. A *Análise Automática do Discurso* é um livro original que chocou, lançando, a sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido. Paul Henry e Michel Plon, amigos de Pêcheux, contam como nasceu o projeto de construir uma máquina “que seria uma espécie de máquina de guerra, uma versão moderna do cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para aí produzir uma reviravolta” (MALDIDIÉ, 2003, p. 19).

Para a elaboração de uma análise automática, isto é, de um dispositivo técnico, complexo e informatizado, considerava-se a inscrição da reflexão sobre as práticas e os instrumentos científicos. Para isso, os instrumentos antes de se tornarem científicos, no entendimento de Pêcheux, não poderiam se constituir em simples técnicas.

No posto em que se encontrava, Pêcheux é confrontado com uma virada decisiva das humanidades, mais particularmente com a psicologia social. Centralmente, ele contesta que possa batizar de ciências as disciplinas que, sob o acobertamento do sujeito psicológico, ignoram, ou não querem saber, de sua relação com a política que, ainda por cima, se paramentam com os atributos da cientificidade emprestando seus métodos da estatística e da linguística. O dispositivo da análise do discurso como um instrumento científico é o primeiro modelo de uma máquina de ler que busca literalmente a leitura da subjetividade.

---

<sup>10</sup> O sintagma “análise do discurso” foi introduzido pelo linguista distribucionalista Z. S. Harris (1909 – 1992), em um artigo intitulado precisamente “*Discourse Analysis*” (Harris, 1952) em que “Discourse” designa uma unidade linguística construída de frases, portanto, um texto. Como Harris trabalha em uma perspectiva estruturalista, ele emprega o termo “análise” no seu sentido etimológico, isto é, o de decomposição.

Assim, com as contribuições de Pêcheux, as ciências humanas, no fim dos anos 1960, viu a fundação de uma nova disciplina: a Análise de Discurso. Segundo o autor (apud Malidier),

é impossível analisar um discurso como um texto. É necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de sua produção (PÊCHEUX, 1969 apud MALDIDIER, 2003, p. 23).

Posteriormente, o estudioso evocará, sob a expressão irônica da Trílice Entente, os nomes de Marx, Freud e Saussure. Marx e Freud são apenas evocados enquanto Saussure está mais presente, tomado por Pêcheux como o ponto de origem da ciência linguística. Nesse sentido, ele considera que o discurso não se constitui somente como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas. A “máquina discursiva” da Análise Automática do Discurso é a oficina em que se apreende o novo objeto.

A Análise Automática do Discurso foi desenvolvida mais para abrir questões do que para dar respostas; era preciso pensar mais profundamente a própria alma da máquina e, ao mesmo tempo, rever detalhes. Destarte, sua primeira experiência de informática faz Pêcheux sentir a necessidade da linguística.

Malidier (2003) afirma que a Análise do Discurso propõe que uma língua funcione segundo as regras “próprias” de fonologia, morfologia e sintaxe, isto é, a língua tem uma ordem própria, mas são postas a funcionar de uma forma ou de outra segundo o processo discursivo de que se trata numa certa conjuntura. O sentido é da ordem das formações ideológicas que se materializam em formações discursivas, que, por sua vez, são da ordem da história. Como especialidade desta área de estudos, temos o campo do sentido, sendo ele o resultado das enunciações, atos que se dão no interior de FDs, que determinam o que se diz e se pode dizer.

Percebemos que é a partir do materialismo histórico e da teoria das ideologias presente no texto “*Língua, linguagem, discurso*” de 1971 (na página do *L’Humanité*) que se dá verdadeiro fundamento aos estudos do discurso. Neste momento, há a indicação de novos objetos sobre o discurso, que é posto em relação com a ideologia, contribuindo para sua primeira formulação. Desta forma, o materialismo histórico tornou-se a posição explícita de onde se realizava a intervenção epistemológica contra uma dupla ameaça: a do empirismo, que segundo Malidier (2003) seria a

problemática subjetiva centrada no indivíduo, e a do formalismo, que confundiria a língua como objeto com o campo da linguagem.

Assim, com a influência de Althusser e seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, pôde-se pensar a noção de *pré-construído*. Despojado de qualquer sentido lógico, o *pré-construído* constituiu a reformulação da pressuposição no novo terreno do discurso. Com esse conceito foi possível pensar e apreender o interdiscurso, o conceito-chave para a construção teórica de Michel Pêcheux.

Com efeito, é publicado em 1975 *Semântica e Discurso*, o grande livro de Michel Pêcheux. Nesta obra, ele apresenta o estado mais acabado da teoria, o título em forma de enigma irreverente (em francês, *Les Vérités de La Palice*) em que Pêcheux é evocado como “patrono dos semanticistas.” Um livro em que o desenvolvimento do pensamento encontra a escrita. O discurso é a figura central do livro e liga todos os fios: da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política. Pêcheux propõe somente “alguns elementos conceptuais”. Para ele, a expressão “teoria do discurso” é só o nome “global” das questões que ele trabalha. Ela designa de qualquer modo, no livro *Semântica e Discurso*, o grande momento da ordenação dos conceitos.

Em virtude disso, 1975 também é o ano que marca o início da grande fratura, a reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo. Um período de tateamentos se abre, então, para as proposições de Pêcheux.

A abordagem do filósofo é ao mesmo tempo política e científica e busca mostrar as relações umbilicais entre linguagem e ideologia. Ou seja, para ele o funcionamento linguístico é determinado não somente pelas relações imanentes, mas, sobretudo, pela história. Assim, se considerarmos “o domínio da política e da produção científica, constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2011, p. 19).

Desde sempre Pêcheux tinha pensado a análise de discurso na tensão entre história e linguística. O reajuste que ele propunha tocava sobretudo a relação com os conceitos do lado da história. Destarte, ele foi um “obreiro”, semeador de ideias, de projetos, de programas, e trabalhou impossíveis “máquinas de ler” que abririam novas leituras. Infatigavelmente, leu e releu, fez ler e falou de suas leituras para que hoje pudéssemos considerar que tanto o sujeito quanto o discurso são afetados (atravessados) pelo interdiscurso e pela ideologia. Assim, diferentes discursos podem se relacionar de maneira indireta de acordo com sua formação discursiva. Desta

forma, todo discurso é atravessado por outros discursos e tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, definindo assim o interdiscurso. Por tais contribuições, a Análise de Discurso seria oficialmente consagrada como disciplina da linguística, somente no início dos anos 1983.

#### **1.4 O acontecimento como modelo de investigação científica: o que a Análise do Discurso tem a nos dizer?**

A noção de acontecimento é vista, nos estudos do discurso, como algo crucial. Nesse sentido, falar desse conceito requer buscar na esteira dos estudos discursivos a noção de enunciação, que é concebida como um fato que não se repete (diferentemente do enunciado), inscrita num dado espaço de memória, e inscreve-se na história, cuja noção é matéria-prima para sua existência.

Sírio Possenti (2009) afirma que o acontecimento relaciona a enunciação e a história, em que articular o encontro de uma memória e uma atualidade. O autor salienta ainda que a AD não concedeu ao conceito um lugar privilegiado, uma vez que a maioria das pesquisas sobre o tema aponta que o acontecimento fora identificado no interior de um arquivo, em que o foco estava no repetível e no estrutural. Assim, nos estudos discursivos conjugam-se forma e conteúdo, e se compreende a língua não apenas como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento de linguagem, retratado pela enunciação. A partir dessa reflexão, podemos pensar e identificar a noção de acontecimento como aquilo que foge à estrutura, ou a uma rede causal, ou uma origem. Ademais, o acontecimento é único, promovido pela enunciação.

Nesse sentido, para contribuir com essa reflexão, filiamo-nos aos conceitos desenvolvidos por Michel Foucault (1969) sobre a noção de *enunciado*, para pensarmos a recepção do CLG no cenário brasileiro como um acontecimento histórico, por meio dos três manuais de linguística selecionados.

Foucault (1969) é responsável por tratar a noção de acontecimento em relação à enunciação. O filósofo francês é um dos mais reconhecidos pensadores de nossa época, por ter proporcionado um vasto conjunto de pressupostos teóricos que não se vinculam a uma única corrente epistemológica. Pode-se dizer que seus trabalhos dialogam com campos de saberes distintos, como a filosofia, a psiquiatria, a história, a sociologia, a linguística, entre outros.

Dessa maneira, não é tarefa fácil explicitar as contribuições de suas obras, consideradas densas e bastante complexas. Seus métodos parecem reelaborar e enriquecer o campo das ciências humanas e sociais, dada a relevância de seu conteúdo. Foucault redefine alguns conceitos antes desenvolvidos e parte para um trabalho em que pensa em descontinuidades em vez de continuidades, num sujeito descentrado (constituído pelas práticas discursivas) em vez de um sujeito fundante (origem da enunciação e dono do sentido), e em diferentes temporalidades em vez de cronologia. Enfim, ele “revoluciona” a maneira de pensar de sua época.

Para dar continuidade ao nosso processo investigativo de pesquisa, procuramos apontar alguns dos conceitos traçados pelo autor, tomados como essenciais para a pesquisa da Análise do Discurso, tais como: enunciação, enunciado e descontinuidade na história. Nesse sentido, nosso objetivo neste tópico que se abre não é detalhar as teorias apresentadas por Foucault, considerando todas as suas especificidades teóricas, mas sim, expor brevemente as principais questões que sustentam o campo da AD francesa.

Podemos afirmar, como nos diz Foucault, que

a supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento; não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais profunda que ele; é tratado na sua irrupção histórica que se tenta observar é a incisão que constitui sua emergência (FOUCAULT, 1968, p. 23 apud POSSENTI, 2009, p. 120).

Há diferentes tipos de acontecimentos de interesse da História, desde os mais observáveis e visíveis, em períodos de curta ou média duração, até mesmo os que devem ser reconstruídos por estudiosos, por serem de longa duração e de difícil observação. O acontecimento para a AD é pensado na sua relação com a história, visto não como uma sequência linear ou cronológica, mas como uma série de variedades narrativas, pontos de vistas, que expliquem, por meio de “novos” acontecimentos, novas enunciações, fatos antes não muito observados ou até mesmo esquecidos. Para isto, Foucault (1969) defende a ideia de que linguagem e história estão intrinsecamente relacionadas, e tais relações determinantes são capazes de explicar o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos.

A história linear é substituída pela dita história nova, ou história serial, cujo objetivo é considerar a enunciação como fator preponderante para a noção de acontecimento. Em outras palavras, é preciso pensar a história não nos moldes da

linearidade, mas em suas rupturas e descontinuidades, o que contempla a irrupção de discursos e o reencontro com a totalidade, em que não se procura em tudo o sentido, mas se busca narrar desde um grande fato até os menores e invisíveis.

Nesse sentido, Foucault (1969) questiona na história o estudo dos longos períodos, as sequências necessárias que compõem os acontecimentos. Ele se posiciona criticamente diante de um projeto positivista de história conhecida como linear. Para ele, há uma diferença entre ela e a história nova. O trabalho da história linear concentra-se em “reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio – material ou espiritual – de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão” (FOUCAULT, 1969 apud NAVARRO, 2004, p. 99). Já a história nova, ou serial, como diz Foucault, refere-se às problematizações de pequenos fatos narrados, que não visualizam somente grandes nomes na história, mas considera a minoria, isto é, privilegia as séries, os recortes, os limites e deslocamentos. Sua tarefa, ao contrário da história linear, é outra:

Determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries, que sistema vertical elas são suscetíveis de formar; qual é, de umas para outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser os deslocamentos, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente (FOUCAULT, 1969, p. 18 apud NAVARRO, 2004, p. 99).

Assim, Foucault nos diz que há certos métodos que permitem dar um novo sentido à noção de acontecimento, e que possibilitam, ao contrário da história linear que creditava à noção apenas aquilo que era visível e conhecido por todos, buscar um sentido único e verdadeiro. Avançar para uma história serial, uma história nova, era fazer aparecer acontecimentos que são visíveis, mas sem desconsiderar os que não são visíveis no que é ou foi discursivizado no interior do arquivo. Desse modo, não se nega a importância da história em relação às práticas que levam os sujeitos a se deslocar de uma objetivação a uma subjetivação.

Ainda para Foucault (1996), é necessário defender a ideia de que os fenômenos não se originam num lugar próprio da sua verdade e nem são reflexos dos atos de um único sujeito. Segundo o pensador francês, o tempo é uma sucessão de descontinuidades e é com base nessa fragmentação da história que é possível perceber a finitude do homem. O homem só existe por meio da história e o sujeito torna-se um

acontecimento histórico, no qual ocupa a posição de sujeito que produz enunciados em uma dada conjuntura e num dado contexto sócio-histórico. Além disso, o enunciado sofre transformações discursivas que possibilitam novas regras de enunciação. Tais transformações não dependem exclusivamente de um único sujeito.

Em um de seus exemplos, como forma de trazer o novo sentido à noção de acontecimento, Foucault (2000) faz referência a um estudo dos arquivos comerciais do porto de Sevilha durante o século XVI. O estudo “permite fazer emergir acontecimentos que, de outra forma, não teriam aparecido”. Na história linear, continua o autor, “considerava-se que os acontecimentos eram o que era conhecido, o que era visível [...] e o trabalho do historiador era buscar o seu sentido” (FOUCAULT, 2000, p. 291). Já com a história serial, é possível inferir acontecimentos que ora podem ser visíveis, conhecidos por todos os contemporâneos, ora são invisíveis, imperceptíveis. Foucault cita como acontecimentos visíveis a entrada e a saída de um navio no porto; mas como acontecimentos invisíveis, menciona a questão da baixa ou aumento dos preços, por exemplo. Desse modo “cabe ao historiador descobrir esse estrato escondido de acontecimentos difusos... que determinam, afinal, a história do mundo” (FOUCAULT, 2000, p. 291).

Foucault preocupa-se em trabalhar a história dos termos, dos enunciados, de categorias de visibilidade e dizibilidade que em cada época instauram as coisas a serem vistas e os discursos a serem produzidos. O filósofo francês assevera que

A discontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história [...]. Ele se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular (FOUCAULT, 1969, p. 9-10).

Com essa forma de pensar a história Foucault contribuiu para o pensamento dos analistas do discurso, afirmando que o discurso não está somente no campo da língua, mas no campo do enunciado, isto é, trata-se de considerar o discurso não apenas em sua formação material, linguística, mas em sua função enunciativa. Isto é, buscar no passado a origem de fatos que possam explicar o presente, tendo como pontos relevantes a história de grandes acontecimentos, contados a partir de grandes

reis em uma dada época e retratados como um espelho que é responsável por contar tudo o que se passou em um momento marcante.

Não haveria nenhum objeto histórico que, para Foucault, não fosse considerado como um acontecimento, retomado por meio de enunciados já ditos e cristalizados. Tais objetos históricos emergiam em uma determinada época, passavam por mudanças de contornos, de significações e por fissuras e fundavam-se por práticas discursivas. Ao buscarmos as condições de emergência dos discursos, podemos compreender como determinado acontecimento se deu na história, por meio das práticas que definem os acontecimentos discursivos, isto é, acontecimentos históricos que são discursivizados.

Trazemos a noção de acontecimento, segundo Michel Foucault, ao nosso objeto de pesquisa, a fim de pensar a recepção do CLG, no Brasil, como um acontecimento que determina a história da linguística e seus desenvolvimentos a partir de então. Ou seja, olhar para os três manuais de linguística e investigar a maneira como são organizados e narrados a fim de que produza novos sentidos à leitura primeira, calcada nos pressupostos teóricos da obra de 1916. A partir disso, dizer que sua recepção em solo brasileiro é um acontecimento é mobilizar um conjunto de dizeres, em sua função enunciativa, produzidos por um conjunto de enunciados que é trazido e revisitado atualmente com base num memorável, a publicação épica de 1916.

Deste modo, com o CLG de Saussure (isto é, o Curso redigido por Charles Bally e Albert Sechehaye), é dada à existência algo que não havia antes nos estudos da linguagem, uma nova forma de estudar a língua se põe em evidência, segundo os moldes do século XX. Pode-se dizer que tal constructo teórico instaura uma mudança de pensamento na história, com o qual se desenvolve [enfim] uma ciência linguística.

A língua, a partir dessa obra de Saussure, é vista como uma instituição social que passa a ser o objeto de estudos dessa ciência recém-fundada. Novas perspectivas de trabalho surgem em torno de sua concepção, em que, ao contrário do que era feito anteriormente numa perspectiva diacrônica, o foco passa a ser o estudo sincrônico dos fatos da língua.

Enquanto acontecimento histórico, a obra datada de 1916 é revisitada, rememorada e trazida a (re)significar nos “novos” discursos produzidos nos três manuais de linguística que constituem nosso corpus, que reforçam, de maneira geral, o caráter estruturalista dada à obra do autor genebrino. Todos esses “novos” discursos

que reproduzem tal acontecimento histórico são (re)produzidos por acontecimentos discursivos que repercutem constantemente na sociedade, especialmente, no âmbito das ciências da linguagem e trazem novamente à ordem enunciativa enunciados já ditos anteriormente, mas (re)significando-os. Desse modo, mobilizam novos efeitos de sentidos que constroem e fazem circular no cenário brasileiro um “outro” Saussure, aquele dos manuais.

Desta forma, partindo do princípio de que o aparecimento e a formação de discursos colocam em questão o acontecimento, sua historicidade e os sentidos daí decorrentes, propomos, conforme mencionamos anteriormente, discutir a noção de acontecimento discursivo em torno da recepção do *acontecimento CLG* no cenário brasileiro. Para tanto, voltaremos nosso olhar para os conceitos reproduzidos nos três manuais de linguística, em especial, os conceitos de *língua e fala*, muito difundidos na “sociedade linguística” e fortemente circunscritos no meio acadêmico, como uma das dicotomias saussurianas.

#### **1.4.1 O Acontecimento discursivo: discurso e enunciado**

Segundo Maingueneau e Charaudeau (2008), o acontecimento discursivo sob a ótica de Michel Foucault implica ruptura e/ou regularidade histórica. Em um texto de 1969, abrindo “o campo dos acontecimentos discursivos”, ele assinala ser conveniente, a partir de então, “restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento”, enunciado de arquivo que “não é mais simplesmente considerado a mobilização de uma estrutura linguística [...], uma vez que passa a ser tratado em sua irrupção histórica” (FOUCAULT, 1969 apud MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 29). Sobre esta noção, os autores ponderam:

[...] supõe-se que entre todos os acontecimentos de uma área espaço-temporal bem definida, entre todos os fenômenos cujo rastro foi bem encontrado, será possível estabelecer um sistema de relações homogêneas: rede de causalidade permitindo derivar cada um deles relação de analogia mostrando como eles se simbolizam uns aos outros, ou como todos exprimem um único e mesmo núcleo central; supõe-se, por outro lado, que uma única e mesma forma de historicidade compreenda as estruturas econômicas, as estabilidades sociais, a inércia das mentalidades, os hábitos técnicos, os

comportamentos políticos, e a submeta ao mesmo tipo de transformação; supõe-se, enfim, que a própria história possa ser articulada em grandes unidades – estágios ou fases – que detêm em si mesmas seu princípio de coesão (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 29).

Assim, no interior da Análise do Discurso, ao lado da história, o acontecimento discursivo, segundo Maingueneau e Charaudeau, se “define em relação à inscrição do que é dito em um momento determinado em configurações de enunciados” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 29). Para descrevê-lo, é necessário levar em consideração, de um lado, as condições de sua existência enquanto materialização do enunciado, de outro, considerar a sua singularidade única, vista a partir de seu aspecto enunciativo. Assim, o acontecimento discursivo foge à estrutura, por ser um discurso constituído a partir de sua condição de enunciabilidade e de possibilidade atrelados à história. Um enunciado verbal formado pela estrutura linguística, por exemplo, torna-se um acontecimento discursivo, visto que ele pode ser repetido, rememorado, trazido novamente para a enunciação. Tal acontecimento promove a produção e circulação de vários textos heterogêneos na sociedade, constituindo, deste modo, um arquivo.

Nesse sentido, segundo Foucault (1969) o enunciado produzido pela enunciação é sempre um acontecimento que pode ser reproduzido em diferentes materialidades discursivas. Além disso, ele mostra que acontecimento é o que o discurso produz ou conjura à sua volta.

O conceito de enunciado, cunhado inicialmente por Michel Foucault em *Arqueologia do Saber (1969)*, é tomado como plenamente histórico, não por suas especificidades temporais, mas por suas regras de formação, num regime de descontinuidades. Deste modo, o teórico aponta quatro propriedades que são inerentes ao conceito. São eles: a) o enunciado é constituído por leis de possibilidades, isto é, ele se dá em função das condições de emergência e/ou de enunciabilidades, pois está ligado a um referencial; b) o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada, ou seja, considera-se como um sujeito que adere ou não ao discurso que enuncia. Assim, ele tem um autor que produz discursos e que se posiciona sobretudo por meio de uma posição sujeito; c) o enunciado se integra a um jogo enunciativo, circunscrito a um domínio associado, isto é, ele não é livre. Toda formulação

apresenta outras formulações que são repetidas, transformadas, refutadas, denegadas, e; por fim, d) apresenta-se materialmente, na ordem do repetível.

Dizendo de outro modo, o enunciado estaria ligado a um referencial, isto é, ele não se restringe unicamente ao aspecto estritamente linguístico, não está limitado apenas a uma frase, ou a um ato de linguagem ou a uma proposição, mas sim às condições de enunciabilidade e de emergência dos dizeres. Desta forma, é necessário pensar o enunciado na sua correlação com o outro, e não isolado de outros discursos, com o sentido fixo numa continuidade. Logo,

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 1969, p. 31).

Segundo Foucault, o conceito de enunciado se contrapõe ao de frase, ao de proposição e ao de ato de linguagem. Na arqueologia, observa-se que,

O enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado [...]. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 1969, p. 98).

Vemos, num primeiro momento, que o conceito de enunciado em Foucault não é compreendido como uma proposição cujo fato se associa aos conceitos de

verdadeiro ou falso, mas está na ordem do discurso, ou seja, o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinante. Assim, o sujeito se inscreve em um dado regime de dizibilidade, no qual o que é dizível pertence aos processos ideológicos de identificação e contraidentificação. O sujeito assume uma posição-sujeito no que pode ou não ser dito.

Diferentemente da frase, o enunciado não se constitui pela justaposição de signos numa cadeia linguística, ou seja, não se relaciona somente por meio de *sujeito-verbo-predicado* e, por fim, não é um ato de linguagem – apesar de estar mais próximo do conceito. No entanto, se diferencia pela necessidade de pensar o enunciado na sua condição de emergência, isto é, pensar por que apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar.

A partir disso, dessa relação conflitante, Foucault nos mostra que é necessário pensar o enunciado na sua relação com a língua. A língua torna-se um sistema de construção de enunciados possíveis que não estão no mesmo nível de existência, mas se complementam. Se tomarmos as letras do alfabeto, por exemplo, dispersas e sem constituir um signo, elas não formam propriamente um enunciado; todavia, se pensarmos as mesmas letras justapostas em uma página, seguindo um componente gramatical da língua e compondo signos verbais, podemos tratar a composição e a constituição do enunciado enquanto um discurso. É por meio dessa relação que um enunciado difere de uma frase, proposição ou ato de linguagem, pois é necessário pensá-lo além dessas categorias, por meio de sua função enunciativa, cuja unidade elementar o discurso.

Nesse sentido, podemos pensar o que faz de uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem um enunciado é a sua função enunciativa, isto é, o fato de ser produzido por um sujeito inserido em uma determinada condição sócio-histórica e num determinado lugar institucional que possibilitam que ele seja enunciado. Desta condição, o enunciado e o que ele enuncia não existem apenas numa relação gramatical, lógica ou semântica, mas também numa relação que engloba os sujeitos imersos na história e a sua própria materialidade. Assim, Foucault alerta:

O enunciado não é a projeção direta, sobre o plano da linguagem, de uma situação determinada ou de um conjunto de representações. Não é simplesmente a utilização, por um sujeito falante, de um certo número de elementos e de regras linguísticas. De início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe

abre um futuro eventual [...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (FOUCAULT, 1969, p. 112).

Ainda acrescenta,

[o enunciado não é] um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (FOUCAULT, 1969, p. 90).

O enunciado só poderia existir no interior de uma “estrutura proposicional definida” (FOUCAULT, 1969, p. 91), cuja relação com a frase não seja necessária. Não há, assim, uma clara distinção entre frase e enunciado, enquanto a frase pode conter um ou mais enunciados, enunciado não é necessariamente uma frase. Vejamos a seguinte afirmação de Foucault:

Quando encontramos em uma gramática latina uma série de palavras dispostas em coluna – *amo, amas, amat* –, não lidamos com uma frase, mas com o enunciado das diferentes flexões pessoais do indicativo presente do verbo *amare* [...] Pode-se ir mais longe: uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; e se possuem uma gramaticalidade muito rigorosa [...]. Não se trata dos mesmos critérios que permitem, em uma língua natural, definir uma frase aceitável ou interpretável [...]. Não parece possível assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase (FOUCAULT, 1969, p. 93).

Destarte, no entendimento do filósofo francês, “o enunciado é caracterizado, pelo menos em parte, por seu status material” (FOUCAULT, 1969, p. 113), ou seja, é apresentado numa espessura material que o constitui. A materialidade desempenha um papel importante pois não é simplesmente “princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos”

(FOUCAULT, 1969, p. 114). Ela é constitutiva do enunciado, uma vez que ele precisa de uma substância, de um suporte, de um lugar e uma data. Além disso, como aponta Maria do Rosário Gregolin (2004), é necessário que essa materialidade possa ser manipulada pelos enunciadores e, por isso, há um regime de materialidade repetível (GREGOLIN, 2004, p. 31). Essa repetibilidade material define possibilidades de (re)inscrição e de transcrição, apoiados em formações discursivas distintas. O enunciado não se reduz apenas a uma unidade linguística, “superior ao fenômeno e à palavra, inferior ao texto”, como afirma a autora (idem, p. 32, 2004). Foucault tem a preocupação em esclarecer que o enunciado é uma função, cabe se ocupar dela:

[...] pondo em jogo unidades diversas (elas podem coincidir às vezes com frases, às vezes com proposições; mas são feitas às vezes de fragmentos de frases, séries ou quadro de signos, jogo de proposições ou formulações equivalentes); e essa função, em vez de dar um sentido a essas unidades, coloca-as em relação com um campo de objetos; em vez de lhes conferir um sujeito, abre-lhes um conjunto de posições subjetivas possíveis; em vez de lhes fixar limites, coloca-as em um domínio de coordenação e de coexistência; em vez de lhes determinar a identidade, aloja-se em um espaço em que são consideradas, utilizadas e repetidas (FOUCAULT, 1969, p. 120).

A partir disso, Foucault, em suas incursões teóricas, questionava se cada recitação de uma sentença daria lugar a um enunciado ou se este se repetiria. Ou, pensando de outra forma, se uma frase fielmente traduzida de uma língua estrangeira para outra formaria enunciados distintos ou se trataria de apenas um. Segundo ele, “há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido” (FOUCAULT, 1969, p. 114). Pode-se considerar que duas pessoas podem dizer ao mesmo tempo a mesma coisa, mas, haverá duas enunciações distintas. Outra questão é se um único e mesmo sujeito repetir várias vezes a mesma sentença, haverá igual número de enunciações distintas no tempo. Tais considerações permitem-nos pensar que o enunciado, em sua composição, mantém margens povoadas de outros enunciados. Sua historicidade é atestada por meio da relação que mantém com uma série de formulações com as quais coexiste.

Nesse sentido, Gregolin (2004) também afirma que o enunciado se refere a tais conjuntos de formulações (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas.

É por isso que todo enunciado, segundo a pesquisadora, “liga-se a uma memória, e, assim, não há enunciado que, de uma forma, ou de outra, não reatualize outros enunciados” (GREGOLIN, 2004, p. 30). Ainda para a autora,

o enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual [...] não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiado e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo (GREGOLIN, 2004, p. 30).

Pode-se dizer que, com essas características, os enunciados agenciam a memória por meio de uma construção histórica, em que muito do que se vê no passado projeta-se num futuro. Assim,

ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva – e perdida no passado como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei – o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entre em redes, se coloca em campo de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis [...] Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 1969, p.118-119).

Logo, podemos considerar que o enunciado é uma função de existência (id., p. 99, 1969), pois ele permite a existência dos signos, porque constitui a relação entre os próprios signos, mesmo porque se refere a algo. Trata-se de descobrir as regras de sua formação e da transformação, condicionados ao regime de repetibilidade e de emergência. A isso associa-se o que Foucault (1969) chamou de sistema de enunciados que [os] instauram como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outros) que ele, durante seu trabalho, chamou de *arquivo* (FOUCAULT, 1969, p. 146).

#### **1.4.2 A imagem contemporânea de Saussure enquanto operadora de memória**

Uma primeira reflexão se faz necessária: pensar o papel da memória na produção de acontecimentos. É preciso que o acontecimento saia da indiferença, da insignificância, da causalidade e produza uma certa força, um certo reconhecimento a fim de poder posteriormente marcar-se na história e, com isso, ser retomado ou revisitado por meio de uma memória social<sup>11</sup>. Também se faz necessário, como complemento dessa primeira reflexão, pensar a memória e o acontecimento quanto ao seu papel na história. Fazer lembrar um acontecimento não é apenas mobilizar uma memória social, mas sim trazer o acontecimento a reencontrar sua vivacidade, como algo passível de ser modificado e, sobretudo, reconstruído e revisitado a partir de dados e noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. É preciso que a memória que se produz pelo discurso – representado significativamente pelo acontecimento – seja sempre reconstruída pela enunciação, cuja origem não advém do locutor, e seja atribuída ao conjunto de operações que regulam/controlam a circulação e as condições de emergência e retomada do discurso.

Desse modo, podemos pensar a imagem do CLG como operadora de memória. Por meio de tal obra, é possível retomarmos um pensamento um tanto quanto polêmico, que, no entanto, constituiu um acontecimento importante para o campo da ciência linguística, uma verdadeira mudança no modo de pensar do século XIX ao XX. Trazer Saussure, sem desconsiderar sua herança e fortuna para a teoria linguística, é retomar a obra de 1916 como algo de importante valor epistemológico. Assim, é comum observarmos a produção e a circulação massiva de manuais de linguística na sociedade brasileira que são organizados de diferentes formas, e apresentam os pressupostos de análise dos autores, ou melhor, as diferentes narrativas construídas em torno do *acontecimento CLG*.

A história estrutural, como afirma Foucault (2000) permite irromper estratos de acontecimentos nos quais uns são visíveis, conhecidos até mesmo pelos contemporâneos, e, sobre os quais se destacam outros acontecimentos, os invisíveis, menos perceptíveis. Podemos pensar, então, o CLG como um acontecimento visível,

---

<sup>11</sup> O termo “memória” aqui empregado é baseado nas afirmações de Pierre Achard et al. (2010), no livro *O papel da memória*, em que podemos observar que a “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (ACHARD et al., 2010, p. 50).

que repercute ainda hoje novas instâncias de enunciação. Ao pensarmos nesses acontecimentos menos perceptíveis, é possível trazer os acontecimentos discursivos como algo que retomam discursos outros em contextos de (re)significação, ou seja, novos discursos são passíveis de retomada dependendo das condições de emergência e de possibilidade dos enunciados. No caso do *acontecimento CLG*, a narrativa feita pelos manuais de linguística corroboram numa leitura homogeneizadora, cristalizada, que retoma os pressupostos do CLG e, de maneira geral, reforça-os. A principal diferença entre essas “pequenas” narrativas e o Curso, todavia, é que elas são construídas de modo mais simples, didático, e são guiadas por pontos de vistas distintos que refletem as interpretações de cada autor.

Nesse sentido, tais modos de interpretações dos manuais corroboram a constituição de um acontecimento, pois a partir dessa leitura de cada autor, diferentes narrativas são formadas e, conseqüentemente, novos efeitos de sentido são produzidos. Se considerarmos os três manuais de vulgarização selecionados, produzidos entre as décadas de 1940-1980, encontramos-nos em um processo de institucionalização da linguística no Brasil, um momento de nascedouro da disciplina nas universidades brasileiras, em que era necessário retomar os pressupostos da obra. Podemos afirmar que esses manuais apresentam enunciações distintas, narrativas que refletem as condições de emergência dos dizeres numa determinada conjuntura histórica.

Consideramos que há inúmeros manuais explicativos que traduzem o pensamento saussuriano tal como na edição de 1916, que tomam o CLG como um acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer, ou se pode recuperar sobre suas teorias, em livros, manuais, introduções que sintetizam o pensamento saussuriano). Além disso, com a análise desse material, é possível inferir que surge um discurso de que o Curso de Saussure não considerou a história, tampouco o sujeito em sua pesquisa. A nosso ver, tal interpretação é fruto de leituras particulares – acontecimentos discursivos – marcadas por diferentes vozes, mobilizando a reflexividade da linguagem.

Ainda, se pensarmos como Foucault, o acontecimento fundamental poderia deixar de ser considerado aquele perceptível por todos ou que é visível na história, e ser pensado em sua relação com as práticas discursivas, na qual o acontecimento seja considerado como tal na medida em que se ensejasse sua retomada ou repetição. Esse

retorno à obra póstuma de Saussure se dá, no nosso material de análise, por meio dos enunciados produzidos nos três manuais de linguística selecionados.

Consideramos, assim, essas pequenas narrativas como pontos de vistas criados pelos manuais de linguística sobre as teorias saussurianas, ou como acontecimentos discursivos de um acontecimento histórico, e não apenas reformulações ou novas enunciações do mesmo. Com isso, seria mais claramente possível pensar as discursividades, isto é, os discursos postos em funcionamento nos materiais de análise, que produzem efeitos de sentidos distintos. Tais acontecimentos discursivos são contados por narrativas – narrativas dos acontecimentos<sup>12</sup> – produzidas por diferentes autores que se dedicam, a seu modo, à (re)escritura do CLG.

### **1.4.3 Do acontecimento discursivo à narrativa do acontecimento**

Jacques Guilhaumou, considerado um historiador-linguista, é um dos expoentes do campo da AD, tendo frequentado os primeiros círculos de discussão ainda nos tempos de Michel Pêcheux. Foi um dos responsáveis por trazer em seus trabalhos alguns conceitos foucaultianos que se tornaram elucidativos nos estudos da AD, primordialmente os conceitos de enunciado, arquivo, história e acontecimento.

Seu trabalho, a partir da década de 1970, insere-se no grupo denominado “análise do discurso do lado da história”. Em companhia de outros nomes, como Régine Robin e Denise Maldidier, Guilhaumou desenvolve seus trabalhos na investigação da problemática relação entre Língua e História, focalizando os efeitos de sentido da materialidade da língua na discursividade de arquivo. Ademais, esteve fortemente presente tanto na renovação dos estudos no campo da História, quanto na reconfiguração do campo da Linguística, a partir do território da Análise do Discurso. A partir de suas reflexões, Guilhaumou afirma que “o que é dito está carregado de

---

<sup>12</sup> Entendemos como narrativas a descrição feita pelos autores em cada manual de linguística ou edição e leitura crítica, em que cada um descreve os fatos, priorizando-os ou refutando-os, o que cria efeitos de sentidos distintos da representação teórica saussuriana. Assim, como diz Guilhaumou (2009, p. 136-138), “a ação [narração dos fatos por cada autor] torna-se, assim, ao final do caminho, e sobre o modelo do relato de vida, uma ação narrada por um espectador que testemunha sua autenticidade, sua verdade. A isso corresponde dizer que toda pessoa (ator, protagonista, espectador etc.) participa da narrativa do acontecimento, co-constrói esse acontecimento [publicação de manuais e leituras críticas], contribuindo, dessa forma, na tematização das formas sociais particulares que dão uma consistência universal a uma narração de vida, aí incluída sua transformação heroica”.

acontecimentalidade <sup>13</sup> , de uma singularidade em constante renovação” (GUILHAUMOU, 2009, p. 10). Ademais, o pesquisador francês afirma,

Nossa abordagem, por etapas cronológicas, do vínculo entre história e linguística, não deve, entretanto, fixar a imagem de uma disciplina interpretativa sem qualquer preocupação com os problemas do tempo presente. Ao contrário, na esteira de Michel Foucault, pensamos que o tempo da análise de discurso é sempre um momento contemporâneo no sentido de que ele nasce de uma interrogação sobre a atualidade (GUILHAUMOU, 2009, p. 44).

Na perspectiva proposta pelo filósofo Michel Foucault, segundo Guilhaumou (2009), o acontecimento deve ser vislumbrado enquanto enunciado de arquivo, no qual os textos e a produção dos sentidos se dão no interior de uma historicidade. Nosso trabalho assume a concepção de acontecimento de Guilhaumou (2009), como algo que se dá no interior do arquivo, isto é, que permanece perpetuamente reinterpretável juridicamente e, por conseguinte, atual ao próprio sentido.

O arquivo, segundo Guilhaumou (2009), não é simplesmente um conjunto de textos que são produzidos e circulam na sociedade, como práticas documentais, é composto por saberes que se constituem ao longo dos tempos, nas mais distintas formações sociais, e que se articulam por meio de gestos de leitura que atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados. Em outras palavras, o arquivo não pode ser descrito em sua totalidade, mas se dá a ler por fragmentos de enunciados que se configuram em novas instâncias de enunciação e têm por consequência o surgimento de novos acontecimentos discursivos. Desse modo, Guilhaumou (2009) afirma que

[o arquivo é] material bruto bastante explorado tanto por historiadores clássicos quanto por historiadores do discurso, mas a partir do qual o historiador do discurso não privilegia a busca de estruturas sociais ocultas; diferentemente, ele é, principalmente, um dispositivo, não regulado *a priori*, de enunciados que constituem figuras, objetos e conceitos distintos. O enunciado é, antes de tudo,

---

<sup>13</sup> O conceito de acontecimentalidade é trazido na perspectiva de Foucault (1969) em que considera a noção de acontecimento como uma “ruptura instauradora de novas relações de força, de uma nova dominação ou de uma conceptualização” (CHARTIER apud MARQUES et al., 2013, p. 24). Nesse sentido, acreditamos que a recepção do *acontecimento CLG* nos manuais de linguística brasileiros se dá a partir da informatização/mediatização das dicotomias saussurianas (re)dizendo e construindo parte de um pensamento responsável pela constituição da linguística moderna.

atestado no interior do arquivo, o que significa que no seu interior articulam-se descrição e reflexão (GUILHAUMOU, 2009, p. 27).

O pesquisador nos mostra que o acontecimento não é mais redutível somente à situação nem ao contexto. A situação, quer se trate de um elemento do mundo real ou de uma situação dita de enunciação, é conjuntamente “momento genético da realidade” e “lugar de sentido”. O acontecimento é formulado por um conjunto heterogêneo de enunciados constitutivos do acontecimento discursivo no interior do arquivo.

Assim, o autor parte da afirmação de que a acontecimentalidade engendra o sentido, tratando a noção de acontecimento discursivo como algo que é tomado como um momento de emergência de formas singulares de subjetivação. Ao abordar tal conceito na AD, Guilhaumou entende que não se deve negligenciar seus aspectos pragmáticos e discursivos. Assim, como é preciso atestar sua existência, é preciso também “declarar a significação em relação a aquilo que é dito em um dado momento, no interior de uma configuração de enunciados” (GUILHAUMOU, 2009, p. 32).

Para dar conta disso, o autor propõe que o acontecimento seja abordado a partir de uma ordem racional: acontecimento linguístico; acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento. Segundo suas afirmações,

Ao se considerar o acontecimento linguístico estamos interessados em problemas de gradação do concreto ao abstrato, da norma referencial de língua, da tipificação histórica de sujeitos e objetos cognitivos. Diferentemente, em se tratando de acontecimento discursivo, consideraremos, na perspectiva aberta por Michel Foucault (1969), apenas a simples inscrição do que é dito como elemento atestado do enunciado, [...], saímos do mundo dos nomes e dos referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento (GUILHAUMOU, 2009, p. 124).

A partir dessas reflexões, o pesquisador avança propondo que se contemple a noção de “acontecimentalidade”, que se concretiza a partir do que ele chama de narrativa do acontecimento. Assim compreendida:

A narrativa do acontecimento relança, então, a ação infinita da interpretação, permite uma abertura máxima das narrações, assimila ação e pensamento, associa o ato e a revelação, torna memorável a

vida da heroína e do herói. Introduz-nos no agir político verdadeiro, no sentido em que a ação política é trazida ao julgamento desinteressado da dimensão universal do acontecimento singular, a exemplo de Kant ao julgar com entusiasmo a Revolução Francesa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

O acontecimento parte do linguístico ao discursivo e, deste, à narrativa do acontecimento. O acontecimento linguístico relaciona-se com a norma referencial da língua, isto é, inscreve-se na perspectiva referencial, no mundo dos nomes, onde o sujeito já é constituído, tratado como sujeito cognitivo. Segundo o autor francês,

A abordagem do acontecimento linguístico não necessita o conhecimento prévio do acontecimento discursivo, como se o primeiro fosse somente a parte de consciência linguística do segundo. Ao contrário, o acontecimento linguístico situa-se no espaço/tempo fundador de atos de linguagem reguladores do acontecimento discursivo. Ele se materializa, efetivamente, em: a) sujeitos que dispõem de capacidades linguísticas próprias, que denominamos de sujeitos cognitivos; b) objetos linguísticos, mais particularmente, no contexto da gramatização moderna e contemporânea, instrumentos linguísticos tais como os Dicionários e as Gramáticas; c) uma diversidade de julgamentos desses sujeitos desdobrados nesses instrumentos generalizantes sobre os fatos da língua que podem se agrupar sob o rótulo de “consciência linguística” (GUILHAUMOU, 2009, p. 97).

No caso da presente pesquisa, observamos que a noção de acontecimento linguístico é definida por sua reflexividade enunciativa, por sua interpretação como acontecimento pelos sujeitos envolvidos na enunciação de reconhecidos pesquisadores que produzem diferentes narrativas sobre o CLG e suas dicotomias, por exemplo. Além disso, o acontecimento linguístico não depende do fato em si, mas da forma como ele é percebido pelos falantes e narrado diferentemente, por meio de narrativas sobre os acontecimentos.

Por sua vez, o acontecimento discursivo é considerado por Guilhaumou na perspectiva de foucaultiana da *Arqueologia do saber*, segundo a qual a simples inscrição do que é dito como elemento é atestado pelo enunciado. Ele assevera que os enunciados pertencem a uma dispersão arquivística e considera necessário pensar o arquivo não como um amontoado de documentos fechados, mas como algo que participa de um gesto de leitura:

Saímos do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento. Interessamo-nos, prioritariamente, pelos sujeitos, objetos e conceitos assim como por funções derivadas do enunciado... o arquivo não é um simples material de onde se extraem fatos de maneira referencial; ele participa sobretudo de *um gesto de leitura* no qual se atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados. Aliás, o arquivo de uma época não é nunca descritível na sua totalidade, ele se dá a ler por fragmentos: sua descrição é sempre aberta, ainda que a frase historiográfica se esforce em fechá-lo (GUILHAUMOU, 2009, p. 125).

De acordo com o pesquisador, é preciso pensar em avançar sobre o sujeito cognitivo, responsável pelo acontecimento que se produz, e também o sujeito que irrompe na enunciação do acontecimento para um sujeito histórico, portador de emancipação, que busca autonomia. Além disso, afirma que

Do acontecimento linguístico ao acontecimento discursivo passamos, então, da localização referencial dessa alguma coisa/ alguém produtor de sentido pelo qual o acontecimento se produz para aquele que é produzido no acontecimento em consequência da multiplicidade e da heterogeneidade dos enunciados e de suas funções específicas (sujeito/objeto/conceito) (GUILHAUMOU, 2009, p. 130).

O acontecimento discursivo coloca em evidência um sujeito da enunciação destacando seus próprios recursos interpretativos. Sobre isso, Guilhaumou ainda ressalta:

Com o acontecimento discursivo, deixamos por um tempo “as linhas de segmentações duras” desse *continuum* para entrar num espaço de linhas menos visíveis, que atravessam, de algum modo, blocos de realidade por todo tipo de desvio. Cruzamos, assim, o limiar discursivo: fala-se doravante, em criatividade do agir, em emergência de transformações sem preexistência alguma. O que é determinante no nível do concreto discursivo. A reflexividade da linguagem, isso é, sua capacidade para produzir, ela mesma, seus recursos interpretativos, constitui o próprio do acontecimento discursivo (GUILHAUMOU, 2009, p. 131).

Para pensar nessa nova perspectiva, é necessário trazer a noção da narrativa do acontecimento:

Na realidade, a efetividade da narrativa do acontecimento, mais especificamente da ação que descreve, é ainda maior quando ela revela a vontade de independência de um sujeito, em geral coletivo e tornado aquele que age no interior da narração... Certamente estamos já distantes desse alguém que permite ao sentido chegar ao acontecimento linguístico, e até mesmo do universo auto constituído desse *aquilo* que ocorreu no interior do acontecimento discursivo, mas estamos, ainda assim, prontos para conceber que a intriga vinda das profundezas dos tempos termina pela presença de um sujeito emancipado que dispõe plenamente de sua inteligência narrativa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

A narrativa do acontecimento, tida como algo prospectivo, isto é, apreendida em julgamentos universalizáveis dos atos da vida de cada um na relação com os outros, permite investigar “[...] as expectativas vividas e as expectativas dos homens atuantes e sofredores, a tematização do tempo histórico em adequação com ele mesmo introduz a transformação no curso das ações humanas” (GUILHAUMOU, 2009, p. 135). Ademais, ela visa a apresentar o percurso de um acontecimento que produz historicidade sobre os fatos, que são marcados pelos manuais de linguística, levando em consideração a lógica sequencial e sua dimensão configurante. A narrativa do acontecimento é algo universalizante, é relato do coletivo para o movimento de interpretação do acontecimento.

O acontecimento narrado reflete o que o autor chama de reservas de sentido sobre a base de uma necessidade histórica. Ele é responsável por trazer o acontecimento segundo os gestos de leitura de cada sujeito, inserido em um domínio associado. Ao narrar o acontecimento, o sujeito traduz sua interpretação dos fatos, traz de volta discursos já ditos (em outros lugares, em outras situações de enunciação) e, neste novo momento, uma nova reserva de sentidos é mobilizada, segundo as novas condições de dizibilidade dos discursos. Deste modo, “o acontecimento narrado é, de início, pura transformação, mais precisamente experimentação do pensamento na atualidade, isso é, naquilo em que estamos nos transformando, nosso tornar-se outro (DELEUZE; GUATTARI, 1991 apud GUILHAUMOU, 2009, p. 135). Com isso, Guilhaumou complementa seu conceito dizendo que

A narrativa do acontecimento, sob a forma singular e/ou coletiva, é a forma histórica mais acabada de experimentação do real ao longo da existência da humanidade. [...] ela tematiza, em seu percurso,

formas sociais particulares que dão uma consciência universal a uma narração de vida, aí incluída sua transformação heroica (GUILHAUMOU, 2009, p. 138).

Por fim, o autor reforça a importância da narrativa por dispor de uma sucessão de novos acontecimentos cujo objetivo é duplo. De um lado, segundo um ponto de vista metodológico, a análise de uma narrativa do acontecimento se configura por meio de novas perspectivas, novos olhares que se cruzam e com isso constroem “novos” dizeres, novos acontecimentos discursivos. Por outro lado, sob um ponto de vista ontológico, “a dimensão ‘verdadeira’ da narrativa do acontecimento não remete verdadeiramente a uma essência da atividade humana, não induz à investigação de um fundamento, mas evoca o eterno recomeço da experiência humana, sua aptidão para estabelecer as últimas balizas de um caminho que leva à emancipação” (GUILHAUMOU, 2009, p. 139).

Neste capítulo, buscamos compreender e investigar a noção de acontecimento a partir das contribuições de Michel Foucault (1969, 2000) e Jacques Guilhaumou (2009), trazendo-a para as discussões em torno da recepção do CLG nos três manuais de linguística brasileiros. Assim, diante de uma obra tão importante e representativa, tratada como um acontecimento histórico, pôde-se produzir diferentes leituras, gestos de interpretações que retomam tal acontecimento na história e o faz (re)significar por meio de outros discursos, em momentos distintos, em materiais distintos. Diante de tais considerações, nosso objetivo neste primeiro momento foi mostrar como a recepção do CLG nos manuais de linguística pode ser tomada como um acontecimento de linguagem, vista pelas lentes da Teoria das Ideologias.

## Capítulo 2

### **Do acontecimento filológico-dialetológico ao *acontecimento CLG*: a Linguística Brasileira**

Sou hoje um caçador de achadouros da infância.  
Vou meio dementado e enxada às costas cavar no  
meu quintal vestígios dos meninos que fomos.  
Manoel de Barros

A década de 1960 marca-se como um momento de intensos desdobramentos em torno de uma ciência que buscava se firmar e se institucionalizar. Assim, a para a emergência de uma disciplina linguística que se pretendeu autônoma, no Brasil, fez-se necessário distinguir-se da Filologia e Dialetologia tradicionais da época. Houve significativas mudanças na maneira de pensar os problemas e no tratamento do objeto de análise, a linguagem, seja na concepção da carreira universitária seja na profissionalização do linguista. Com a disciplina instaurada, o novo corpo profissional que se constituiu em torno da linguística levou à formação de inúmeros grupos de especialidades, que divergiam não só pelas escolhas linguísticas, métodos de análise e objetos teóricos, mas também pelos estilos pessoais de conduta e convivência na academia.

Nesse sentido, tratar da história da linguística no contexto brasileiro é não partir apenas da compilação de datas, fatos, títulos e nomes relacionados ao estudo das línguas e da linguagem. Mais do que isso, é verificar no tempo quais foram as condições de seu surgimento e as relações que mantinha com os estudos que se voltavam à língua na época. A historiografia não depende apenas da composição de crônicas, listas de nomes ou datas, mas consiste, segundo Altman,

em uma atividade que ambiciona compreender os movimentos em história da ciência, que presume uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes para o

quadro de reflexão que constrói o historiógrafo (ALTMAN, 1998, p. 24).

A proposta deste capítulo é reconstruir o contexto intelectual em que emergiu a disciplina Linguística no cenário brasileiro ao longo da década de 1940, considerando seus objetivos em uma época anterior ao período de sua institucionalização, a saber, a década de 1960. Além disso, buscamos observar em particular a relevante contribuição do Curso de Ferdinand de Saussure para o desenvolvimento da linguística brasileira, bastante norteadas, inicialmente, pelas dicotomias saussurianas<sup>14</sup>. Tal contribuição, em grande parte devida às leituras feitas por manuais de linguística brasileiros, foi possível pela constituição de um novo modo de abordar a língua, numa *linguística estruturalista*.

Faremos a seguir uma narração da história da linguística brasileira durante seu processo de institucionalização, com a qual tentaremos investigar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico nesse determinado contexto social e cultural, diante de um momento em que a Filologia e a Dialectologia brasileiras, embora representadas em momentos bastante diferentes, constituíram, ao longo das décadas de 1940 e 1950, uma mesma tradição de pesquisa. Conforme demonstraremos, é assim que a Linguística constituirá uma disciplina à parte de investigação.

Ademais, ao propor neste capítulo a descrição da história da linguística no cenário brasileiro, é preciso admitir, desde já, que tal história parte de uma visão *europocêntrica* dos fatos, uma vez que a origem e o desenvolvimento dessa ciência, no caso brasileiro, sofrem grande influência do pensamento europeu. inevitável no caso brasileiro, isto é, sofre grande influência do pensamento europeu sobre a origem e o desenvolvimento dessa ciência. Talvez, se tal história da linguística fosse construída a partir de outra tradição, novas hegemonias na seleção, na ordenação dos fatos e na composição do objeto de análise se fariam presentes.

O que existe hoje na literatura da linguística no Brasil é bastante diverso. Pode-se dizer que não há muitas obras de referência que possibilitem recuperar, no interior de um arquivo, de forma sistemática e segura, a produção linguística brasileira como um todo. Verifica-se, pela recuperação e reconstrução dos processos

---

<sup>14</sup> Segundo alguns manuais de linguística, dentre eles os que selecionamos para nosso corpus de análise, costuma-se classificar em quatro dicotomias principais: língua/fala; sincronia/diacronia; significante/significado e sintagma/paradigma.

de cientificação e institucionalização dos estudos linguísticos brasileiros, que tais movimentos começam a delinear-se a partir da década de 1930. Por meio de um intenso processo de garimpagem em anais de congressos, em prefácios de traduções e de uns poucos textos que se produziam em ocasiões específicas, constatou-se que os autores estavam muito mais preocupados, inicialmente, em informar sobre os fatos e o que estava acontecendo na época, do que refletir criticamente a produção. Muito do que se produziu de material foi levantado de forma não sistemática e organizado a partir de critérios variáveis. Com exceção, talvez, de Mattoso Câmara Jr., autor que apresenta uma reflexão sistemática e única.

Diante da dispersão do processo de estabelecimento de uma disciplina Linguística no Brasil, a tentativa de periodização da sua produção, sob o ponto de vista das áreas, teorias e métodos de investigação, esbarra na dificuldade de delinear com clareza o escopo específico da linguística em relação a outras abordagens que se ocuparam do objeto linguagem. Como exemplo disso, podemos tomar os manuais de linguística que selecionamos para nossa análise, dos quais cada autor se associa ou se firma diante de especialidades distintas, com o mesmo objetivo de mostrar as principais conceituações desenvolvidas pelo acontecimento CLG. Mattoso Câmara, em seu manual, expõe os conceitos sem priorizar as contribuições do CLG. O conteúdo passado é mais informativo, e traz como efeito a divulgação de teorias antes nunca estudadas no país. Castelar de Carvalho se diz saussurianista e expõe em seu processo interpretativo uma teoria mais extensa das dicotomias saussurianas, enquanto Edward Lopes se destaca por seus trabalhos em torno da semiótica. Com isso, queremos dizer que diferentes autores, inscritos em diferentes especialidades, narram as teorias do CLG criando diferentes gestos de leituras e efeitos de sentido (de divulgação, de fundação, de didatização etc.) de acordo com seu percurso de leitura. A isso chamamos de narrativas do acontecimento na linguística, promovidas pelos acontecimentos discursivos dos manuais de linguística sobre o novo programa teórico, que se instala e se firma justamente pelas enunciações produzidas nos materiais que a divulgam, repetem e historicizam.

Definir o período da década de 1960 como um momento de reflexão sobre a produção linguística no Brasil não significa admitir que a Linguística teve início nesse momento. Era um período de intensos movimentos sociais, culturais e políticos em que um grupo de profissionais que se debruçava sobre os estudos da linguagem consolidou-os como pertencentes à Linguística. Mais especificamente em 1968, temos

um conjunto de fatores de ordem intelectual e social que permitiu, em vários pontos do país, a solidificação institucional de uma linguística brasileira como disciplina acadêmica.

## **2.1 O cenário inicial: a influência dos filólogos e dialetológicos no contexto brasileiro**

A história narrada a seguir tem base nas considerações teóricas de Cristina Altman<sup>15</sup> (1998), que considera que o início do processo de cientificação dos estudos linguísticos brasileiros na década de 1930 se deu em razão da criação das primeiras Faculdades de Filosofia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com a criação destas Faculdades, o fim do autodidatismo em matéria de linguagem se estabeleceu, e teve início a formalização da carreira do profissional de Letras<sup>16</sup>. Até esse momento, o centro que impulsionava a produção intelectual no campo das Humanidades era o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, que exigia de seus candidatos à cátedra a elaboração de uma tese final expondo os conceitos por eles trabalhados.

Desse modo, quase todos os profissionais das letras do período tinham formação superior de outra natureza, quando a tinham. Sousa da Silveira, por exemplo, formou-se em Engenharia; Antenor Nascentes, em Direito e Mattoso Câmara era advogado e arquiteto na época. Os cursos de Letras criados à época eram ministrados por professores de outras nacionalidades, tais como portugueses e franceses, que deixaram discípulos brasileiros, tais como Rebelo Gonçalves, Urbano Soares e Fidelino de Figueiredo, para citar apenas alguns exemplos.

Professores como Manuel Said Ali Ida (1861-1953), Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1883-1967), Antenor Nascentes (1886-1972), Augusto Magne (1887-1966), Serafim da Silva Neto (1917-1960), Isaac Nicolau Salum (1913-1993), que se dizia filólogo e não linguista, entre outros. Embora não façam parte de uma mesma geração nem tenham trabalhado nos mesmos assuntos de pesquisa, fizeram uma boa tradição de pesquisa, chegando a ocupar as principais cátedras universitárias do país, reconhecidos como grandes filólogos da época.

---

<sup>15</sup> ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. 380p.

<sup>16</sup> (Cf. Elia 1963; Mattoso Câmara 1976; Pinto 1981; Rodrigues 1984 apud ALTMAN, 1998).

Os trabalhos que se inserem numa tradição filológica definem como principal objeto de investigação a edição crítica de textos literários. Os trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva da literatura crítica produziram grandes contribuições ao conhecimento diacrônico da língua portuguesa, sobretudo se pensarmos na modalidade escrita da língua, a literária.

A Filologia é o estudo completo comparativo, filosófico, literário, histórico das línguas (ou de uma língua) consideradas em seus princípios, nas relações existentes entre elas, nas leis fonéticas que presidem à formação dos vocabulários, na origem das suas raízes e das suas formas (ULHÔA CINTRA, 1939 apud ALTMAN, 1998, p. 78).

Pode-se dizer que os filólogos foram responsáveis por criar os primeiros centros de pesquisa dedicados a assuntos linguísticos. Diante de tudo o que era produzido na época, em razão da criação das Faculdades de São Paulo e do Rio de Janeiro, as novas ideias passavam pelo crivo crítico daqueles que então ocupavam uma cátedra. Pode-se dizer que o maior centro de irradiação das ideias linguística no Brasil foi, sem dúvida, o Rio de Janeiro.

Grandes nomes da época começaram a aparecer e tomar a posição de pesquisador em ciências da linguagem. Eram tidos como os grandes filólogos do momento e se destacavam nos grandes centros de pesquisas. Sousa da Silveira deu aulas na Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, em que se focalizava uma perspectiva puramente filológica. Outro pesquisador importante da época era Serafim da Silva Neto, professor na Universidade Católica do Rio de Janeiro desde os anos 1940, dirigiu ao lado de Antenor Nascentes, Mattoso Câmara e Sílvio Elia o *Boletim de Filologia* (1946-1949, 10 números não correntes). Ao mesmo tempo, em São Paulo, Silveira Bueno, professor de filologia portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo dirigia seu *Jornal de Filologia*, que era destinado a

[...]divulgar estudos de filologia, tomando o vocábulo em seu mais vasto sentido. Especificamente, porém, traz em mira as pesquisas feitas no terreno da língua portuguesa do Brasil, do seu substrato tupi-guarani, das influências de outros idiomas aqui trazidos e mantidos pelas coletividades estrangeiras bem como das línguas

africanas dos tempos coloniais (JORNAL DE FILOLOGIA, 1:1, 1953-1961 apud ALTMAN, 1998, p. 70).

Nesse sentido, a Filologia, sem dúvida, destaca-se como um grande acontecimento no interior dos estudos linguísticos, um campo de estudo em evidência até a década de 1960. Os trabalhos produzidos em seu campo se dedicavam à matéria linguística e, aos pesquisadores que se denominavam filólogos, dava-se um estatuto socioprofissional e científico. Mattoso Câmara, em 1968, comenta o fato:

Não obstante o progresso feito em linguística geral, linguística do português e dialetologia, a filologia em seu sentido estrito continua a merecer o interesse predominante dos estudiosos brasileiros. O ensino do português nas universidades brasileiras é principalmente de caráter filológico e frequentemente se confunde com estudos literários (MATTOSO CÂMARA, 1979 [1968], p. 58 apud ALTMAN, 1998, p. 71).

A época era marcada por muitos trabalhos voltados para uma “erudição” do português, que mobilizavam uma língua de cultura, motivo pelo qual seria bem difícil ver surgir entre os filólogos o interesse por dados da fala a eles contemporâneos – o que na época era considerado material “menor”. Além disso, esses profissionais questionavam se existiria uma língua realmente brasileira diante das características do cenário do momento.

Junto ao contexto filológico, também se conheceram as características de outro acontecimento, o da Dialetologia. Amadeu Amaral (1875-1929) foi o responsável por trazer tais discussões, considerado como um dos “fundadores” desse novo acontecimento. Os trabalhos de dialetologia brasileira buscavam um levantamento de dados, que tinham na língua falada do Brasil seu principal material de análise e descrição. Esse acontecimento perdura e tem uma grande influência na linguística brasileira até os anos 1950. Nas palavras de Altman,

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, [...] e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, a dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros [...] (AMARAL 1976[1920], p. 44 apud ALTMAN, 1998, p. 72).

Um de seus mais relevantes trabalhos deste período dialetológico é *O Dialeto Caipira*, publicado em 1920. Trata-se de uma obra de referência na história da dialetologia brasileira. Sua presença contribuiu para que alguns especialistas da área acentuassem a importância de uma nova orientação nos estudos da língua, a nosso ver, um verdadeiro acontecimento na história da linguística no Brasil. Um dos objetivos de Amadeu Amaral em sua obra era descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos: fonético, lexical, morfológico e sintático; a fim de retratar de forma mais abrangente um falar regional brasileiro. Ainda segundo o autor, até aproximadamente a última década do século XIX, existia “um dialeto bem pronunciado no território da antiga província de São Paulo”, que é o falar caipira. Esse falar “dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia sua influência à própria minoria culta. [...] Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 1982, p. 41).

Ainda com relação à Dialetologia, podemos encontrar trabalhos que seguem a linha de Amaral, cuja intenção é mostrar as variedades regionais brasileiras. A maior parte dos trabalhos que se seguiram após o *Dialeto* privilegiou a prosódia e o vocabulário das variantes que tinha como objeto. Como exemplo, podemos citar o trabalho de descrição do linguajar carioca de Antenor Nascentes, publicado em 1923; e o de Mario Marroquim sobre os falares de Pernambuco e Alagoas, de 1934, respectivamente.

Num segundo momento teórico-metodológico deste acontecimento dialetológico, temos a passagem do estudo rural, cujo objetivo era observar as variantes regionais que estavam em risco de se esgotar, ao estudo da dialetologia urbana, cuja função era retratar as variantes sociais. Amaral, mesmo inaugurando um novo acontecimento nos estudos linguísticos brasileiros, não conseguiu sustentar uma ruptura com o acontecimento da Filologia, pois se via fortemente em seus trabalhos a presença da modalidade literária. Ao contrário do que se pretendia, os estudos em torno de uma variedade dialetal rural contribuiriam ainda mais para fundamentar as interpretações histórico-filológicas que, segundo Altman (1998, p. 73), seriam “divergentes sobre os substratos da ‘língua brasileira’”. Enquanto havia para os dialetológicos uma preocupação com os dados contemporâneos da modalidade oral da língua, em que um dos objetivos principais desse novo acontecimento para a linguística brasileira era observar os diferentes dialetos regionais e sua composição

linguística. Para os filólogos, ao contrário, a característica privilegiada era a modalidade literária.

Apesar do esforço, esse acontecimento dialetológico não configurou um novo grupo de especialidades que entraria em conflito com os filólogos já existentes. Aos poucos, os dialetológicos foram sendo aceitos como pares pelos filólogos. Ademais, aqueles que produziram o acontecimento da dialetologia não rejeitaram para si a designação de filólogos. Ao lado deles constituíram uma elite intelectual e acadêmica que perdurou pelos anos seguintes.

Assim, a dialetologia brasileira, enquanto um acontecimento de descrição e análise das variantes regionais do português do Brasil e enquanto grupo de especialidade, foi incorporada ao acontecimento da filologia, adquirindo, assim, legitimidade. Isso se observa a partir da iniciativa do “...saudoso filólogo...” Silva Neto, (ROSSI, 1967 apud ALTMAN, 1998, p. 73), “[...] que tudo fez para implantar no país uma ‘mentalidade dialetológica’” (CASTILHO, 1972/1973b, p. 122 apud ALTMAN, 1998, p. 73), levando a Dialetologia a ocupar, nos anos 1950, importante espaço institucional.

Em 1953, Silva Neto fundou o Centro de Estudos de Dialetologia Brasileira, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, cujo objetivo era “[...]criar mentalidade dialetológica fomentando pesquisas, sobretudo de campo, que nos levem a melhor conhecimento dos falares brasileiros” (REVISTA BRASILEIRA DE FILOGIA, 1:1, 1983 apud ALTMAN, 1998, p. 73-74). Em 1958, a dialetologia tornava-se centro das atenções dos pesquisadores brasileiros e também se consagrava no I Congresso de Dialetologia e Etnografia, em Porto Alegre.

Desse modo, aos poucos se via que o acontecimento da Filologia incluía entre suas tarefas, além da reconstrução crítica dos textos medievais da România velha, cujo valor era considerar a crítica aos textos, a elaboração de atlas linguísticos brasileiros regionais, levando em consideração o método da Geografia Linguística. O desenvolvimento de um atlas geral do país era o principal objetivo a ser cumprido nessa época, segundo Altman (1998). Diante de tal “cooperação”, os dois acontecimentos – Filológico e Dialetológico – unificaram-se na mesma tradição de pesquisa.

Com a crise política que ocorria na década de 1960, mais especificamente em 1964, o trabalho de pesquisa de campo tornara-se perigoso, “[...] quando pesquisadores nos meios rurais se tornaram fortemente suspeitos de subversão”

(RODRIGUES, 1988 apud ALTMAN, 1998, p. 76). Com isso, esse período foi decisivo e surpreendeu a Filologia brasileira – a Dialectologia já inclusa – em plena crise. Os estudos linguísticos não avançaram na direção que imprimira Silva Neto, todavia os principais centros da academia continuaram nas mãos dos filólogos. Naquele período, os estudiosos buscavam implementar uma “mentalidade dialetológica”, incentivando a criação de laboratórios de fonética e cursos de nível superior. No entanto, em consequência da falta de recursos e dos obstáculos encontrados diante da extensão territorial do país, tal projeto não conseguiu se firmar plenamente. Dessa maneira, a variante brasileira do português não iria ser descrita tão facilmente.

Enquanto isso, um novo acontecimento nos estudos da linguagem irrompia e ganhava novos contornos: o estruturalismo europeu, cuja figura pregnante é Ferdinand de Saussure e sua obra, o CLG. No Brasil, esse novo acontecimento foi visto como uma ruptura com o conhecimento filológico-dialetológico da época. O embasamento teórico e metodológico se dava por outros referenciais que não aqueles advindos da tradição filológico-portuguesa que adentrava a institucionalização da Linguística, nos Currículos Mínimos Federais das Faculdades de Letras.

Em suma, no período anterior à década de 1960, é possível rastrear três grandes tendências na abordagem dos fatos de língua no cenário brasileiro. Nesse sentido, de um lado, destacam-se a perspectiva histórico-filológica e a dialetológica, ambas guiadas por uma visão da língua enquanto fato sociocultural e por uma orientação diacrônica da língua portuguesa. De outro lado, a perspectiva estruturalista, eminentemente sincrônica, herança de Ferdinand de Saussure e sua obra que provocaria um grande efeito sobre o pensamento do século XX, e que ainda levanta grandes discussões, o *Curso de Linguística Geral*. Sua nova forma de pensar sobre a língua contribuiu para a promoção de um novo acontecimento na Linguística, algo antes nunca visto na história.

## **2.2 Mattoso Câmara na linguística brasileira: um ponto de partida para a recepção do CLG**

A partir desse cenário pré-anos 1960 pode-se tomar a década de 1940 como o momento de irrupção da linguística brasileira. A história contada a seguir se baseia no texto de Antônio de Souza Sobrinho, que associa este momento de irrupção com a figura de Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Filho de Joaquim Mattoso Duque Estrada Câmara, especialista em economia política, e de D. Maria Paula de Castro Silva Mattoso Câmara, Mattoso Câmara Jr. nasceu no Rio de Janeiro em 13 de abril de 1904. Durante seus estudos primários e secundários frequentou o Colégio Pedro II, onde colaborou com poesias e traduções poéticas na Revista Social. Formou-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas-Artes no ano de 1927 e aos 39 anos ganhou uma bolsa de estudos concedida pela Fundação Rockefeller, com a qual durante um ano, participou de cursos de especializações em linguística nos Estados Unidos, assim como frequentou na Universidade de Colúmbia cursos de Grego, Sânscrito, línguas da África e linguística comparada, este último com Jakobson.

Em 1948, foi convidado a compor a cadeira de professor regente de Linguística na Faculdade Nacional de Filosofia, onde se tornou pioneiro do ensino regular e ininterrupto de linguística no Brasil. Além disso, ficou conhecido por ter ajudado na implantação do ensino dessa disciplina nos cursos superiores de Letras, após ter ministrado o único curso de Linguística no Brasil antes de o Conselho Federal de Educação estabelecer que toda escola superior de Letras deveria, obrigatoriamente, incluir em seus currículos o ensino da linguística.

Em 1949, concluiu seu curso de doutorado em Letras Clássicas, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, onde defendeu sua tese pioneira *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, aprovada com grande êxito. Para o professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa,<sup>17</sup>

A vasta produção intelectual de Mattoso Câmara representa um dos marcos mais importantes na história dos estudos linguísticos do Brasil e até mesmo na história dos estudos linguísticos do Português, ou seja, abrange o português brasileiro e o europeu (UCHÔA, 2004, p. 29).

---

<sup>17</sup> Carlos Eduardo Falcão Uchôa é professor emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF). É Livre-Docente e Titular de Linguística e hoje é aposentado. Foi aluno do professor Mattoso Câmara Jr. na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1965 a 1967, onde exerceu o papel de primeiro assistente do linguista brasileiro (UCHÔA, 2004).

Em 1952, na Faculdade Nacional de Filosofia, Câmara Junior obtém o título de Livre-Docente de Língua Portuguesa, com a tese *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*. Também foi membro-fundador da Academia Brasileira de Filologia e presidente da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina). Desse modo, a figura de Mattoso Câmara no cenário da Linguística brasileira leva a marca de pioneira, por ele ter sido o iniciador do estudo regular de Linguística entre nós. Representa, assim, um grande marco na história dos estudos linguísticos no Brasil e mesmo na história dos estudos linguísticos em língua portuguesa.

Suas aulas de Linguística na Faculdade e suas lições ao longo de seu período como professor, posteriormente, contribuíram para a publicação do livro *Princípios de Linguística Geral*, datado de 1941, marco que efetivamente considera o surgimento de um modelo sistemático da ciência linguística no Brasil. Foi o primeiro compêndio de teoria linguística publicado em língua portuguesa, livro que, Segundo Silvio Elia, cumpriu com o seu destino. A “sua aparência modesta não deixava de suspeitar o que de inovador e renovador dentro dele palpitava” (ELIA, 1976 apud CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 5). Como já se tem observado,

a primeira edição dos *Princípios* revê, em especial a influência da Escola Francesa e a das correntes europeias, de maneira geral. Meillet, Vendryès, Saussure, Grammont, Jespersen são os autores mais citados. Contudo, já ocorrem nomes de norte-americanos, como Bloomfield e Sapir, mais este do que aquele, o que é sintomático (ELIA, 1976, 1980, p. 5).

Mattoso Câmara também chegou a escrever uma *História da Linguística* em inglês, como resultado da sua experiência de professor na Universidade de Washington, em 1962. Segundo Uchôa (2004), o professor Câmara Junior, ao longo de sua carreira escreveu ensaios ou crônicas sobre correntes linguísticas (como o estruturalismo), sobre linguistas (como Jespersen, Jakobson, Said Ali...), sobre o panorama de estudos de um país (como A Linguística Brasileira) e um sem-número de resenhas ou resenhas críticas de obras de linguistas de várias nacionalidades (brasileiros também).

Ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960, sua bibliografia exerceu um importante papel para a difusão, entre nós, de ideias em voga no campo do estudo da linguagem, divulgadas por meio do filtro crítico de um linguista atualizado e sagaz

(UCHÔA, 2004, p. 8). Em outras palavras, o pioneirismo de Mattoso Câmara justifica-se pela sua preocupação de estudar os fatos sobre a linguagem por meio de um plano universal, como uma atividade humana. Seus trabalhos, conhecidos no Brasil e em Portugal, estão direcionados a compreensão do fenômeno linguístico. Em sua pesquisa, utiliza argumentos básicos da linguística estrutural: explica as dicotomias de Saussure (citado 37 vezes) e dedica um capítulo à Fonologia, seguindo as ideias de Sapir e do Círculo Linguístico de Praga.

A partir da publicação dos *Princípios*, constatou-se que nesse panorama de estudos sobre a linguagem no Brasil, no alvorecer dos anos de 1940, a língua portuguesa se tornou foco de investigação. A essa obra é comum associar a teoria linguística como objeto de estudo, segundo o modelo referencial do estruturalismo, o que representou uma mudança sensível de pensamento, um novo acontecimento na Linguística Brasileira.

Pode-se considerar que a obra *Princípios de Linguística Geral* (PLG) representa uma transição entre a linguística tradicional e a moderna (estrutural), visto que nela coexistem Saussure, Sapir, e Trubertzkoy, de um lado e, de outro, autores filiados à escola francesa do início do século XX, como Meillet e Millardet, por exemplo. É certo que não havia na obra uma teoria original, mas com seu trabalho, Mattoso Câmara defendia que a seleção de temas assegurava uma cobertura satisfatória da Linguística para a época.

A obra de Mattoso Câmara representou um novo modelo de estudos sobre a língua portuguesa. Com base numa orientação estruturalista, sob a influência europeia dos estudos saussurianos do início do século XX, a obra descritiva de Mattoso Câmara contribuiu decisivamente para uma mudança fundamental no ensino de Língua Portuguesa, cujo estudo sincrônico ganhou grande importância nos anos 1960, quando não se limitava mais aos textos literários, base de comentários e classificações gramaticais.

Os anos de 1960 foram um momento de disputa entre a Filologia e a Linguística de base estrutural. Tal embate ocorreu pelo crescente estudo da abordagem sincrônica, descritiva, que era sinônima de uma linguística estrutural, em detrimento de uma abordagem diacrônica, histórica, sinônima da Filologia.

Mattoso Câmara, com seus *Princípios*, contribuiu substancialmente para a descrição do português. Sua obra descritiva, distribuída em livros e ensaios diversos, marcou o início do processo de institucionalização da Linguística Brasileira e de uma

nova orientação teórica e metodológica para os estudos linguísticos. Ele é considerado um dos pioneiros na divulgação dos estudos linguísticos no Brasil e foi o primeiro professor de Linguística em uma universidade brasileira.

A linguística ligou-se, inicialmente, a uma corrente epistemológica estruturalista, herança de Ferdinand de Saussure e o CLG do contexto francês. No Brasil, essa influência estruturalista é marcada pela figura de Mattoso Câmara e de Aryon Rodrigues. Nesse sentido, pode-se observar que na década de 1960, no Brasil, colocavam-se sob a designação de linguistas apenas aqueles chamados de estruturalistas. Mattoso Câmara dizia que entre todos estes, ele apenas reconhecia dois: Aryon Dall'Igna Rodrigues e ele próprio.

Desse modo, o termo “linguística” surgiu no contexto brasileiro já ligado ao estruturalismo e a partir daí, no decorrer da década de 1960, os universos de referência dos dois acontecimentos – Filologia e Linguística – começaram a se delinear e a se distinguir, justamente pelas oposições institucionais que se faziam cada vez mais nítidas.

Nesse contexto, a Linguística entrava com força nos cursos de graduação das Faculdades de Letras. Rodrigues, em Brasília, foi o responsável por montar um curso autônomo de Linguística, em nível de pós-graduação. A concepção de Filologia e de Linguística no período destaca-se no depoimento de Rodrigues:

Com respeito ao termo recorrente “filologia” convém observar que há 25 anos nos achávamos num momento de transição terminológica, em que o nome “linguística” já começava a generalizar-se e “filologia” passava a ceder-lhe parte do espaço que vinha ocupando tradicionalmente no Brasil. No contexto do Plano Orientador da Universidade de Brasília “filologia” foi usado sobretudo para significar o estudo científico da língua portuguesa, abrangendo desde o estudo filológico *stricto sensu* dos textos medievais até a pesquisa da fala rural brasileira (RODRIGUES, 1988, p. 58 apud ALTMAN, 1998, p. 122).

A separação entre os dois acontecimentos na história da linguística brasileira começava a ganhar contornos e a fazer-se clara para a comunidade acadêmica da época. Podia-se verificar que de um lado, sob a designação de Filologia, destacavam-se os trabalhos e edições críticas dos textos literários da língua portuguesa e os de dialetologia; de outro, sob a designação de Linguística, os trabalhos de descrição sincrônica de outras formas da língua que não a literária.

Mesmo voltada, em boa parte de seus estudos, para a análise descritiva do objeto material da língua, a Linguística Estruturalista de Mattoso Câmara acabaria se percebendo incompatível com a Filologia.

Havia naquele momento a necessidade de uma investigação de caráter autônomo sobre a língua. Os linguistas começavam a avançar em números e, ao fim dos anos 1960, os estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil têm como fundamento epistemológico um estatuto de cientificidade. Ao longo da década de 1970, a Linguística passaria, assim como suas disciplinas, a constituir um domínio específico e autônomo de investigação.

Para nosso trabalho, tal influência de Mattoso Câmara é de grande valia já que junto a ele vemos os primórdios de uma ciência Linguística no Brasil, a qual foi uma das primeiras portas de entrada dos estudos linguísticos desenvolvidos no contexto europeu, influenciados por uma visão estruturalista oriunda da publicação do CLG de Saussure.

### **2.3 A recepção do pensamento saussuriano no Brasil: as narrativas dos manuais de linguística brasileiros**

A emergência da linguística brasileira tem forte influência do contexto europeu. Nesse sentido, o pensamento de Ferdinand de Saussure, representado pelo *Curso de Linguística Geral*, contribuiu muito para a nova geração de estudiosos das ciências humanas no século XX como Louis Hjelmslev, Claude Lévi-Strauss, Algirdas Julius Greimas, Maurice Merleau-Ponty, dentre outros. Ferdinand de Saussure foi responsável por inaugurar um novo horizonte de reflexões não só no âmbito da Linguística – enquanto modelo de cientificidade – em que se ocupa diretamente da língua e da linguagem como objetos de estudo, mas também na Antropologia, na Filosofia e na Psicologia.

Pode-se tomar seu Curso de 1916 como o grande clássico da linguística moderna. Em uma de suas passagens, Ítalo Calvino, escritor italiano, escreveu:

[os clássicos] são livros que exercem uma influência particular quando se impõem e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual (CALVINO, 1998, p. 10-11).

Podemos trazer esse pensamento de Calvino para a obra de Saussure, que desde sua publicação buscou analisar um novo objeto no interior do seu campo, a língua, tomando-a como uma instituição social, analisada sob uma perspectiva sincrônica. O autor genebrino foi responsável por um conjunto de teorias que marcou sua presença, entre elas, destacam-se as dicotomias: língua/fala; significante/significado; sincronia/diacronia; sintagma/paradigma. A partir do Curso, pôde-se pensar numa linguística que considera a língua como “um sistema que conhece apenas sua própria ordem (SAUSSURE, 2006, p. 31); “é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (CLG, p. 102).

Muitos dos alunos que hoje adentram os cursos de graduação em Letras e Linguística se questionam sobre o autor Ferdinand de Saussure, com a alegação frequente de que sua obra CLG seria de difícil compreensão e nem sempre muito clara em seus argumentos. A nosso ver, tais questões são bastante pertinentes, dado o fato de que pouco se fala sobre o autor genebrino ao longo dos cursos, ou ainda quando se refira a ele, não seja da maneira mais apropriada, limitando-o apenas às dicotomias, em detrimento das reflexões encontradas nos manuscritos, materiais que começaram a ganhar destaque entre os pesquisadores e estudiosos nas duas primeiras décadas dos anos 2000. Tais questionamentos não são meras críticas ao modo de ensinar as teorias do Curso ou à forma como são compostos certos materiais de investigação. Se tais considerações não carregassem uma fração de verdade, não existiriam tantos materiais de divulgação da obra de Saussure, muitas vezes com uma compreensão simplificada e generalizante que, numa tentativa de se voltar ao Saussure do Curso, cria uma “nova” categorização no interior da Linguística: o discurso das “vulgatas” saussurianas.

Saussure, no século XXI, torna-se mais atual do que nunca. Podemos dizer que sua reflexão nunca se esgotou, pois sua atualidade se renova a todo instante, seja nos manuais de linguística (as chamadas “vulgatas”), cuja função é divulgar, “vulgarizar” algumas das principais reflexões saussurianas, seja nas fontes manuscritas. Sobre tal consideração do caráter inesgotável de busca e retomada, Calvino também diz que

um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer [...] quanto mais pensamos conhecer, por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados e inéditos (CALVINO, 1998, p. 12).

O CLG, como todo clássico, tornou-se um “ponto de origem” que contribuiu para pensarmos quem somos e onde chegamos nas ciências humanas. Ele é fundamental para entendermos e compreendermos o que se chamou de linguística moderna.

Dada a recepção de seu Curso por meio dos três manuais de linguística selecionados neste trabalho, conforme já enunciado, propomos fazer um estudo discursivo sobre os enunciados produzidos nestes manuais. Tais obras retomam o CLG e suas teorizações e constroem diferentes efeitos de sentidos por meio de diferentes narrativas que contam o acontecimento CLG, isto é, diferentes leituras em torno da obra de Saussure, na linguística brasileira. Além disso, tentamos investigar a que público específico esses materiais são dirigidos e como eles segmentam e sistematizam seus conteúdos. Queremos mostrar que as diferentes narrativas produzidas nesses manuais de linguística no espaço enunciativo brasileiro ainda têm muito a nos dizer, pois ainda apontam caminhos e abrem sendas e veredas que nos permitem descobrir horizontes ainda não desbravados.

Diante disso, nossa hipótese compreende pensar o modo como o CLG é recebido no Brasil entre os anos de 1940 a 1960 – especialmente no que tange o ensino de linguística e na institucionalização da disciplina.

### **2.3.1 A *vulgarização* nos manuais de linguística brasileiros: um discurso didático?**

Desde a década de 1940, circula no espaço brasileiro um conjunto de manuais de linguística que, além de apresentar as principais concepções teóricas de Saussure no Curso de 1916, também retoma constantemente outros nomes importantes da ciência linguística. Desse modo, a maior parte desse material é reflete um processo interpretativo que conduz geralmente a uma compreensão simplificada – em especial no caso do CLG – dos principais conceitos saussurianos. É corriqueiro no ambiente acadêmico tratar essas enunciações do CLG nos manuais como um discurso

“vulgarizado”, cujo intuito é apenas expor os principais pressupostos teóricos propostos pelo linguista suíço.

Segundo o minidicionário Aurélio (2000), *vulgarizar* quer dizer “divulgar(-se), propagar(-se), tornar muito conhecido”. Assim, tratar o vulgar seria abordar um efeito de sentido genérico, que representaria uma narrativa diferente do Curso de Saussure. Dessa maneira, seu objetivo seria assumir um caráter de divulgação, para o maior número de pessoas iniciantes no tema tivessem acesso a sua teoria.

Nesse sentido, pode-se perceber que muitos desses manuais que retratam a importância do CLG e seus pressupostos teóricos estão associados a uma ordem discursiva, isto é, estão ligados a um discurso de *didatização* das teorias, cujo objetivo é apresentar àqueles que não são iniciados na ciência linguística, o que seria de “mais relevante” da obra de 1916. Assim, às lides da *vulgarização científica* se associaria um trabalho complementar de divulgação científica, que permite que um público mais amplo e heterogêneo tenha acesso às informações que circulam no meio acadêmico. Abordar a vulgarização seria compreender um antes, não vulgarizado, e um depois, vulgarizado, que seria produto do primeiro.

Ao compreendermos um manual de linguística como uma obra de vulgarização científica, somos levados a refletir sobre os principais aspectos que tangem à circulação e ao consumo desse manual. Vemos fortemente materiais como estes circularem com mais frequência nos ambientes universitários, mais especificamente nos anos iniciais dos cursos de Letras e Linguística. Essa primeira questão é interessante pelo fato de se considerar que os estudantes, nos primeiros anos de seus cursos, precisariam de um “suporte”, de materiais que simplificassem o discurso, de modo mais genérico ou mais “compreensível”, já que o Curso de Saussure seria supostamente um material de extrema complexidade em sua primeira leitura.

Diante disso, não queremos avaliar esses manuais de linguística como bons ou ruins, mas considerar que, a seu modo, contribuem para a descrição e construção de uma ciência linguística brasileira, ao mostrar um “outro” do CLG. Apesar de retomar muito do que está explicitado no Curso, pode-se pensar na construção de um outro Saussure, diferente da obra de 1916, dado o caráter de sua composição. Teríamos um *Saussure didatizado*, um *Saussure professor* que explicaria, de maneira mais simplificada e, se possível, de forma clara, tudo o que o CLG não consegue.

Um dos primeiros manuais, clássico da nascente linguística acadêmica, datado de 1941, foi o livro de J. Mattoso Câmara Jr., *Princípios de Linguística Geral*. Em uma de suas passagens, podemos encontrar as seguintes afirmações do professor Mattoso Câmara: (1) “Foi o reconhecimento [a dicotomia *língua e fala*] dessa verdade que se cristalizou na doutrina, hoje clássica, do mestre suíço Ferdinand de Saussure” (CÂMARA JR., 1980, p. 24); (2) “A seu lado [língua], distingue Saussure a FALA, ou, mais precisamente, o DISCURSO, que é a atividade linguística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo” (CÂMARA JR., 1980, p. 24); (3) “Para Saussure, a linguística propõe-se a estudar a LÍNGUA; e nos discursos individuais, que considera e analisa, se lhe devem interessar os elementos vocais coletivos e a sua organização normal” (CÂMARA JR., 1980, p. 25); (4) “essa distinção [LÍNGUA E DISCURSO] é uma das luminosas interpretações saussurianas na ciência da linguagem” (CÂMARA JR., 1980, p. 25). Em sua obra *Princípios* não deixa de fazer referências a outras importantes figuras no cenário da linguística como Meillet, Coseriu, Hjelmslev, entre outros.

Outro manual de expressiva circulação no cenário brasileiro, desde as décadas de 1960 e 1970 até os dias atuais, com as várias reedições, é *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes.

Em uma das afirmações contidas no prefácio da obra, temos:

Fundamentos da Linguística Contemporânea é a obra mais inteira que, sobre as premissas básicas da ciência do signo verbal, se tenha escrito, até o momento, em língua portuguesa (CAÑIZAL, 1976 apud LOPES, 1976, p. 9).

Mais adiante, encontramos outro excerto que corrobora para tal afirmação:

Este é, sem favor, o mais completo e sistemático manual de Linguística já publicado no Brasil. Nele, seu autor, que é docente dessa disciplina em diversas Faculdades do Estado de São Paulo, pôs o melhor de sua experiência pedagógica e do seu conhecimento da mais categorizada bibliografia de Linguística, Semiologia, Comunicação e áreas correlatas, para oferecer ao estudante um texto introdutório, a um só tempo minucioso, claro e conciso, acerca da ciência do signo verbal (LOPES, 1976, quarta capa).

Neste manual, diferentemente de Mattoso Câmara, o autor Edward Lopes

tenta reorganizar a forma de apresentação dos conceitos desenvolvidos por Saussure no *Curso de Linguística Geral*, mudando a ordem de disposição das dicotomias saussurianas. Ele adota a seguinte ordem: sincronia/diacronia; língua/fala; forma/substância; significante/significado; sintagma/paradigma.

A partir dos anos 1970, mais especificamente em 1976, os leitores brasileiros conhecem a primeira obra completa que mobiliza as teorias saussurianas. É um manual de linguística sobre Saussure no sentido estrito do termo. Dado seu caráter introdutório, *Para Compreender Saussure*, de Castelar de Carvalho já está na sua 19ª edição (2012)<sup>18</sup>, com um sucesso editorial significativo, considerando a forma como expõe os principais conceitos do mestre. A influência da obra é tão grande que ela ocupa um dos lugares mais importantes entre os manuais de linguística da época, pois, na visão de seu autor, seria o material mais completo sobre Saussure já publicado em solo brasileiro.

Os manuais são, a nosso ver, um recurso que contribui para a institucionalização e a difusão das ideias de Saussure no Brasil. Além disso, são importantes porque foram alguns dos primeiros manuais de linguística a circular no espaço brasileiro, difundindo as ideias do CLG. Essas introduções históricas iniciais promovidas pelos manuais visam a mostrar os avanços da disciplina, ou de parte da disciplina, em relação a estágios anteriores. Ou seja, muitos dos pesquisadores daquele momento histórico estavam, em alguma medida, interessados ou na promoção de uma determinada teoria, de acordo com seus gestos de interpretação, ou na manutenção do que entendiam ser a unidade essencial da disciplina como um todo.

Se pensarmos nas obras de divulgação, muito da discursivização do pensamento saussuriano no Brasil sofre impacto direto da promoção do discurso didático, que buscar mostrar que Saussure, em contrapartida a uma linguagem mais rebuscada, complexa, da obra de 1916, pode ser tratado de uma maneira mais simples e didática. Como forma de transmitir essa didatização, os manuais usam e abusam das dicotomias saussurianas, tidas como “verdades absolutas” sobre os pressupostos de Saussure, como se no Curso não houvesse outros conceitos. Outra característica é a ausência de um questionamento em torno da autoria da obra, ponto que não é problematizado. Dados tais fatos marcantes, podemos dizer que os manuais de

---

<sup>18</sup> Nesta versão é possível encontrarmos no prefácio à 12ª edição a seguinte afirmação do autor sobre sua obra: “A presente edição conserva o espírito e o conteúdo das anteriores, em respeito ao público leitor, que nos tem honrado com sua atenção nos 27 anos de sucessivas reedições deste livro sobre o genial Saussure, cuja doutrina iluminada, com o passar do tempo, só tem feito renovar sua atualidade”.

linguística brasileiros voltam-se para a explicação de uma epistemologia da linguística fadada na simplificação. Seus principais destinatários constroem-se pelos diferentes efeitos de sentido criados por cada narrativa que expõe, a seu modo, gestos de leituras particulares do acontecimento específico da publicação do CLG.

Em suma, neste capítulo, nosso objetivo foi investigar a irrupção teórica e os percursos da linguística no Brasil, a fim de observar como a obra CLG foi recebida pelos autores brasileiros, por meio do recorte dos três manuais de linguística em destaque. Diante de condições de produção específicas, a circulação desses manuais, na história do desenvolvimento da linguística brasileira, contribui para que efeitos de sentidos em torno do *acontecimento CLG* irrompam e (re)signifiquem a obra de 1916. No capítulo seguinte, com base na noção de acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento de Guilhaumou (2009), faremos a análise do material com o propósito de observar como se dá a recepção do *acontecimento CLG*, tomando como objeto específico de investigação a dicotomia *língua e fala*.

### **O acontecimento na Linguística Brasileira: as diferentes construções editoriais das narrativas sobre o *acontecimento* CLG**

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva - e repetida no passado como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei - o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações passíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade.

Michel Foucault (*A Arqueologia do Saber*, 1969)

Diante de um conjunto de enunciados, no interior de práticas discursivas, muito pode ser (re)dito, (re)visitado e, principalmente, (re)significado, e, por consequência, transformar os grandes feitos na história, os episódios do passado em acontecimentos que marcam uma época, uma sociedade. Tendo em vista esse pressuposto, o enunciado não se assemelha à frase, ao ato de linguagem ou a uma proposição, ele é interpretado por meio da sua função enunciativa, é produzido por um sujeito (*autor-narrador* do acontecimento), em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que o definem e possibilitam sua emergência e circulação enquanto enunciado. A essa reflexão de Foucault, acrescentaríamos que o enunciado também pode produzir um “efeito de verdade” não em uma única narrativa, mas em várias.

Os sujeitos, inseridos num lugar institucional e determinados por certas regras sócio-históricas, constroem diferentes narrativas em torno de um acontecimento

marcante na história, proporcionando (re)visitar um pensamento e trazer novas instâncias discursivas, novos gestos de interpretação.

Pode-se afirmar, com isso, sob a perspectiva de Jacques Guilhaumou (2009), que determinadas narrativas, “sob sua forma singular e/ou coletiva, seriam a forma histórica mais acabada de experimentação do real ao longo da existência da humanidade” (GUILHAUMOU, 2009, p. 138). Elas tematizariam também, em seu percurso, formas sociais particulares que dão consistência universal a uma narração de vida, a uma representação histórica num determinado contexto de transformações heroicas.

Para efeito de análise sobre as diferentes narrativas<sup>19</sup> produzidas sobre o *Curso de Linguística Geral* de Saussure, no contexto brasileiro, tomamos os sujeitos, produtores dos manuais de linguística brasileiros, como *autores-narradores*. Esse conceito os representa não somente por seu posicionamento enquanto “autor”, aquele que organiza diferentes vozes e produz a história, mas também enquanto “narrador”, aquele que participa “a seu modo”, narra e descreve os fatos, produz julgamentos avaliações e, principalmente, atribui aos enunciados diferentes gestos de interpretação, que produzem efeitos de sentido de verdade distintos. O *autor-narrador* torna-se, assim, autorizado a falar não apenas sobre o Curso, sobre Saussure, mas também, muitas vezes, “como Saussure”.

Pensamos a categoria *autor-narrador* como uma instância representativa do discurso que marca seu posicionamento na construção de sua narrativa, conferindo-lhe forma e sentido. É preciso destacar que “sua forma” e “seu sentido” são condicionados por determinantes sócio-históricos que vão desde as coerções editoriais: onde publicar, o que publicar, como publicar, etc. até as ideológicas. Dessa forma, cada *autor-narrador* dos manuais de linguística, por meio de sua narrativa, preocupa-se em reproduzir as dicotomias saussurianas presentes no CLG para, com isso, redizê-las de outra forma. Nessa nova instância discursiva, enfatizam os fatos que mais entenderem como pertinentes para o desenvolvimento de suas ideias,

---

<sup>19</sup> Considerando a noção de narrativas do acontecimento de Jacques Guilhaumou (2009), tomamos para nossas análises as leituras que são feitas do *Curso de Linguística Geral* de Saussure nos manuais de linguística brasileiros. Dessa forma, buscamos investigar como tais materiais se constituem por discursos que ora repetem e simplificam ora contribuem para a divulgação do pensamento saussuriano no cenário brasileiro. Assim, nos manuais de linguística é possível observar o que é trazido do CLG por meio de gestos de interpretação particulares e, com isso, verificar a produção de efeitos de sentido distintos.

construindo, de tal forma, seu próprio modo de ler e interpretar a obra do autor genebrino.

Nesse sentido, pensar os enunciados produzidos pelas diferentes narrativas na sua relação com as práticas discursivas, na perspectiva de Foucault (1969) é abandonar o caráter de continuidade na história e tomar a sua descontinuidade, nos moldes de uma “nova História”, a qual permite transformar documentos em monumentos. A partir dessa perspectiva, pretendemos observar nosso material de análise e fazer uma leitura dos manuais de linguística brasileiros acerca dos possíveis “novos” enunciados que surgem em torno do CLG. Sobre a transformação dos documentos em monumentos, Foucault afirma que

A história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem [...], a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifram rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 1969, p. 8).

Com base no exposto, compreendemos que pensar na obra de Ferdinand de Saussure e sua contribuição para a teoria linguística é considerar uma mudança epistemológica na forma de tratar e estudar a língua. Significa partirmos para um modelo de ciência antes nunca visto na história da linguística, que serviu como ponto de partida para tudo o que viria a se tornar esse campo tão fecundo e, ao mesmo tempo, tão diverso.

Desse modo, é possível asseverar que Saussure continua na ordem do dia. Sua doutrina adquiriu extraordinárias repercussões. O *Curso de Linguística Geral* tornou-se um arcabouço teórico imprescindível à época de sua publicação, produzindo para si um marcante reconhecimento no mundo acadêmico, que hoje o considera como uma das obras mais significativas, se não a mais, para a linguística moderna. O Curso foi responsável por efetivamente inaugurar um novo modo de estudar a linguagem, baseado em um modelo científico. Foi a partir da publicação do Curso como um grande acontecimento na história, que “novos” enunciados, “novos” acontecimentos puderam ser (re)produzidos e (re)contados por diferentes narrativas, produzindo,

assim, efeitos de sentido diversos. A esses acontecimentos (re)visitados e trazidos para uma nova condição de produção chamamos de *acontecimentos discursivos*, segundo a perspectiva de Guilhaumou (2009), que inscrito numa “nova história”, com base no pensamento foucaultiano, busca tratar as descontinuidades, rupturas, (re)significações e transformações.

Desse modo, “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2004, p. 31). Por tal razão acreditamos que os enunciados que retomam e (re)dizem o CLG nos manuais de linguística brasileiros devem ser tomados de um modo bastante específico, pois sua emergência se deu não apenas pela situação de sua produção, mas também por outros enunciados que os precederam e os seguem. Em outras palavras, eles não se limitariam apenas ao que foi dito por um sujeito em algum momento da história, tampouco representariam a verdade sobre determinada contribuição de Saussure e seu Curso para a linguística moderna, mas às suas próprias condições de enunciabilidade.

Ao analisar o discurso produzido por cada manual de linguística, considerando suas especificidades editoriais, é possível de alguma forma compreender as relações históricas que constituem os dizeres bem como nossas práticas. A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de matriz francesa, este trabalho se propõe a analisar os enunciados produzidos pelos três manuais de linguística a respeito da dicotomia *Língua e fala*, com a qual (re)interpretam o CLG a partir de ângulos novos, produzindo, assim, efeitos de sentidos diferentes. Ou seja, os *autores-narradores*, enquanto produtores dos manuais, são tomados por um momento de emergência de formas singulares de subjetivação, e produzem enunciados a partir de seus gestos de interpretação. Assim, o acontecimento discursivo de cada publicação coloca em evidência um sujeito da enunciação, destacando seus próprios recursos interpretativos.

Chegamos, enfim, a um ponto importante da leitura que propomos, isto é, a noção de que os discursos produzidos pelos manuais de linguística, sobretudo os que se referem aos conceitos de *língua e fala*, devem ser encarados como conjuntos de acontecimentos discursivos. Assim, direcionamos nosso olhar para um recorte histórico que pontuou de maneira específica parte da história da leitura da obra de Saussure em solo brasileiro, constituindo, dessa forma, as condições de produção de uma linguística no Brasil. Foi justamente esse percurso do processo de institucionalização da disciplina linguística que nos permitiu visualizar os diferentes

percursos narrativos sobre a obra saussuriana, permitindo que leituras outras, ou gestos de interpretação, fossem possíveis a partir dessa obra histórica.

Para dar conta de explicar os diferentes efeitos de sentidos criados a partir da influência (como foi lido e por quem foi lido), mobilizaremos os três manuais de linguística brasileiros datados das décadas de 1940 a 1980, período de grandes desenvolvimentos no cenário brasileiro, sobretudo acerca do processo de institucionalização da linguística como disciplina autônoma, conforme Altman (1998).

A nosso ver, tais materiais pré-selecionados são bastante representativos, pois marcam momentos históricos diferentes no processo de institucionalização da linguística no Brasil. O primeiro manual selecionado é o livro de Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Princípios de Linguística Geral*, ou PLG, datado de 1941 (com reedição de 1980). Essa obra é considerada pioneira nos estudos linguísticos brasileiros a partir de uma vertente estruturalista. Com os *Princípios* de Mattoso Câmara, foi possível pensar em uma linguística de língua portuguesa. A segunda obra é o manual de linguística *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, ou FLC, de Edward Lopes, de 1976 e, por fim, uma obra peculiar por ser um material dedicado inteiramente à obra de 1916 e à figura de Saussure, a saber, *Para Compreender Saussure*, PCS, de Castelar de Carvalho, publicado em 1976<sup>20</sup>.

A escolha do material de análise não é aleatória, todavia, este pertence a um conjunto de um grande arquivo que contempla as contribuições do Curso de Saussure para a linguística moderna. Esses acontecimentos discursivos – as publicações das obras de Mattoso Câmara Jr., Edward Lopes e Castelar de Carvalho – estão associados a um conjunto de novos enunciados, que narram diferentemente a leitura feita do CLG por pesquisadores brasileiros. Trata-se de compreender o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica, e em sua repetição. Dito de outro modo, o enunciado é singular pois a cada nova enunciação, a cada narrativa sobre o acontecimento, novos sentidos são criados e estes, por sua vez, têm uma

---

<sup>20</sup> A fim de que possamos descrever as condições de produção que engendraram a produção das obras no cenário conturbado da linguística no Brasil e observar quais os efeitos de sentidos produzidos por elas a partir destas condições, optamos pela seleção de algumas das primeiras edições brasileiras de cada manual. As obras de Edward Lopes e de Castelar de Carvalho aqui citadas referem-se à primeira edição, de 1976, enquanto os *Princípios* de Câmara Jr. (PLG), refere-se à sexta edição. Esta última não apresenta grandes modificações em comparação à primeira edição, por ser apenas revisada ortograficamente, o que não altera os resultados de nossa análise.

relação direta com outros enunciados já ditos, já (re)visitados, e em circulação na sociedade; tais enunciados são repetíveis porque cada narrativa pode retomar outra, criando um efeito de memória. Dessa forma, tais efeitos de sentido produzidos podem ser o de fundação, divulgação da linguística no Brasil (PLG), o de didatização (FLC), ou ainda um efeito de idealização sobre o CLG (PCS). Partindo dessa memória, no interior de um arquivo – tudo o que pode ser dito sobre o acontecimento CLG e o professor Saussure – podemos tomá-lo como um grande estudioso para a ciência linguística.

A partir da análise dos dados, propomo-nos a investigar a recepção do *Curso de Linguística Geral*, enquanto acontecimento histórico, no cenário brasileiro, isto é, investigar como os enunciados em torno desse acontecimento foram (e ainda são) produzidos nos manuais de linguística pré-selecionados, refletindo até que ponto eles se aproximam ou se distanciam da obra de 1916. Tais manuais são mobilizados por um discurso de “vulgarização” das dicotomias saussurianas. Tais discursos produzem, a nosso ver, novas instâncias discursivas sobre a leitura que os estudiosos brasileiros fazem do CLG, as diferentes narrativas dos *autores-narradores*, que contribuem para que novos acontecimentos discursivos sejam engendrados e assim novos efeitos de sentidos sejam criados, passando a circular na sociedade e marcando-se na história.

A partir de nossa incursão no material selecionado, tomamos, inicialmente, as enunciações em torno das principais reflexões sobre a obra saussuriana, mobilizando principalmente suas dicotomias<sup>21</sup>. Com base na obra inicial, é possível tomar outras enunciações em torno de seus pressupostos e afirmar que em sua retomada e/ou repetição, novos enunciados são produzidos, novos efeitos de sentidos de diferentes narrativas que são concebidas pelo recorte que é feito no material. Nesse sentido, encontramos diferentes gestos de leitura sobre a obra de Saussure que, por suas especificidades de produção e organização material, trazem a seu modo uma descrição narrativa dos fatos que consideram mais adequados e relevantes sobre o acontecimento, sobre os conceitos desenvolvidos no Curso. Ou seja, os materiais

---

<sup>21</sup> De maneira geral, é importante salientar neste ponto da pesquisa que a opção de olharmos as dicotomias deve-se às constantes enunciações em torno delas, principalmente nos materiais de vulgarização, pois nestes, o objetivo de didatizar e divulgar os conceitos de *língua/fala; sincronia/diacronia; significante/significado e sintagma/paradigma*, são mais evidentes pela frequente circulação na comunidade universitária. Em alguns breves relatos informais de alunos reunidos em alguns eventos acadêmicos no segundo semestre de 2013 (por exemplo: II Jornada Ferdinand de Saussure - UNICAMP/SP; Jornada Internacional Ferdinand de Saussure – UFRN/RN; 100 anos com Saussure - USP), foi possível perceber o recorrente uso desses materiais nas séries iniciais das graduações em Letras e Linguística.

selecionados como objeto de reflexão são um recurso que por um lado contribui para a institucionalização do pensamento saussuriano, tendo em vista sua circulação numa época de constantes retomadas e descobertas no campo da linguística brasileira e, por outro, possibilita uma comparação entre as diferentes narrativas produzidas a partir do acontecimento CLG, produzindo percursos de leitura distintos e, conseqüentemente, sentidos distintos. Para nossa seleção, procuramos tomar como amostra materiais de reconhecida aceitação e de ampla circulação em certos círculos acadêmicos e que possuem uma tradição no cenário brasileiro.

Segundo Altman (2012), os linguistas brasileiros que eventualmente se dedicaram à revisão das tradições de estudo linguístico que os antecederam, o fizeram como introdução aos seus manuais de linguística geral ou aos manuais de suas especialidades, como Francisco da Silva Borba (1967) e sucessivas reedições, Edward Lopes (1993) etc. Ainda para a autora, pelo menos até o início dos anos 1990 é especificamente nos capítulos iniciais dos manuais de linguística que encontramos retrospectivas sobre as ciências da linguagem, tal como percebidas e propostas pelos pesquisadores brasileiros.

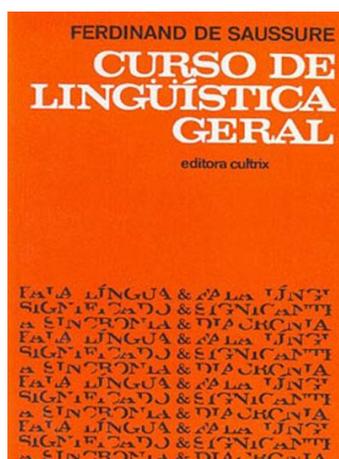
Desta forma, considerando a circulação das ideias de Saussure e sua figura enquanto “autor” da obra mais importante para a Linguística, no cenário brasileiro, pode-se observar que a leitura que se faz do CLG é com frequência antecedida ou até substituída pela leitura dos manuais de linguística que abordam a obra de Saussure nos cursos de graduação. Pode-se encontrar uma vasta produção de manuais de vulgarização, cujos enunciados configuram uma retomada da leitura do CLG, isto é, novos acontecimentos discursivos, sem apresentar qualquer questionamento dos conceitos. Faremos a seguir uma análise das narrativas desses manuais de vulgarização, investigando também os diferentes efeitos de sentidos – divulgação/fundação; didatização e idealização – produzidos por diferentes percursos de leitura das reflexões do Curso, o que torna sua consulta fator importante para a linguística e de inestimável valor teórico.

Diante desse cenário, podemos considerar alguns dos seguintes questionamentos: em que medida os três manuais de linguística, publicados a partir dos anos 1940, que buscam explicar e/ou *didatizar* o pensamento saussuriano presente no CLG, contribuíram para a recepção desse pensamento em solo brasileiro? Para isso, buscamos investigar o papel que tais manuais de vulgarização assumem na interpretação da leitura do Curso de Saussure ao fazer uma (re)leitura de seus

pressupostos. Nossa atenção se volta, sobretudo, aos conceitos de *língua* e *fala*, retomados por narrativas que (re)contam um acontecimento histórico e produz acontecimentos discursivos, cuja descrição contribui para uma elucidação discursiva dos percursos históricos pelos quais passou(a) a linguística praticada no Brasil.

### 3.1 O acontecimento CLG nos manuais de Linguística brasileiros

#### 3.1.1 Descrição do acontecimento histórico e a elaboração de um livro póstumo: O Curso de Linguística Geral



**Figura 1** Capa da edição brasileira do CLG

Ferdinand de Saussure é conhecido pela edição que se fez de alguns dos seus manuscritos, redigidos por ele provavelmente com o objetivo de preparar os cursos de *linguística geral* que ministrou em 1907, 1908, 1909 e 1910<sup>22</sup> e da edição das anotações que seus alunos fizeram durante os cursos que assistiram na Universidade de Genebra. Ao longo de sua produção enquanto professor, dedicou-se à implementação de um modelo metodológico capaz de imprimir nos estudos linguísticos o rigor científico almejado. Com isso, a precisão na delimitação do objeto dessa ciência é parte fundamental do processo de constituição da disciplina linguística.

O *Curso de Linguística Geral*, livro responsável por dar visibilidade e credibilidade à Saussure durante o século XX, não foi escrito por ele, embora tenha sido publicado sob sua autoria três anos mais tarde, após sua morte. Saussure recusou-se constantemente a publicar qualquer coisa sob o nome de *linguística geral*, pois

<sup>22</sup> “1º curso – de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907 [...] 2º curso – da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 [...] 3º Curso – de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 [...]” (Salum, Prefácio à edição brasileira do Curso de Linguística Geral – edição brasileira de 2012).

acreditava que sua teoria não havia alcançado um ponto em que se sentisse confiante de que tal publicação fosse possível. Para o mestre, tudo o que havia em torno de tal expressão tinha problemas que permaneciam sem solução, fazendo-o supor que tudo o que havia sido publicado até então sobre linguística geral era de pouco valor.

Após sua morte, inicia-se uma tentativa de reconstituição de seu pensamento, a fim de dar forma a uma *linguística geral*. Sua ausência foi sentida por seus colegas e alunos como uma grande perda para a ciência. O maior pesar que rondava aquela época era pensar que ele não havia deixado nenhum registro publicado de suas ideias pressuposições teóricas tão inovadoras sobre a ciência da língua. Vale destacar neste momento a figura de Antoine Meillet, um linguista da Sorbonne, que lamentou em um texto de obituário que a missão de seu amigo Saussure tivesse ficado incompleta. Meillet acreditava que a carreira de Saussure poderia ter sido coroada com uma publicação final de seu trabalho acerca da linguística teórica.

Por conseguinte, inúmeras declarações de contemporâneos do mestre genebrino mostraram que havia um grande interesse nesse pensamento, na possibilidade de reconstituí-lo e de trazê-lo novamente aos pressupostos de análise, na busca da reconstituição do seu “real” pensamento. Assim, Meillet observou que:

Da reflexão sobre a linguística geral que ocupou uma grande parte dos últimos anos de Saussure, nada foi publicado. [...] Somente os alunos que assistiram aos cursos de Saussure em Genebra tiveram até agora o privilégio de seu pensamento; somente eles conhecem as formulações exatas e as imagens bem escolhidas que ele teria usado para iluminar um novo assunto (MEILLET apud ENGLER, 2004, p. 49).

Cabe acrescentar ainda que havia o interesse por parte de seus alunos de publicar suas ideias. Naquele momento, dois grandes projetos editoriais em torno da linguística geral se destacaram. De um lado, o projeto que Charles Bally (1865-1947), juntamente com Albert Sechehaye (1870-1946) e as contribuições de Albert Riedlinger e, de outro, o projeto de Antoine Meillet e Paul Regard. É importante salientar que nem Charles Bally, nem Albert Sechehaye assistiram aos cursos de Saussure sobre a linguística geral. A contribuição foi de Albert Riedlinger e de Paul Regard, alunos de Saussure durante os dois primeiros cursos.

Antoine Meillet elaboraria o primeiro esboço do paradigma de textos originais sobre a obra do autor genebrino, mas, segundo as afirmações de Bally em cartas

trocadas com o antigo aluno, a edição das postulações teóricas desenvolvidas por Saussure não poderia ser feita de acordo apenas com o testemunho de um único estudante. Bally e Sechehaye foram responsáveis por produzir o que viria a se tornar a obra mais marcante da linguística no século XX<sup>23</sup>. Em sua empreitada editorial, Bally e Sechehaye se esforçaram para organizar as passagens dos cadernos de alunos e os poucos manuscritos aos quais tiveram acesso, confirmando seu papel como editores, e afirmando a autoria Saussure. A obra que o celebrou, publicada pela primeira vez em 1916, é composta por anotações de alunos feitas durante as aulas dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 a 1911.

Entre a comunidade acadêmica e os pensadores da cultura ocidental do século XX é consenso que ele é o fundador da linguística e do estruturalismo. O objetivo dos editores, inicialmente, era conferir ao livro um caráter mais fiel ao que entendiam ser o “real” pensamento do linguista suíço. Segundo Normand (2009),

Para os linguistas, Saussure era certamente bem conhecido, mas antes como um estudioso da gramática comparativa, precocemente falecido, que deixou uma obra inacabada. O Curso de Linguística Geral, tal como, após sua morte, seus editores o haviam reconstruído a partir de cadernos de notas de estudantes, suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora suscetível de ser ameaça à tradição universitária (NORMAND, 2009, p. 16).

Nos prefácios da primeira edição do Curso, quando a viúva de Saussure permitiu que fosse feito um levantamento do material existente na escrivaninha de seu marido, Bally e Sechehaye descreveram a decepção ao não encontrarem grandes notas rascunhadas pelo mestre de Genebra ao longo de sua carreira acadêmica. Em sua busca, os editores encontraram apenas algumas anotações e páginas com poucas informações. Segundo algumas cartas trocadas entre si, eles esperavam um esboço de uma obra que culminaria numa mudança de pensamento nos estudos da ciência linguística. Nesse sentido, os organizadores entregaram uma obra bem mais

---

<sup>23</sup> Podemos dizer que essa afirmação é um tanto quanto genérica já que não considera as diferenças da fortuna do CLG em continentes ou países distintos, que o conheceram em épocas e contextos diferentes. Para nosso trabalho, não podemos nos deter nesse aspecto, já que é necessário fazermos um marco temporal divisório entre os acontecimentos a que precisamos dar relevo na nossa pesquisa. Dessa forma, embora consideremos um tanto genérica tal consideração, precisamos fazer esse recorte temporal como algo fundamentalmente importante e necessário, marcando nosso período de estudos na história e, de maneira geral, esse recorte não é preciso e nem incorreto.

conclusiva do que aparentemente as aulas que foram apresentadas aos alunos nos três cursos.

Os editores, na introdução do CLG, explicam as dificuldades que tiveram para preparar o texto. De início, esperavam encontrar as notas preparadas pelo próprio autor genebrino para lecionar em suas aulas. Contudo, ficaram desiludidos quando descobriram que ele nada havia deixado registrado. Durante suas aulas na Universidade, à medida que mudava de ideia ou chegava a alguma nova conclusão, descartava suas anotações, restando assim apenas alguns registros pessoais. Bally e Sechehaye, na introdução do livro, afirmam:

Foi-nos sugerido que reproduzíssemos fielmente certos trechos particularmente originais; tal ideia nos agradou, a princípio, mas logo se evidenciou que prejudicaria o pensamento de nosso mestre se apresentássemos apenas fragmentos de uma construção cujo valor só aparece no conjunto. Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos, mais racional; tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, tanto mais árdua quanto devia ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrante até o fundo de cada pensamento específico, cumpria à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentado das variações, das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme a intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada (BALLY; SECHEHAYE, 2012, p. 25).

Como explicam no prefácio, os editores não publicaram todas as anotações disponíveis e tampouco seguiram a ordem dos cursos. Para compor a edição, acrescentaram comentários e alguns esclarecimentos sobre o que consideravam obscuros. Talvez, com essa atitude, Bally e Sechehaye, apesar da possibilidade de terem cometido equívocos, acabaram produzindo uma obra fundamental, origem da influência do linguista suíço e de sua reputação no cenário da linguística. Todavia, custando-lhes duras críticas.

Durante seu trabalho na Universidade de Genebra, F. de Saussure pôde escrever centenas de páginas sobre projetos que não conseguiu concluir. Há registros de alguns manuscritos doados à biblioteca da Universidade de cursos inteiros que ele ministrou sobre as línguas indo-europeias. Depois de 1996, também se descobriu um grande tesouro de manuscritos deixados na estufa da mansão da família de Saussure.

Ao longo da edição da obra, Bally e Sechehaye recorreram principalmente a um antigo aluno de Saussure, Albert Riedlinger, que por ter participado do segundo curso, passou a ajudá-los a separar o material e a organizar uma possível reconstrução da teoria de Saussure por meio de suas anotações. Além disso, os editores do Curso contaram também com anotações de L. Caille, L. Gautier, Paul Regard, Mme. Sechehaye, Geroge Gégallier, Francis Joseph e as notas de A. Riedlinger, considerado como colaborador da obra de Saussure

Como já era de se esperar, havia muitas discrepâncias entre o material registrado nos diferentes cadernos de anotações dos alunos, considerando que o mestre de Genebra não havia organizado os três cursos da mesma maneira. Parte daí a necessidade e a razão por que os editores tiveram que se empenhar em repensar e reformular um pensamento que chegava até eles através de múltiplos filtros. A partir das “falhas” encontradas e por causa dos desafios que os editores tiveram que enfrentar, foram tomadas difíceis decisões editoriais em alguns pontos que era possível observar o próprio Saussure “vacilar” de um curso para outro.

O resultado de toda essa edição dos cadernos de estudantes e das anotações de Saussure culminou num volume de 271 páginas cuja estrutura, na realidade, não segue o padrão empenhado nos três cursos originais, mas reflete as inferências feitas pelos editores a fim de articular de forma lógica as visões teóricas de Saussure. Audaciosamente, eles tentaram uma reconstrução, uma síntese, conforme afirmaram no prefácio, usando o terceiro curso como um modelo aproximado (BOUISSAC, 2010, p. 197).

Naquele momento, os editores não sabiam da existência do melhor registro que havia sido feito por Emile Constantin, cujas anotações foram descobertas apenas no final da década de 1950. A partir de suas notas, consideradas como os mais fiéis registros do terceiro e último curso ministrado por Saussure, foi possível analisar a influência do mestre como professor de linguística, bem como seu estilo pedagógico e sua tão revolucionária forma de pensar sobre a língua.

O CLG de Ferdinand de Saussure foi uma obra marcante na linguística moderna, responsável por marcar uma época e instaurar um novo período de estudos, ao romper com alguns dos moldes da gramática histórico-comparativa, e propor uma nova forma de olhar a língua, sob um ponto de vista sincrônico. Saussure é comumente chamado de pai da linguística moderna pela maioria dos estudiosos, em

consequência de sua contribuição para a linguística, seguindo um modelo de cientificidade.

Apesar das críticas que possam ser-lhe atribuídas, podemos dizer que o CLG alcançou seu apogeu no momento em que sua teorização alcançou reconhecimento na Linguística e pôde fornecer um modelo de cientificidade para outras teorias, como a antropologia e a psicanálise nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Salum, no prefácio à quinta edição brasileira publicada pela Cultrix, em 1973, fala sobre o CLG e seu processo de edição:

Entretanto, hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série intérmina de problemas. Porque, no que toca a eles, Saussure – como Sócrates [...] é recebido de ‘segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filosófico para entendê-lo, e o segundo, filosófico demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. [...]. Dá-se o mesmo com o *Cours* de Saussure (SALUM, 1973 apud SILVEIRA, 2007, p. 21).

O comentário de Salum, no início da década de 1970, por um lado, dá a dimensão da importância que alcança Saussure na primeira metade do século XX e, por outro, indicia o início da discussão sobre a edição de sua obra, na segunda metade desse século.

A publicação da edição mais significativa para o surgimento da Linguística como campo científico, a obra *Curso de Linguística Geral*, é assim compreendida como acontecimento histórico. Partindo da noção de acontecimento na sua relação com a história, a produção desses discursos nos materiais selecionados é de fato uma retomada do acontecimento histórico (publicação do CLG) que se transforma em acontecimentos discursivos (publicações dos manuais brasileiros), conforme definido por Foucault (1969, p. 23), por ser instaurado pela enunciação, isto é, a supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento.

Em outras palavras, faz-se necessária a memória dos discursos produzidos pela obra de 1916 – retomados e repetidos nos manuais de linguística – para reconstruí-los como acontecimentos discursivos sobre as diferentes formas de descrição narrativa do CLG e suas dicotomias. Essa narrativa do acontecimento permite produzir a historicidade, contribuindo para a produção dos sentidos e as interpretações sobre o

passado, o presente e o futuro. Segundo Guilhaumou (2009), diferentes maneiras de dizer, por meio de diferentes materiais, podem contribuir para a criação de uma polêmica, assim, compreende-se que trazer diferentes vozes sobre a leitura que se faz do Curso produz diferentes efeitos de sentidos – já enunciados anteriormente – em torno da obra.

É desta forma que encontraremos os discursos repetidos, transformados e historicizados por uma memória que se reatualiza por meio desses manuais de linguística. Os discursos proferidos nesses materiais enfocam o acontecimento histórico que marcou o surgimento da linguística e, ao mesmo tempo, seus discursos são responsáveis por definir, de certa maneira, o contexto de produção da própria disciplina linguística no Brasil.

Para nossa empreitada discursiva, buscamos analisar esse *acontecimento CLG*, na linguística brasileira, narrado a partir de três diferentes narrativas, cada uma mobilizando um processo interpretativo distinto e, conseqüentemente, produzindo efeitos de sentidos distintos. Para tal análise, partiremos dos pressupostos teóricos de Jacques Guilhaumou (2009), em particular a noção de narrativa do acontecimento. Agregamos à nossa análise alguns manuais de linguística que (re)produzem alguns dos pressupostos apresentados na obra de Saussure – as dicotomias saussurianas –, sobretudo os conceitos de *língua* e *fala*, que são (re)definidos por uma nova interpretação, uma nova leitura conforme as condições de produções desses manuais, e destacam na perspectivas dos *autores-narradores*, o que seria de mais representativo nas teorias do CLG.

### **3.1.2 Do Curso de Linguística Geral às diferentes narrativas dos manuais de linguística brasileiros**

Dado o cenário de produção da obra considerada a mais importante para a linguística – o CLG –, partimos, neste momento, para a análise e interpretação de algumas leituras feitas do Curso no Brasil, (re)produzidas em três manuais de linguística. Nosso principal objetivo neste capítulo é buscar e mostrar os diferentes efeitos de sentido criados pelas diferentes narrativas do *acontecimento CLG*, sobretudo as que focalizam os conceitos de *língua* e *fala* para, com isso, observar como se dá a sua recepção no Brasil.

Desse modo, neste item do capítulo, os três manuais de linguística selecionados são tomados como acontecimentos discursivos que retomam o CLG e produzem uma (re)significação dos principais conceitos presentes na obra, tais como as dicotomias saussurianas. Delimitaremos nossa análise na dicotomia *língua e fala*. Tal recorte se dá por encontrarmos no CLG um capítulo específico que se dedique à investigação do “verdadeiro” objeto de estudos da ciência linguística. Assim, podemos observar, primeiramente, a questão: “qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” Saussure responde: “A questão é particularmente difícil” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Ademais, mais adiante, ele nos diz: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (idem., p. 16-17). É a partir desta importante questão, levantada por Saussure em 1916, que buscamos investigar os possíveis efeitos de sentido criados nos três manuais de linguística, que a sua maneira, procuram (re)contar qual é o objeto da linguística – língua, corroborando muitas vezes num “apagamento” da fala.

Ademais, tais acontecimentos discursivos “restituem ao enunciado sua singularidade de acontecimento, [que] não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais profunda que ele; é tratado na sua irrupção histórica” (FOUCAULT, 1969 apud POSSENTI, 2009, p. 120).

Podemos tomar a publicação do *Curso de Linguística Geral* como um grande acontecimento na história, que revolucionou o modo de tratar a linguagem. Assim, para efeito de análise, essa influência do CLG será compreendida como um *acontecimento*.

A descrição linguística dos pressupostos do Curso nos manuais permite então reconstituir a dinâmica do acontecimento. Dessa forma, partimos agora para a análise dos elementos linguísticos que constituem as diferentes narrativas das leituras feitas pelos *autores-narradores* da obra de 1916.

### **A narrativa dos *Princípios de Linguística Geral* de Mattoso Câmara Jr.: o momento de divulgação da linguística no Brasil**

Antes de adentrarmos na análise, na qual observaremos a irrupção do acontecimento discursivo da publicação dos *Princípios de Linguística Geral* de

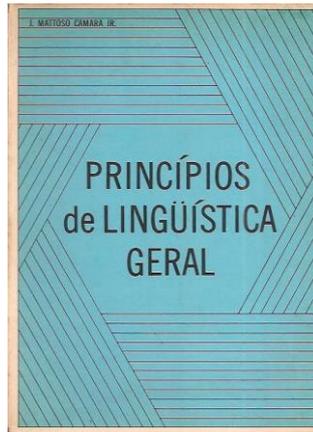
Mattoso Câmara Jr., é preciso tecer algumas considerações sobre as condições de produção da linguística no Brasil ao longo das décadas de 1930 e 1940.

A criação das primeiras Faculdades de Filosofia em São Paulo e no Rio de Janeiro, na década de 1930, possibilitou o fim do autodidatismo sobre os estudos de linguagem e, com isso, a carreira do profissional de Letras começou a ganhar destaque nesse cenário. Embora antes desse período fosse possível encontrar inúmeros trabalhos que buscavam compreender a língua portuguesa, a partir dos mirantes gramatical, histórico-dialetológico e da crítica textual, considera-se a década de 1940 como o momento de irrupção da Linguística Brasileira. Mattoso Câmara era um ilustre representante dos estudos linguísticos no Brasil, era professor de linguística e responsável por questionar as perspectivas teóricas (gramaticais histórico-dialetológico) da época.

Com a publicação do livro do professor Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Princípios de Linguística Geral* (PLG), em 1941, constitui-se efetivamente a linguística no Brasil, o que, a nosso ver, configura-se como um acontecimento discursivo. É pelos estudos de Câmara Jr., entre outros autores, que se inicia o olhar sobre os pressupostos da obra de Saussure no país. Em seus *Princípios*<sup>24</sup>, há diversos comentários do autor a respeito dos pressupostos saussurianos, o que já indicia a construção do que seria esse acontecimento e o seu desenvolvimento nos anos posteriores.

---

<sup>24</sup> O PLG é por nós considerado um manual de linguística, mesmo que alguns estudiosos não o considerem como tal. É composto por dezenove capítulos que trazem os conceitos mais gerais da então nova perspectiva de abordagem da língua: a estruturalista. A escolha desse manual foi de grande dificuldade a priori, dado o fato de Mattoso Câmara apresentar poucas considerações em relação aos conceitos de *língua e fala*. Assim, com o objetivo de investigar suas considerações sobre tais conceitos, e tendo em vista a importância desse manual no cenário da linguística brasileira, decidimos considerá-lo para nossa análise, a fim de buscar sendas e veredas que possam proporcionar novas discussões em torno de Saussure e seu Curso.



**Figura 2** Capa da 6ª edição dos *Princípios de Linguística Geral*, de Mattoso Câmara

Essa obra de Mattoso Câmara é composta pelas aulas de linguística que ministrou na Faculdade, publicadas, inicialmente, pela Revista de Cultura. Em seus *Princípios*, Mattoso não se preocupou em mostrar uma teoria própria, ao contrário, dedicou-se a introduzir um modelo que representaria grandes mudanças na maneira de pensar o objeto linguagem. As contribuições de Câmara Jr. consistiam em derivar ideias linguísticas da Europa e dos Estados Unidos e aplicá-las na descrição e interpretação do português.

Tais condições de produção levaram os *Princípios* de Câmara Jr., a se tornar uma obra de fundação da linguística no cenário brasileiro e, ao mesmo tempo, uma obra de divulgação e propagação das teorias, nas palavras de Pinto (1981, p. XL apud ALTMAN, 1998) “...dos mais notáveis linguistas europeus e norte-americanos”.

É possível verificar que a obra contempla a linguística e seu objeto, abarcando desde os tipos de fonemas (capítulo seis) até as leis fonéticas (capítulo dezesseis) e a classificação das línguas (capítulo dezenove). Com relação à figura de Saussure e os pressupostos teóricos presentes no Curso de 1916, mais especificamente, encontraremos tais contribuições no primeiro e no quarto capítulos da obra brasileira, ressaltando que neste último, há um tópico chamado “a teoria silábica de Saussure”. Para nossa análise, separamos apenas a narrativa construída a partir dos conceitos de *língua* e *fala*, observando como eles são lidos e apresentados pelo professor Mattoso Câmara.

No capítulo “Linguística: seu objeto”, Câmara Jr. mostra inicialmente a diferença entre a linguagem humana e animal. Segundo ele, “pode-se inicialmente dizer que a LINGUÍSTICA é a ciência da linguagem” (p. 15). Ele ainda assevera:

Com isso, circunscreve a nossa ciência no âmbito do reino animal. Deve-se, porém, dar um passo adiante e, distinguindo entre os brutos e o homem, restringir ao homem o conceito daquela linguagem cujo estudo é o objeto da linguística (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 15).

Mais adiante, ele dá início à descrição do conceito de *língua e fala*. Segundo o autor, toda a comunidade de homens serve-se “de um sistema de linguagem, ou língua, cuja propriedade essencial é a de ser representativa” (CÂMARA JUNIOR., 1980, p. 17). Além disso, Mattoso retoma o conceito de *fala*, mostrando que este se refere a “um conjunto de emissões vocais significativas” (p. 19). Ainda que trate desses importantes conceitos desenvolvidos no CLG, é possível observar que Câmara Jr., em sua narrativa, não chega a citar tais princípios associando-os ao CLG. Após a apresentação desses dois conceitos, ele recorre à figura de Edward Sapir, na tentativa de “ampliar” o panorama sobre o conceito de *fala*. Deste modo, nas palavras de Mattoso, Sapir diria que,

A linguagem em si mesma não é nem pode ser localizada de maneira definida, pois consiste numa relação simbólica toda peculiar, e fisiologicamente arbitrária, entre todos os elementos da nossa experiência, de um lado, e, de outro lado, certos elementos selecionados, localizados nas regiões auditiva, motriz etc., do cérebro e do sistema nervoso (SAPIR, 1921, p. 9 apud CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 19-20).

Essas considerações permitem-nos dizer que a narrativa de Mattoso Câmara, em vez de trazer especificamente e exclusivamente as contribuições do Curso de F. de Saussure, tem a preocupação de mostrar as contribuições de outros pesquisadores que pensaram sobre o conceito de *língua e fala*. Até este momento da narrativa, o autor-narrador-Mattoso Câmara não menciona a figura de Saussure e as contribuições do CLG.

Em um tópico chamado “Língua e Discurso”, desenvolvido na página 24 do manual, podemos notar pela primeira vez uma menção de Câmara Junior ao autor

genebrino Saussure. Em um primeiro momento, observa-se que o emprego de *discurso* com relação ao conceito de *fala* no manual é muito recorrente. Em um excerto, podemos encontrar a seguinte afirmação:

Para Saussure, a linguística propõe-se a estudar a língua; e nos discursos individuais, que considera e analisa, só lhe devem interessar os elementos vocais coletivos e a sua organização normal (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 25).

Em seguida, verificamos que Mattoso novamente traz a figura de outro grande estudioso, o linguista polonês Doroszewski. Na visão do linguista brasileiro, não há distinção entre o conceito de *língua* e *discurso*. Torna-se notório nessa parte do manual que diferentemente dos conceitos de *língua* e *fala* como mostrados pelo CLG, Câmara Junior traz o conceito de *fala* enquanto *discurso*, indo além da interpretação feita por Saussure em sua obra fundante. Há também nítidas influências de outros estudiosos que refletiam sobre o mesmo conceito à época.

A partir dessa premissa, é possível inferir uma primeira característica em nossa análise: pode-se dizer que a obra de Mattoso Câmara deixa clara sua função de divulgação de uma nova ciência no Brasil. Fundamento nesse novo modelo, diante das perspectivas que aqui coexistiam – filológica e dialetológica – Mattoso e sua obra são responsáveis por instaurar uma disciplina linguística no cenário brasileiro.

Mais adiante em sua exposição teórica referente aos conceitos de *língua* e *fala* (ou discurso, conforme se configura no material), outra diferença significativa, em relação ao CLG, é a introdução da noção de estilística associada ao conceito de fala. Em um excerto, Mattoso Câmara ressalta que “a estilística é, em essência, a apreensão da emoção, sistematizada nos atos de linguagem, a qual lhes dá um valor estético (‘sensação’, ‘sentimento’)”. Ademais, ele acrescenta:

Ortodoxamente, dentro da doutrina de Saussure, a escola suíça do seu discípulo Charles Bally também focaliza a estilística, frisando os aspectos coletivos que nela se contêm (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 27).

Neste momento, mais uma vez é possível perceber na narrativa do linguista brasileiro o aparecimento de outros estudiosos para corroborar sua fala. Aqui, vemos

a presença de Bally, editor do CLG, visto a partir de seus estudos em torno da estilística. Essa é outra característica que distingue a obra de Mattoso do livro de 1916, visto que no CLG não há a descrição do conceito de estilística. O estilo, ou a fala de cada indivíduo, é visto no Curso somente por seu caráter individual, em oposição ao caráter social (língua). Podemos observar no PLG:

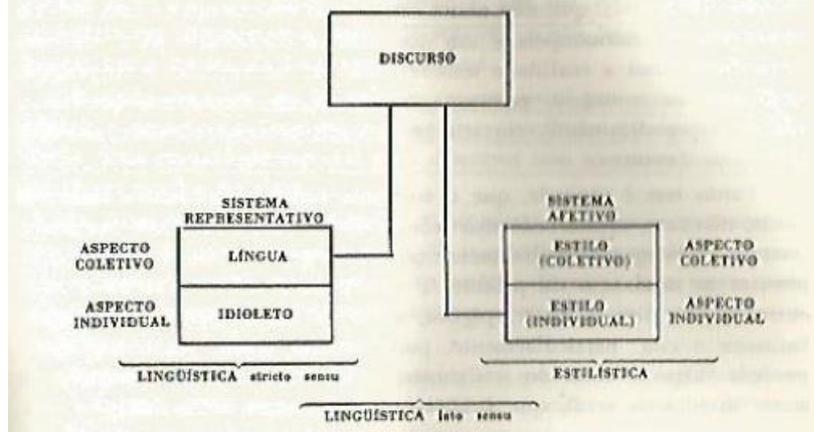
A língua é, de maneira geral, coletiva; mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências, e há assim, de certo modo, múltiplas línguas individuais, ou idioletos, de acordo com a nomenclatura linguística norte-americana (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 27).

Embora existam tais diferenças entre a narrativa de Mattoso e o CLG, é possível também observar algumas coincidências entre elas. A primeira é a compreensão de Mattoso de que a *língua* é coletiva, reforçando a ideia do CLG. A segunda é a arbitrariedade do signo, noção que ele retoma e à qual acrescenta que tal caráter foi depreendido da língua “como sistema feito para a função representativa” (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 30). Assim, em um excerto bastante significativo, notamos grandes semelhanças e diferenças, tais como:

Em resumo, cada ato de linguagem, ou DISCURSO, se fundamenta num sistema de REPRESENTAÇÃO linguística, que é a LÍNGUA, e também sistematiza os recursos linguísticos representativos para a MANIFESTAÇÃO PSÍQUICA e o APELO numa estruturação estética, que é o ESTILO. A língua é, primeiramente, coletiva; mas pode ter secundariamente peculiaridades individuais, constituindo o IDIOLETO. O estilo parte primeiramente de um impulso pessoal; mas há todo um conjunto de coincidências estilísticas na comunidade linguística, constituindo-se o estilo coletivo (CÂMARA JUNIOR, 1980, p. 28).

Sobre esse excerto, Câmara Jr. ainda destaca o seguinte quadro, numa tentativa de expor os conceitos graficamente. Vejamos:

·É o que se pode expressar graficamente no seguinte esquema:



**Figura 3** Esquema proposto por Mattoso Câmara Jr. na descrição dos conceitos língua e fala

Se olharmos para a obra como um todo complexo, percebemos que ela não se organiza em capítulos segundo a lógica do CLG, já que, como apontamos anteriormente, trata-se de um manual que apresenta as várias teorias de uma ciência linguística prestes a entrar no ambiente brasileiro. Assim, os conceitos do CLG, as conhecidas dicotomias saussurianas, encontram-se esparsos ao longo do manual, e não em capítulos específicos que se ocupem especificamente deles. Ademais, como vimos nos conceitos de língua e fala, também é recorrente Mattoso Câmara Junior destacar em seu manual a presença de outros pesquisadores e estudiosos que falam sobre o tema, sem especificar apenas a importância de Saussure e o CLG para os estudos da linguagem.

Diante desses elementos, podemos pensar que haveria duas instâncias enunciativas em torno do manual. A primeira delas seria o *autor-narrador-Mattoso Câmara*, enquanto produtor do material e enquanto enunciador e, a segunda, seria o *co-enunciador* deste manual, isto é, os pesquisadores e professores brasileiros, até então imersos numa tradição filológica-dialetológica, e capazes de compreender as novas influências europeias e norte-americanas. Com isso, teríamos um Mattoso Câmara que instaura uma disciplina linguística e divulga as teorias que compõem essa nova forma de pensar a linguagem.

Além disso, essa narrativa do manual possibilita-nos dizer que se produzem efeitos de sentido de fundação e/ou divulgação. A partir desse momento de divulgação se possibilitou uma autonomia da Linguística perante a tradição

compreendida como Filológica, por uma ruptura não apenas sócio-institucional, mas também com o conhecimento anteriormente difundido. Em outras palavras, as considerações e contribuições de Mattoso para a linguística brasileira, tornaram possível o desenvolvimento dessa disciplina enquanto ciência autônoma. Joaquim Mattoso Câmara, com sua narrativa, isto é, este acontecimento discursivo irrompido em novas condições históricas e sociais de produção e circulação, instauraria uma linha de investigação reconhecida como sendo a Linguística de base estruturalista no Brasil.

## A narrativa dos Fundamentos da Linguística Contemporânea: o efeito didático



**Figura 4** Capa da 1ª edição do livro *Fundamentos da Linguística Contemporânea*, de Edward Lopes

A obra de Edward Lopes é bastante representativa para o cenário da linguística brasileira. Ao observar as condições de produção que possibilitaram a irrupção desse material, enquanto acontecimento discursivo, podemos dizer que ele se inscreve num momento em que a corrente estruturalista ganha enorme impacto, nos moldes típicos de uma escola dominante. Seu advento no país se deu nos anos de 1960, ou seja, após a divulgação da linguística de base estruturalista feita por Mattoso Câmara e sua institucionalização. Era preciso, a partir disso, transmitir de maneira mais didática<sup>25</sup> todos os conceitos que adentravam no Brasil, tendo em vista não só os pesquisadores e estudiosos do campo da linguagem, mas também os estudantes de universidades brasileiras que impulsionavam o desenvolvimento da linguística em solo brasileiro.

Em 1970, no Brasil, pode-se dizer que o estruturalismo já era a orientação mais importante dos estudos da linguagem. Nesse momento, afirma-se a figura do linguista, que já dispunha de um espaço próprio de investigação estabelecido. Com a influência de Câmara Junior nas cátedras de linguística das universidades brasileiras,

---

<sup>25</sup> É importante ressaltar que o didatismo não é uma característica própria do manual de Edward Lopes e de Castelar de Carvalho, tal característica também está presente em outros tipos de materiais, sobretudo quando nos referimos ao gênero “manual”. Afirmamos que o efeito de sentido criado na obra FLC corrobora para esse didatismo já que a maneira como os conceitos de língua e fala são trazidos permite-nos observar novamente a figura Saussure do CLG (re)significado, isto é, as palavras da obra de 1916 são (re)ditas e (re)significadas de forma mais fácil e direta.

a carreira do profissional de Letras ganhava expressivo destaque, escapando ao autodidatismo antes praticado. Desse modo, pela necessidade de ensinar tais teorias linguísticas, uma das formas mais apropriadas de didatizar esse conteúdo era por meio dos manuais de linguística.

Assim, dá-se início à publicação e circulação de alguns manuais de linguística produzidos por professores e estudiosos brasileiros para os alunos de Letras, com o objetivo de transmitir didaticamente essa ciência linguística e seus caminhos em solo brasileiro. Além de retomar outras teorias da linguística, os conceitos da obra de 1916 eram ora (re)visitados e repetidos ora transformados e historicizados à medida que o desenvolvimento da linguística ganhava mais espaço. Pode-se dizer que tal contribuição do linguista suíço e de seu Curso foi responsável pela mudança do paradigma de estudos vigente até então, isto é, pela passagem de uma linguística histórico-comparativa muito fortemente representada pelos filólogos e dialetológicos para uma linguística estrutural.

Nesse sentido, a obra de Edward Lopes, datada de 1976, destaca-se como grande divulgadora das teorias linguísticas. Diferentemente do que vimos com o manual de Mattoso Câmara, a obra de Lopes utiliza-se da divulgação dos conceitos partindo do pressuposto de que já havia uma linguística instaurada no Brasil, graças aos esforços do linguista brasileiro Câmara Jr. A linguística, enquanto disciplina autônoma, por ganhar espaço na academia tem a necessidade de ser divulgada.

Desta forma, se pensarmos nesse momento na relação entre enunciadador-enunciatário, temos o autor-narrador-Edward Lopes, enquanto professor e estudioso, que mostra didaticamente a estudantes das universidades brasileiras as teorias linguísticas que então se desenvolviam. Havia a necessidade de difundir o que na época era um momento histórico marcante.

Ao partir para a obra de Edward Lopes, atentamos para alguns detalhes importantes, como o prefácio de seu manual, no qual é possível encontrar o seguinte excerto que nos mostra, entre outros aspectos, a importância da obra para o ensino e, conseqüentemente, para a difusão da disciplina linguística:

Fundamentos da Linguística Contemporânea é a obra mais inteira que, sobre as premissas básicas da ciência do signo verbal, se tenha escrito, até o momento, em língua portuguesa. Uma consulta sistemática à bibliografia linguística luso-brasileira seria suficiente

para pôr em evidência os fatores em que tal assertiva se assenta (LOPES, 1976, p. 9).

A obra se estrutura em seis capítulos, e abrange desde a definição do campo da linguística, passando pelas contribuições de Saussure, até a semântica. Cada capítulo é composto por um extensivo conjunto de tópicos que tratam do tema principal.

Nosso objetivo primeiro, conforme já mencionado, é tentar investigar como a leitura dos conceitos de *língua* e *fala* produz de certa forma, efeitos de sentidos distintos. Nesse sentido, Lopes desenvolve em sua narrativa um diálogo próximo com as ideias de Saussure. É uma das obras que mais menciona o autor genebrino e seu Curso: desde a primeira página, quando se define a diferença entre Linguística e Semiologia, passando pelo substancial capítulo “*As contribuições de Ferdinand de Saussure*”, até o último capítulo intitulado “*A semântica*”, no qual se dedica em um primeiro momento à “linha semântica de Saussure”.

Com um olhar orientado mais especificamente ao capítulo dois, “*As contribuições de Ferdinand de Saussure*”, vemos que as principais discussões da obra abordam as dicotomias saussurianas. Entretanto, há uma pequena diferença do que se costuma observar em outros manuais<sup>26</sup>: o autor-narrador-Edward Lopes reorganiza as dicotomias e dá início a suas discussões a partir dos conceitos de sincronia e diacronia. Os conceitos de *língua* e *fala* é a segunda dicotomia apresentada, seguido das noções de *significante* e *significado*, *sintagma* e *paradigma*.

Logo no início do capítulo, há algumas breves considerações de Lopes acerca da figura de Saussure e de sua obra de 1916. Em poucas palavras, o autor-narrador expõe algumas das principais considerações a respeito da vida pessoal e profissional de Saussure, mencionando as aulas que ele ministrou na Universidade de Genebra e, conseqüentemente, a publicação e produção editorial do que ele chama de “monumental” *Curso de Linguística Geral*.

Há uma pequena passagem sobre os anagramas e a influência que o mestre de Genebra exerceu ao distinguir uma linguística interna e uma linguística externa. Segundo Lopes,

---

<sup>26</sup> Observamos que na maioria dos manuais de linguística brasileiros, as dicotomias, de certa forma, seguem uma certa ordem: língua e fala, significante e significado, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma. A nosso ver, não existe uma ordem específica, os conceitos tentam de uma maneira ou de outra seguir, direta ou indiretamente, o *Curso de Linguística Geral*.

Saussure deixou uma persistente imagem de campeão da separação entre a linguística interna (fora do contexto sócio-histórico) e a linguística externa (a que considera os fatores exteriores que condicionam os fenômenos linguísticos) (LOPES, 1976, p. 73).

E, por fim, antes de dar início à descrição dos conceitos (as dicotomias), o autor encerra suas considerações afirmando que tais contribuições de F. de Saussure e seu Curso representam para a linguística uma grande ruptura na maneira de pensar a língua. Nas palavras de Lopes,

São essas ideias [dicotomias propostas pelo CLG e a influência de Saussure] que fundaram a linguística estrutural clássica e, ao mesmo tempo, deram início à fase contemporânea dessa ciência (LOPES, 1976, p. 73).

Em relação à dicotomia *língua e fala* – objeto que nos propomos analisar – uma primeira característica precisa ser destacada: o autor-narrador dá o nome a essa dicotomia como *linguagem, langue (língua) e parole (fala)*. Aqui, vemos também a exposição do conceito de linguagem, que segundo ele, nas palavras de Saussure é:

um princípio de que a linguagem humana é uma abstração, uma capacidade: ela consiste na capacidade que o homem tem de comunicar-se com os seus semelhantes através de signos verbais (LOPES, 1976, p. 76).

A explicação de Lopes é breve em comparação, por exemplo, ao que Mattoso Câmara, faz em sua narrativa. Logo em seguida, vemos a apresentação do conceito de *língua*. Segundo ele, Saussure “designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras”, além disso, “a língua constitui um sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual esse indivíduo pertence” (LOPES, 1976, p. 77).

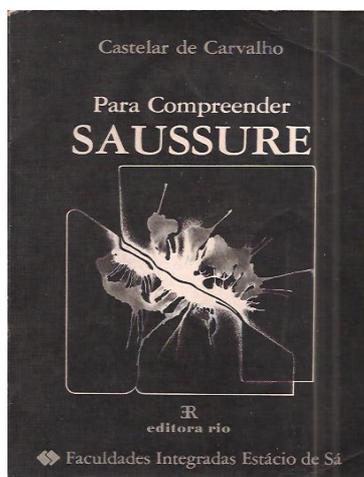
Seguindo seus argumentos, logo encontramos a exposição que o autor-narrador-Edward Lopes faz sobre conceito de *fala*, vejamos:

Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, Saussure chamou de *parole* (em português “fala” ou “discurso”) (LOPES, 1976, p. 77).

Nesse pequeno excerto, destacamos que Lopes alude novamente, em nota de rodapé, à figura de Mattoso Câmara, a respeito da tradução que este fez do conceito de parole (como mensagem na base de um código social que é a língua) por discurso. Tal afirmação reforça ainda mais nossa hipótese: Edward Lopes expõe tais conceitos do CLG inserido numa linguística já instaurada no cenário brasileiro, isto é, ele é um divulgador de seus conceitos sob uma perspectiva didática. Tal organização estrutural de sua obra permite observarmos com clareza que há apenas as principais considerações de uma obra tão polêmica como o CLG, simplificadas pelas dicotomias.

Desse modo, pela maneira como esse manual se constrói, tendo em vista as condições de produção da época, compreendemos que o efeito de sentido produzido é de didatização por uma necessidade de ensinar as teorias do momento aos alunos e professores das universidades brasileiras. Num momento em que a linguística encontra-se já instaurada no Brasil, Edward Lopes assume a função de transmitir seus conceitos de maneira mais didática e simplificada. Dessa forma, um dos possíveis efeitos de sentidos criados por esta narrativa é o da didatização, por uma necessidade de divulgar as teorias linguísticas não mais exclusivamente a pesquisadores, tratando-a como um discurso de fundação (como propôs Câmara Jr.). Em lugar disso, compreendia-se que era necessário passar aos alunos, então desconhecedores de tais proposições e futuros estudiosos, estes conhecimentos que propunham uma nova forma de olhar o objeto, sob uma perspectiva estruturalista, entre eles, a teoria saussuriana, dada a sua importância para o início da linguística moderna.

## A narrativa *Para Compreender Saussure* de Castelar de Carvalho



**Figura 5** Capa da 1ª edição do livro *Para compreender Saussure*, de Castelar de Carvalho

Apresentaremos a seguir uma análise da obra *Para Compreender Saussure* de Castelar de Carvalho, publicada em 1976. Assim como as outras obras já estudadas, podemos observar que tal material obtém uma posição importante no cenário da linguística no Brasil. Essa obra se insere também no contexto do pensamento estruturalista, que se destaca com mais força na década de 1970, quando este era considerado a orientação mais importante nos estudos da linguagem. Apesar da presença e circulação de outros pensadores que à época mobilizaram-se inseriam no posicionamento estrutural, Saussure acaba se tornando o principal representante desse período de estudos, em consequência das convicções divulgadas no CLG. No contexto brasileiro, considerava-se necessário promover tais conteúdos a fim de que o mestre de Genebra fosse representado com o destaque que merecia: como pai ou fundador da linguística moderna.

Temos a seguir a narrativa construída a partir da reflexão em torno da obra de 1916, no manual de Castelar de Carvalho. Diferentemente das narrativas anteriores, o livro peculiar desse autor constrói uma descrição que vai ao encontro de alguns dos pressupostos do CLG, trazendo em muitas passagens excertos retirados do próprio Curso. Em sua organização, é possível notar também que essa é uma obra que assume um efeito de leitura didatizada e institucional, já que é destinada principalmente a estudantes não iniciados no campo da linguística. Trata-se de um dos primeiros

manuais de linguística saussuriana que circularam no Brasil na década de 1970. É uma obra que retrata, em especial, as principais considerações teóricas de Saussure no Curso, isto é, as dicotomias saussurianas.

Nosso objetivo, ao selecionar tal obra, é verificar qual é o efeito de sentido criado por esta narrativa sobre o *acontecimento CLG* na linguística brasileira, investigando a maneira como ela se constrói e se organiza. Assim, na apresentação da obra *Para compreender Saussure*, é possível encontrar a definição que o autor-narrador-Castelar de Carvalho engendra em seu material:

[é] um [material] de consulta permanente, escrito em linguagem simples, didática e prática, porém sem empobrecimento da objetividade científica inerente a uma obra dessa natureza (CARVALHO, 1976, p. 11).

Trata-se de um dos primeiros modelos de estudos saussurianos no cenário brasileiro. Fazendo, inicialmente, uma breve exposição da organização do material em questão, observa-se, no paratexto, uma apresentação escrita pelo então presidente do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, em 1976, o senhor Sílvio Elia. Nela, o autor frisa a importância de retomar os estudos saussurianos, considerados fundamentais para o início da ciência linguística. Em suas palavras,

os estudos saussurianos continuam na ordem do dia. Pode-se até dizer que o livro póstumo de 1916, o tão famoso *Cours de Linguistique Générale*, com o correr do tempo, renova a sua atualidade (ELIA, 1976, p. 5).

De posse de todos os materiais já escritos sobre o mestre após sua morte, Elia enaltece o trabalho do autor-narrador-Castelar de Carvalho pela publicação de seu livro. Segundo ele, a importância de retomar Saussure “mostra como sessenta anos depois, continua vivo e fecundo o pensamento saussuriano” (p. ELIA, 1976, p. 6). Ainda no paratexto da obra de Carvalho, encontramos uma advertência<sup>27</sup> sobre a primeira edição, na qual se percebe a necessidade do autor-narrador de explicar tal publicação e a sua originalidade diante de outros materiais já produzidos, baseado num “tratamento sistematizante e eminentemente pedagógico” (CARVALHO, 1976,

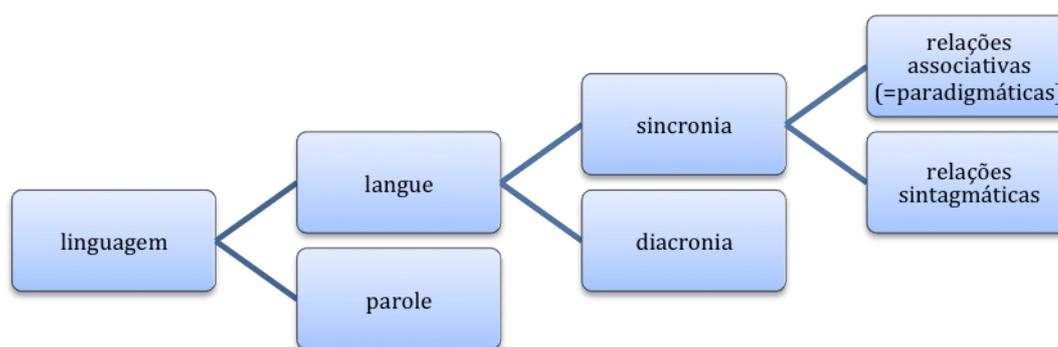
---

<sup>27</sup> Atualmente, a obra de Castelar de Carvalho conta com 19 edições. Nas edições seguintes à primeira, o nome dado à *advertência* é *prefácio*.

p. 11) dado a um tema “tão fugidio a alunos ainda não iniciados nas lides da ciência linguística” (CARVALHO, 1976, p. 11).

Na estrutura de seu manual, sua narrativa compõe-se de unidades e capítulos. A primeira unidade é destinada a “*A linguística pré-saussuriana*”, em que Carvalho enumera três fases de estudos da linguística: 1ª fase, chamada de *filosófica*, a qual aborda brevemente as reflexões dos gregos e a questão da origem da linguagem; a 2ª fase, *filológica*, na qual se destacam os alexandrinos sobre a elucidação dos textos e, por fim, a 3ª fase, denominada de *histórico-comparatista*, que tange ao papel de Franz Bopp para a Linguística, à fundação do sânscrito e à influência dos neogramáticos e linguistas-históricos. O sumário é anexado ao final do livro, após a exposição de todo o seu conteúdo.

Na unidade 2, “*A Linguística Saussuriana*”, Carvalho não deixa de citar a dissertação de F. de Saussure, o *Mémoire sur le Primitif Système des Voyelles dans les Langues Indo-Européennes*, bem como sua tese de doutoramento, afirmando que “além de artigos de gramática comparada, infelizmente nada mais nos legou em vida o genial mestre genebrino” (CARVALHO, 1976, p. 19). Com relação ao CLG, nota-se um acréscimo de informações do autor-narrador ao esquema proposto por Saussure na página 141 do Curso, no qual o mestre aborda “a forma racional que deve assumir o estudo linguístico”:



**Figura 6** Esquema proposto por Castelar de Carvalho na página 141 do livro *Para Compreender Saussure*

Desse modo, trata-se de um primeiro indício de como a narrativa de Carvalho, enquanto um novo acontecimento discursivo, seguirá ao longo dos capítulos teóricos, construindo uma narrativa diferente daquela de Saussure no Curso.

Ao citar o esquema representativo da forma racional que deve assumir o estudo linguístico, o autor-narrador-Castelar de Carvalho o reproduz e o modifica em relação ao original, acrescentando ao termo sincronia uma subdivisão em relações associativas (paradigmáticas) e relações sintagmáticas (sem sinalizar a diferença para com o CLG). Diante disso, vemos que a leitura que esse autor faz do CLG é uma narrativa particular em relação à obra original. É notável a forte intervenção de Carvalho para a construção dos conceitos. O efeito discursivo procedente de tal apropriação é certamente o efeito de verdade com o qual busca representar algumas das principais dicotomias (língua/fala; sincronia/diacronia, significante/significado e sintagma e paradigma), simplificando a elas todo um pensamento complexo presente no CLG.

Assim, há uma constante divisão do manual em capítulos que apresentam as dicotomias como as principais considerações teóricas propostas pelo autor genebrino. Um percurso de leitura sobre essa descrição narrativa nos é possível: nela Saussure é “consciente” e seu pensamento é segmentado para ser melhor ensinado. A narrativa possibilita interpretar que as reflexões saussurianas, de tão complexas, podem ser “vulgarizadas”, ou seja, propagadas de maneira mais didática. Os capítulos são os seguintes, nesta ordem: *langue/parole*; *sincronia/diacronia*; *relações sintagmáticas/paradigmáticas*; a teoria do signo e a noção do valor<sup>28</sup>.

Não se trata aqui de deter-se a detalhes do texto do manual, numa tentativa de compará-lo frente aos pressupostos do CLG, mas de investigar como a construção de sua narrativa corrobora a criação de um efeito de sentido de idealização do CLG. Nesse caso, o Curso é situado como uma obra clássica e necessária para divulgação, a qual mediatiza e torna possíveis discursos antes considerados complexos. Podemos notar tais nuances analisando a disposição dos capítulos do manual em paralelo ao o Curso de Saussure:

---

<sup>28</sup> Tais títulos dos capítulos também são originais da obra de Castelar de Carvalho, 1976.

<b>Sumário da obra Curso de Linguística Geral (CLG)</b>	<b>Sumário da obra <i>Para compreender Saussure</i></b>
Introdução	
Capítulo 1 – visão geral da história da linguística	Capítulo 1 - A linguística pré-saussuriana
–	Capítulo 2 – A linguística saussuriana <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ferdinand de Saussure: formação e obra</li> <li>✓ A doutrina de Saussure</li> </ul>
Capítulo 3 <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A língua, sua definição</li> <li>✓ Lugar da língua nos fatos da linguagem</li> <li>✓ Lugar da língua nos fatos humanos</li> <li>✓ A semiologia</li> </ul>	Langue/parole
Capítulo 4 – Linguística da Língua e Linguística da Fala	
1ª parte Capítulo 3 - A linguística estática e a linguística evolutiva <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Dualidade interna de todas as ciências que operam com valores</li> <li>✓ A dualidade interna e a história da linguística</li> <li>✓ A dualidade interna ilustrada com exemplos</li> <li>✓ A diferença entre as duas ordens ilustrada por comparações</li> <li>✓ As duas linguísticas opostas em seus métodos e em seus princípios</li> <li>✓ Lei sincrônica e lei diacrônica</li> <li>✓ Existe um ponto de vista pancrônico?</li> <li>✓ Consequências da confusão entre sincrônico e diacrônico</li> <li>✓ Conclusões</li> </ul>	Sincronia/diacronia
2ª parte Capítulo 5 - Relações sintagmáticas e relações associativas <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Definições</li> <li>✓ Relações sintagmáticas</li> <li>✓ As relações associativas</li> </ul>	Relações sintagmáticas e paradigmáticas
1ª parte Capítulo 1 – Natureza do signo linguístico <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Signo, significado, significante</li> <li>✓ Primeiro princípio: a arbitrariedade do signo</li> <li>✓ Segundo princípio: característica linear do significante</li> </ul>	A teoria do Signo

<p>2ª parte</p> <p>Capítulo 4 – O valor linguístico</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A língua como pensamento organizado na matéria fônica</li> <li>✓ O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual</li> <li>✓ O valor linguístico considerado em seu aspecto material</li> <li>✓ O signo considerado na sua totalidade</li> </ul>	<p>A noção de valor</p>
<p>–</p>	<p>Repercussões das ideias de Saussure</p>

**Quadro 1** Comparação entre a organização estrutural das obras CLG e PCS

Como podemos notar, tal organização do material corrobora uma descrição “idealizada” do CLG no contexto brasileiro. Dado o momento de reflexão estruturalista muito em voga no Brasil na época da primeira publicação, o nome Saussure foi muito atrelado ao movimento estruturalista, ainda que nunca tenha participado de tal e tampouco tenha assim denominado sua teoria. Com a análise desses dois materiais, podemos concluir que a obra de Carvalho valida esse efeito de sentido de idealização<sup>29</sup> no cenário brasileiro, já que seria a primeira obra dedicada ao CLG no Brasil.

Contrariamente, julgamentos e avaliações polêmicas dominam a narrativa do autor-narrador-Castelar de Carvalho. A descrição do que seria o pensamento saussuriano pelo manual confere um valor de legitimidade, de verdade, uma vez que a autoria de tais pressupostos teóricos é referida ao próprio F. de Saussure. Assim, vemos recorrentemente segmentos narrativos do tipo:

1 – “[langue x parole] esta é a sua dicotomia básica e, juntamente com o par sincronia x diacronia, constitui uma das mais fecundas” (CARVALHO, 1976, p. 25).

2 – “a feliz dicotomia língua/fala é o ponto de partida para Saussure postular uma Linguística da língua e uma Linguística da fala” (p. 30).

<sup>29</sup> O efeito de idealização criado pela narrativa deve-se, a nosso ver, ao fato de que a obra (re) diz os conceitos de língua e fala do CLG de tal forma que poderíamos pensar, se fosse possível, em “substituir” a leitura do Curso pela obra de Carvalho. Ao longo da exposição dos conceitos, é recorrente a referência, em notas de rodapé, das páginas e dos excertos a que correspondem as explicações dos conceitos por ele apresentadas. A sua maneira, o manual cumpre seu papel de divulgação num contexto de produção de intensos desdobramentos teóricos e de novas discussões em torno do mestre de Genebra. Todavia, atualmente, tais considerações precisariam ser repensadas diante de novos contextos, novos desdobramentos teóricos, sobretudo se considerarmos os manuscritos de Saussure e seus anagramas.

3 – [...] Saussure realmente tinha plena consciência da natureza opositiva dos fenômenos linguísticos” (p. 30).

Pelos excertos arrolados, nota-se uma constante avaliação dos pressupostos de Saussure por parte do autor-narrador-Castelar de Carvalho. Para efeito de análise, ao voltarmos nossos olhos para os conceitos de *língua e fala*, percebemos no manual de Castelar de Carvalho uma narração simplificada do CLG, que procura expor de maneira geral o que se considera mais importante e relevante como princípio teórico. Em poucas páginas, é possível observarmos uma diferença no modo de tratar os conceitos, de expô-los de maneira sucinta e direta, todavia sem problematizar as incertezas do Curso.

Outro ponto a se comentar da narrativa de Castelar de Carvalho refere-se ao conceito de “linguagem” que aparece uma única vez no capítulo sobre língua e fala. Enquanto no CLG há uma preocupação problematizar a diferença entre a *língua e linguagem* e as diferenças que ambos os conceitos assumem na teoria; no manual de Carvalho não se verifica com exatidão tal diferenciação. Nesse sentido, pela forma como é exposto pela narrativa, parece-nos que se trata do mesmo conceito.

Assim, outro efeito de sentido que se cria é o da generalização dos conceitos de *língua e fala*, compreendendo-se que tudo se volta à noção de língua. Esse efeito é possível pelas condições em que estes discursos circulam, ou seja, compondo um manual de linguística, com a finalidade de didatização dos pressupostos teóricos para efeito de ensino nas universidades brasileiras. A seguir, vemos o conceito de linguagem no Curso e a narrativa criada por Castelar:

A linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. [...] a linguagem é um aglomerado confuso de coisas heteróclitas. [já a língua], ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente (SAUSSURE, p. 40-41).

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, p. 46).

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo

impossível conceber um sem o outro (CARVALHO, 1976, p. 25).

Saussure insiste sempre na interdependência dos dois constituintes da linguagem [língua e a fala] (CARVALHO, 1976, p. 29).

Como podemos observar, há apenas a citação da palavra sem adentrar propriamente nas diferenças empregadas por Saussure em sua obra. A nosso ver, isso seria uma simplificação dos conceitos de *língua* e a *fala*, já que ao longo de sua exposição, o autor-narrador-Castelar de Carvalho toma como pressuposto de imediato que todos estudantes conheceriam a delimitação feita por Saussure da *língua* em relação à *fala*, tendo a primeira como objeto de estudo para a Linguística. Além disso, ao longo da explicação, Carvalho apenas menciona o caráter homogêneo da *língua* e acrescenta: “e que, portanto, [a língua] se enquadra perfeitamente na sua definição basilar: a langue é um sistema de signos que exprimem ideias” (CARVALHO, 1976, p. 27). Não há menção em seu material sobre o caráter heterogêneo da *linguagem*, visto que esse termo será usado apenas quando o autor-narrador correlacioná-lo com o conceito de *fala*: “a parole, ao contrário da langue, Saussure a apresenta multifacetada e heterogênea” (CARVALHO, 1976, p. 27).

Mais um ponto interessante é observar como o conceito de *língua*, já tomado como objeto de estudo da ciência linguística, é apresentado no manual e como é disposto no CLG. No CLG temos a definição de *língua* como

um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, p. 41).

Ao trazer esse conceito, Saussure não deixa de comentar sobre as contribuições de Whitney sobre também considerar a língua como uma instituição ou algo social. Já no manual a *língua* é tomada a partir de três concepções: acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática e funcional, dando prioridade ao que seria a própria constituição da língua.

Carvalho, ao mobilizar essas três concepções, que não estão presentes inicialmente no CLG, tenta mostrar o que, segundo sua definição, estaria ligado ao conceito de *língua*. Ao explicar cada concepção, vemos excertos retirados integralmente do CLG. Assim, podemos notar:

#### A langue como acervo linguístico

A langue é uma realidade psíquica formada de significados e imagens acústicas; “*constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas*” [CLG, 23]<sup>30</sup>;

é “*um tesouro depositado pela prática da parole em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos*” [CLG, 21] [...] (CARVALHO, p. 26, *itálicos nossos*).

Um fato interessante de se observar neste excerto é o modo como o autor-narrador-Castelar de Carvalho define o conceito de *língua*, a saber: “a langue é uma realidade psíquica formada de significados e imagens acústicas”. Esse pequeno enunciado produzido por Carvalho, corrobora seu percurso de leitura de idealização, pois ao falar da noção de língua, ele traz também ao seu discurso princípios norteadores do conceito de signo linguístico, ou seja, a definição segundo Saussure de que o signo é a união de um conceito com uma imagem acústica.

Nesse sentido, ao observarmos a configuração da obra de Carvalho e suas condições de sua produção, vemos que esse acontecimento discursivo irrompe na história retomando discursos já ditos pelo CLG. Tais discursos são, entretanto, revisitados, retomados a partir de um outro efeito de sentido: o de uma idealização do CLG. Já em uma linguística institucionalizada, há uma relação de enunciador Castelar de Carvalho direcionado a alunos dos cursos de Letras (como enunciatários), que traz o Curso para o contexto brasileiro, mobilizando e descrevendo os conceitos mais relevantes segundo sua visão.

Ao fim de cada capítulo, o autor-narrador disponibiliza um “quadro resumitivo” em que detalha, genericamente, os principais conceitos que regem a *língua* e a *fala*, embora muitas vezes, a maioria das “palavras-chaves” colocadas no quadro não tenha sido mencionada ao longo do capítulo. Tal composição assevera nossa interpretação de que um dos objetivos da narrativa é trazer uma compreensão também didatizada dos pressupostos de Saussure na obra de 1916. Observamos:

Langue	Parole
--------	--------

<sup>30</sup> A numeração de página aqui empregada é diferente das outras, pois se refere à edição empregada pelo autor-narrador-Castelar de Carvalho. Preferimos manter tal numeração para que não houvesse problemas com as nossas citações ao longo da análise.

Social	Individual
Homogênea	Heterogênea
Sistemática	Assistemática
Abstrata	Concreta
Constante	Variável
Duradoura	Momentânea
Ideal	Inovadora
Permanente	Real
Supra-individual	Ocasional
Essencial	Acidental
Psíquica	Psicofísica

**Quadro 2** Oposição (criada) entre os conceitos de *língua e fala* no manual de Castelar de Carvalho

## Considerações finais

O tempo é o 'presente tripartido': o presente como o experienciamos, o passado como uma recordação presente ou atual e o futuro como uma expectativa também presente. Santo Agostinho. In: Manual de Linguística. Mattoso Câmara Junior.

É, pois, o CLG o norte e o fio condutor de nossa reflexão. Ao longo dos capítulos anteriores, procuramos, inicialmente, fazer um breve histórico do desenvolvimento teórico e metodológico da análise do discurso e seus importantes subsídios que também serviram de embasamento para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, procuramos mostrar alguns dos percursos do processo de institucionalização da linguística no Brasil, num contexto em que se firmavam como perspectivas teóricas a filologia e a dialetologia. Em seguida, empreendemos uma descrição sintética do material de análise bem como do lugar social onde é partilhado.

Nesse sentido, nosso objetivo principal foi investigar a recepção do *Curso de Linguística Geral* nos manuais de linguística brasileiros selecionados, tomando- como um *acontecimento histórico* que ao ser retomado, (re)dito, possibilita a emergência de novos discursos que o (re)contam e o (re)constroem em *acontecimentos discursivos*. Dito de outro modo, novos dizeres são produzidos, (re)significando as principais contribuições teóricas desenvolvidas na obra introdutória de F. de Saussure<sup>31</sup>. Destarte, tais acontecimentos discursivos, a fim de que possam ser produzidos e (re)significados, passam por diferentes narrativas dos acontecimentos que engendram os diferentes gestos de leituras e interpretação dos *autores-narradores*.

Os primeiros passos dados para a realização da análise discursiva foram balizados por uma questão de pesquisa mais ampla: em que medida os manuais de linguística selecionados, publicados a partir dos anos quarenta do século XX, que

---

<sup>31</sup> É importante ressaltar que as contribuições de F. de Saussure não se limitam apenas à obra póstuma de 1916. Atualmente, graças às novas descobertas e contribuições dos manuscritos e dos anagramas, novas possibilidades de dizer sobre o autor genebrino são possíveis, construindo um universo muito mais extenso e complexo sobre sua obra e seu exímio e importante trabalho, tão necessário para a descrição da ciência linguística.

buscavam explicar e/ou didatizar o pensamento saussuriano presente no CLG, contribuíram para a recepção desse acontecimento em solo brasileiro? Após a construção e o desenvolvimento do trabalho, notamos que o levantamento dos elementos relativos às leituras do *acontecimento CLG* contribuíram para a construção de diferentes narrativas em torno deste acontecimento, produzindo efeitos de sentidos que ora divulgam, simplificam ou didatizam, ora produzem um efeito de idealização, mobilizando um outro Saussure, próprio dos manuais de linguística.

O CLG, a partir de seu contexto editorial de produção, permite que novas abordagens frutifiquem para que possa ser abordado por meio de outros vieses. Desse modo, pensamos que tal recepção do CLG – enquanto um acontecimento – é regida por uma ordem, a da didatização, que se constrói nas diferentes narrativas do acontecimento, cujo foco é ensinar Saussure e o Curso aos estudantes de Letras e Linguística recorrendo às principais conceituações teóricas, em especial, as dicotomias saussurianas. São elas: língua e fala; significante e significado; sintagma e paradigma e; sincronia e diacronia. Essa ordem didática, a nosso ver, está intrinsecamente ligada ao modo de recepção dessa leitura do Curso nos manuais de linguística, que cria efeitos de sentidos diversificados por meio de diferentes construções narrativas.

Para nossa reflexão, tomamos essa recepção como um *acontecimento CLG*, que nos manuais de linguística coincide com um momento na história: o processo de institucionalização da disciplina linguística no Brasil. A nosso ver, tais materiais, de certa maneira, contribuíram também para o fazer ciência da época, isto é, para a construção do processo de descrição e divulgação da linguística no cenário brasileiro.

Nesse sentido, buscar na história certos acontecimentos não significa que estes não podem ser retomados e trazidos para novas discussões. Retomar o passado pode levar a (re)significar os acontecimentos e produzir novos efeitos de sentido no presente, novas interpretações contadas por diferentes *autores-narradores*. Assim, se pensarmos num período da história da linguística no contexto brasileiro, entendemos que houve certos momentos de desenvolvimento que conduziram à sua institucionalização na década de 1930, 1940 e 1950.

Se voltarmos nossa atenção às leituras feitas do CLG nos manuais de linguística brasileiros, podemos refletir, na medida do possível, que se trata de importantes reflexões e desenvolvimentos teóricos, em particular para o processo de formalização e desenvolvimento da linguística brasileira. Por meio de diferentes

gestos de interpretação, diferentes *autores-narradores* falam sobre a obra CLG no Brasil trazendo novas significações, por meio de novos acontecimentos discursivos. Podemos observar que diante daquele contexto repleto de novos acontecimentos e novas condições de produção, a leitura que tais manuais fazem do Curso coincide com o momento de institucionalização da linguística no Brasil. Por tal razão, os manuais de linguística adquirem importância para a época. Sua função de divulgação pôde seguir os rumos dessa nova disciplina que se desenvolvia no cenário brasileiro. Todavia, cada leitura, cada organização contribuiria para a construção de diferentes efeitos de sentido em torno do Curso, considerado, ainda hoje, por muitos estudiosos fonte de incessantes discussões.

No material que nos propomos analisar, pudemos observar que os diferentes efeitos de sentidos criados corroboraram essa ordem a que chamamos de “didática”, pois toda a composição dos materiais converge para o aspecto do ensino do CLG na comunidade científica brasileira. Desse modo, a partir dessa ordem, pudemos chegar a três diferentes efeitos, oriundos das narrativas que descreviam e (re)contavam o acontecimento CLG. São eles: efeito de divulgação/fundação de uma ciência linguística no Brasil proposto no manual de Mattoso Câmara Jr.; o efeito de simplificação criado na obra de Edward Lopes e; por fim, o efeito de idealização, midiaticização iniciado por Castelar de Carvalho. Dadas as características desta última obra, pudemos chegar a tais considerações por se tratar do primeiro manual diretamente dedicado a Saussure e ao Curso de 1916 desenvolvido no cenário brasileiro. Tal composição (abarcando suas reedições) contribuiu, de certo modo, para uma leitura do autor genebrino no Brasil num contexto em que se precisava falar sobre a obra que deu início aos estudos linguísticos. Ela, a sua maneira, ocupa um espaço significativo na descrição dos fatos narrados naquela época.

Ademais, constatamos que muito do que os *autores-narradores* produziram sobre as reflexões de Saussure no Curso de 1916, especialmente sobre os conceitos de *língua* e *fala*, referem-se sempre, direta ou indiretamente, ao CLG, a esse acontecimento histórico marcante. Desse ponto de vista, organizar tais narrativas sobre novos acontecimentos discursivos a partir do CLG contribui para que os discursos produzidos por meio dos manuais retomem e reforcem o caráter estrutural da obra original. A leitura feita nos manuais, apesar de trazer muito do que conhecemos da obra póstuma, (re)significa e conta sua história por um outro viés,

marcadamente pela ordem da didatização, contribuindo para que novos contornos em torno de Saussure e seu Curso existam.

Nossa investigação permite-nos chegar a algumas outras (in)conclusões. Para comprovar nossas hipóteses sobre o conceito de acontecimento, também é possível afirmar, com base na composição do material selecionado, que de uma maneira ou de outra, uma nova forma de dizer sobre a noção de acontecimento nos é possível. Poderíamos pensar, inicialmente, no conceito de *acontecimento metadiscursivo*, pois de fato, o que as narrativas produzem é a (re)construção da própria teoria do CLG, isto é, a divulgação e a propagação da própria teoria presente na obra de 1916. Seria, então, uma forma de a própria teoria, reconstruída na ordem do “vulgar”, comentar sobre si mesma, mostrando os caminhos, os passos para a sua compreensão, descrição e explicação. Tal recepção feita pelos manuais corrobora essa primeira consideração, pois toda a narrativa está ligada a sua ordem didática. A partir daí, a teoria saussuriana pode se mostrar bastante produtiva para novas investigações, não somente conceituais, mas também de natureza prática, por meio da utilização de seus pressupostos teóricos. Nesse sentido, a teoria fala de si, no interior das reflexões do *acontecimento CLG*.

Todas as ideias e proposições expostas até aqui podem ser tratadas em trabalhos futuros, esperamos com esta dissertação ter contribuído para as reflexões da linguagem no campo da AD, no que diz respeito à análise de uma das recepções do CLG no Brasil – encontrada nos manuais de linguística – que proporciona refletirmos que sua obra e, também a sua figura enquanto “autor”, ainda são objetos de muitos questionamentos que podem suscitar novas discussões. Além disso, nosso trabalho não tem como objetivo esgotar as discussões em torno do Curso, mas apenas instar novos questionamentos que contribuam para trazê-lo novamente aos debates teóricos e que possam refratar o momento atual de sua contribuição para a linguística, considerando outros materiais de análise, como os manuscritos, que atualmente têm sido objeto de estudo de muitos colegas de pesquisa.

Olhar para a história é colocar-se constantemente em novas significações de acontecimentos passados que ainda são recorrentes e importantes para a descrição de uma disciplina científica. O modo que tomamos esses acontecimentos é o que definirá nossa busca – por vezes incessante – trazendo novas perspectivas de trabalho.

Assim, como disse Goethe certa vez,

de tempos em tempos é preciso reescrever a história, não porque descobrimos fatos novos, mas porque percebemos aspectos diferentes, porque o progresso conduz a pontos de vista que deixam perceber e julgar o passado a partir de ângulos novos (citado por CANGUILHEM, 2002, p. 182 apud CRUZ., 2011).

Falar de F. de Saussure e de seu Curso é revisitar uma parte da história da linguística, recontada a partir de novas condições de produção em um tempo presente. Remontando a Santo Agostinho, é pensar o “passado como uma recordação do tempo presente” e com ele buscar novas interpretações, novos gestos de leitura que contribuam para (in)definir os caminhos de desenvolvimento de uma ciência.

## Referências Bibliográficas

ANGERMÜLLER, J. L'analyse du discours en Europe. In: BONNAFOUS, S.; TEMAR, M. **Analyse du discours et sciences humaines et sociales**. Paris: Editions Ophrys, 2007.

ACHARD, Pierre et al. Memória e produção discursiva do sentido. Trad. José Horta Nunes. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas; FFLCH, USP, 1998. 380p.

\_\_\_\_\_. História, estórias e historiografia da linguística brasileira, **Todas as letras**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/4526/3488>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Retrospectivas e perspectivas da historiografia linguística no Brasil, **Revista argentina de historiografia lingüística**, v. I, n. 2, p. 115-136, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar/Numeros/II-2009.html>>. Acesso em: fev. 2015.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982.

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. (Volume I).

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. La sémiologie linguistique de Saussure: une théorie paradoxale de la référence?, **Languages**, n. 107, p. 84-95, 1992.

\_\_\_\_\_. É necessário (re)ler Ferdinand de Saussure nos manuscritos originais. Entrevista de Laurent Wolf com Simon Bouquet, **Linguasagem**, São Carlos, n. 18, 2012. Trad. de Júlia Lourenço Costa. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/entrevista.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique, **LINX**, Paris, n° *spécial: Émile Benveniste vingt ans après*, p. 107-123, 1997. Disponível em: <[http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur\\_Saussure/Bouquet\\_Benveniste.html](http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Benveniste.html)>. Acesso em: 14 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais, **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25475>>. Acesso em: fev. 2015.

BOUISSAC, Paul. **Saussure**: um guia para os perplexos. Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Does Saussure still matter? 2010. Disponível em: <<http://projects.chass.utoronto.ca/semiotics/srb/bouissacsaussure.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975. 195 p.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARTIER, Roger. História e discurso em Michel Foucault (entrevista concedida a Welisson Marques). In: MARQUES, W.; CONTI, M.; FERNANDES, C. (Orgs.) **Michel Foucault e o discurso**: apontamentos teóricos e metodológicos. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CARVALHO, Castelar. **Para compreender Saussure**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. **Para compreender Saussure**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.

\_\_\_\_\_. **Para compreender Saussure**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CRUZ, Márcio Alexandre. A filologia saussuriana: debates contemporâneos, **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 107-126, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1680/1361>>. Acesso em: jun. 2014.

DASCAL, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da linguística**. São Paulo: Global, 1978.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In.: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. 235 f. Tese (Doutorado)– Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DE MAURO, Tulio. **Ferdinand de Saussure**: cours de linguistique générale. Paris:

Payot & Rivages, 1967.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo do signo, 1945/1966. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Linguística**. 2. ed. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970. 146 p.

\_\_\_\_\_. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

ENGLER, Rudolf. The making of the Cours de linguistique générale. In: SANDERS, C. (Org.). **Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 47-58.

ESCOBAR, Carlos Henrique. **Proposições para uma semiologia e uma linguística**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1973.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci (Orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. [1970]. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

\_\_\_\_\_. Retornar à história. In: MOTTA, M. (Org.). **Ditos & Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Volume II). p. 282-295.

GADET, François. [1987] **Saussure: une Science de la langue**. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

GODEL, Robert. [1957] **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. De Saussure**. 2. ed. Genebra: Libraire Droz, 1969.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

\_\_\_\_\_; KOGAWA, João Marcos Mateus. **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 352p.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. Coordenação e organização da tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. 250 p.

\_\_\_\_\_.; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no Discurso. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994. p. 163-184.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

KOERNER, E. F. Konrad. **Ferdinand de Saussure**: Génesis y evolution de su pensamiento e el marco de la lingüística occidental. Madrid: Gredos, 1982.

KUHN, Thomas S. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1962.

LAKATOS, Imre. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Orgs.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.

\_\_\_\_\_. History of science and its rational reconstructions. In: HACKING, Ian. (Org.) **Scientific revolution**. Hong-Kong: Oxford University, 1983.

LEROY, Maurice. [1963]. Les Grands Courants de la Linguistique Moderne. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles. (Trad. brasileira de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.).

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

LYONS, John. **Linguistique générale**: introduction à la linguistique théorique. Trad. Françoise Dubois-Charlier; David Robinson. Paris: Librairie Larousse, 1970. 382 p.

MAINGUENAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Maria Cecília Perez de Souza-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MILNER, Jean-Claude. Saussure – retour à Saussure. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Le périple structural**: figures et paradigme. Paris: Seuil, 2002. p.15-43.

NAVARRO, Pedro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

BORGES NETO, José. **Imre Lakatos e a metodologia dos programas de investigação científica**. 2008. Disponível em:

<[http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/para\\_download/Lakatos.pdf](http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/Lakatos.pdf)> Acesso em: 10 ago. 2014.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184p.

\_\_\_\_\_. **Convite à linguística**. FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.). Trad. de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática. Tradução Mária do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006. 272 p.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. O papel da memória. Trad. José Horta Nunes. In.: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010.

PORTELA, Jean Cristtus. A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil, **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 15-21, dez/2013. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/esse/article/view/69528>>. Acesso em: 12 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e os signos**. Comunicação, poética, semiologia: textos básicos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972. 134 p.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Volume 3).

PUECH, Christian. A emergência do paradigma semiótico-estrutural na França. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. 292 p.

ROSA, Guimarães. **A hora e a vez de Augusto Matraga**. In: Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

SARGENTINI, Vanice. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: \_\_\_\_\_; NAVARRO, P. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Língua Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, Fernando Lang. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos, **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 13, n. 3, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/7047>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Dispersos de Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

VULGAR. In: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Mini-dicionário Aurélio**. 4. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

VULGAR. In: MICHAELIS Dicionário online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=vulgarizar>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.